

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

VÂNIA CAROLINA GONÇALVES PALUMA

IDENTIDADE, MEMÓRIA E AUTOFIÇÃO EM *UNE SI LONGUE LETTRE*,
DE MARIAMA BÂ

UBERLÂNDIA

2020

VÂNIA CAROLINA GONÇALVES PALUMA

**IDENTIDADE, MEMÓRIA E AUTOFIÇÃO EM *UNE SI LONGUE LETTRE*,
DE MARIAMA BÂ**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutora em Estudos Literários.

Linha de pesquisa 1: Literatura, Memória e Identidades.

Orientadora: Professora Dra. Fernanda Aquino Sylvestre.

UBERLÂNDIA

2020

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

P184 2021	<p>Paluma, Vânia Carolina Gonçalves, 1988- IDENTIDADE, MEMÓRIA E AUTOFIÇÃO EM UNE SI LONGUE LETTRE, DE MARIAMA BÂ [recurso eletrônico] / Vânia Carolina Gonçalves Paluma. - 2021.</p> <p>Orientadora: Fernanda Aquino Sylvestre. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Literários. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.te.2021.264 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Literatura. I. Sylvestre, Fernanda Aquino, 1973-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós- graduação em Estudos Literários. III. Título.</p> <p>CDU: 82</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Literários - PPLET				
Defesa de:	Doutorado em Estudos Literários				
Data:	24 de fevereiro de 2021	Hora de início:	09:30	Hora de encerramento:	12:50
Matrícula do Discente:	11613TLT023				
Nome do Discente:	Vânia Carolina Gonçalves Paluma				
Título do Trabalho:	Identidade, memória e autoficção em <i>Une Si Longue Lettre</i> , de Mariama Bâ				
Área de concentração:	Estudos Literários				
Linha de pesquisa:	Linha de Pesquisa 1: Literatura, Memória e Identidades				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	O conto de fadas na contemporaneidade: leituras pós-modernas				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, composta pelos professores doutores: Fernanda Aquino Sylvestre da Universidade Federal de Uberlândia / UFU, orientadora da candidata (Presidente); Josilene Pinheiro-Mariz da Universidade Federal de Campina Grande / UFCG; Brenda Carlos de Andrade da Universidade Federal Rural de Pernambuco / UFRPE; Kenia Maria de Almeida Pereira da Universidade Federal de Uberlândia / UFU; Flávia Andréa Rodrigues Benfatti da Universidade Federal de Uberlândia / UFU.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Prof.^a Dr.^a Fernanda Aquino Sylvestre, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Estudos Literários.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Josilene Pinheiro Mariz, Usuário Externo**, em 24/02/2021, às 12:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Brenda Carlos de Andrade, Usuário Externo**, em 24/02/2021, às 12:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavia Andrea Rodrigues Benfatti, Professor(a) do Magistério Superior**, em 24/02/2021, às 12:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Kenia Maria de Almeida Pereira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 24/02/2021, às 12:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Aquino Sylvestre, Professor(a) do Magistério Superior**, em 24/02/2021, às 12:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vânia Carolina Gonçalves Paluma, Usuário Externo**, em 24/02/2021, às 13:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2582810** e o código CRC **52D4E12E**.

IDENTIDADE, MEMÓRIA E AUTOFICÇÃO EM *UNE SI LONGUE LETTRE*, DE MARIAMA BÂ

RESUMO

A tese intitulada “Identidade, memória e autoficção em ‘*Une Si Longue Lettre*’, de Mariama Bâ” teve como objetivo estudar a obra “*Une si longue lettre*” (1979), da autora senegalesa, sob a perspectiva de um olhar autoral feminino para a sociedade africana. As questões culturais, bem como os diversos aspectos sociais relativos à mulher, que emergem do texto de Bâ, foram analisados à luz da articulação entre a (re)construção identitária, a memorialística e a autoficção, considerando-se a possibilidade de contato entre as temáticas apresentadas e os eventos biográficos de Mariama Bâ, possível porta-voz de uma sociedade feminina senegalesa. Verificou-se, *a priori*, as questões sociais que emanam da obra de Bâ e apontam para um construto de identidades, seja pela ação presente da narrativa ou pelo exercício da memória, defrontando-se com a dualidade da (re)afirmação de uma identidade social tradicional e a tentativa de rompimento com esses princípios. Foi nesse contexto e diante de uma fortuna crítica referente à autora que se propôs pesquisar essa obra ainda pouco difundida no Brasil. O estudo realizado respondeu às seguintes perguntas: teria Mariama Bâ se baseado em aspectos da sua vida pessoal para a escrita de “*Une si longue lettre*”? A personagem Ramatoulaye poderia ser analisada como uma porta-voz de tantas outras vozes senegalesas silenciadas? A partir desses questionamentos, foram averiguadas possíveis relações entre o presente histórico e pessoal da escritora com a obra. Posteriormente à escrita do romance, a filha de Mariama Bâ, Ndiaye (2007), em “*Les allés d’un destin*”, em uma biografia sobre a sua mãe, apresentou aspectos da vida da autora de “*Une si longue lettre*”, que podem revelar pontos de contato existentes entre a biografia da escritora e a narrativa. Em outras palavras, procurou-se constatar se o romance de Mariama Bâ poderia ser lido, em certa medida, como autoficcional, que é a hipótese desta tese.

Palavras-chave: “*Une si longue lettre*”. Mariama Bâ. Identidade. Memória. Autoficção.

IDENTITÉ, MÉMOIRE ET AUTO-FICTION EN UNE SI LONGUE LETTRE, DE MARIAMA BÂ

RÉSUMÉ

La thèse intitulée "Identité, mémoire et auto-fiction en "Une si longue lettre" de Mariama Bâ", a eu pour but d'étudier l'ouvrage "Une si longue lettre" (1979), de l'auteure sénégalaise, sous la perspective d'un regard d'auteure féminine sur la société africaine. Les questions culturelles, ainsi que les différents aspects sociaux relatifs aux femmes, qui émergent dans son texte, ont été analysées selon articulation entre la (re)construction identitaire, mémorialiste et l'auto-fiction, en considérant la possibilité de contact entre les thématiques présentées et les événements biographiques de Mariama Bâ, possible porte-parole d'une société féminine sénégalaise. L'étude cherche à analyser, a priori, les questions sociales émanant de l'ouvrage ici étudiée et qui signalent par la construction d'une identité, soit par l'action présente dans le récit, soit par l'exercice de mémoire, et en confrontant avec la dualité de la (re)affirmation d'une identité sociale traditionnelle et la tentative de rompre avec ces principes. C'est dans ce contexte et face à diverses critiques par rapport à l'auteure que nous avons proposé l'analyse de cette ouvrage si riche culturellement et encore peu connue au Brésil. Appuyé sur cela, l'étude a cherché à répondre aux questions suivantes: Mariama Bâ se serait-elle basée sur les aspects de sa vie personnelle pour écrire "Une si longue lettre"? Le personnage Ramatoulaye peut être analysé seulement comme une porte-parole de tant d'autres voix sénégalaises silencieuses? A partir de ces questions, on a vérifié les rapports possibles entre le présent historique et personnel de l'auteure avec l'ouvrage. Après l'écriture du roman, la fille de Mariama Bâ, Ndiaye (2007), en "Les allées d'un destin", sur la vie de sa mère, présente des aspects de la vie de l'auteur de "Une si longue lettre", qui peuvent révéler des points de contact existant entre la vie de l'écrivain et le récit. En d'autres termes, on a cherché à vérifier si le roman de Mariama Bâ pourrait être lu, dans une certaine mesure, comme de l'auto-fiction, ce qui est l'hypothèse de cette thèse.

Mots-clés: *Une si longue lettre. Mariama Bâ. Identité. Mémoire. Auto-fiction.*

*Dedico esta tese ao meu filho, pela
inspiração durante este período, aos
meus pais, pelo incentivo de sempre
para estudar, ao meu marido, pelo
apoio, e ao meu irmão, por ser o meu
exemplo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me deu forças para continuar e permitiu que eu chegasse até aqui.

Ao meu filho, Gabriel Paluma Vasquez, que foi a inspiração para que eu conseguisse prosseguir. Quando eu achava que o caminho desta tese estava difícil, era por você que eu tentava mais uma vez. Você chegou em meio ao doutorado e foi o melhor presente que eu poderia receber na vida. Obrigada por me ensinar tanto, todos os dias, pelo amor que demonstra por mim e por me possibilitar sentir esse amor tão grande.

Ao meu marido, Victor Patrício Rivera Vasquez, que me apoiou tanto, cuidando do nosso filho enquanto eu escrevia esta tese. Obrigada por compreender a importância desta fase acadêmica para mim.

Aos meus pais, Vânia dos Reis Gonçalves Paluma Rocha e Nelson Paluma Rocha, que sempre me incentivaram a estudar. Obrigada por acreditarem tanto em mim, pelo amor e carinho que me deram e por serem exemplos de bondade, dedicação e força.

Ao meu irmão, Thiago Gonçalves Paluma Rocha, que sempre foi um exemplo de dedicação, amizade e apoio. Obrigada por me ensinar tanto e me escutar. Também agradeço às minhas sobrinhas, Cecília Paluma Demori e Elisa Paluma Demori, e à Juliana Demori de Andrade, por todo o carinho que destinam a mim.

Às minhas amigas Alessandra Brandes, Tamara Gonçalves e Thais Martins pelo apoio a sempre continuar e pela companhia tão boa de vocês. Também agradeço à minha amiga Marília Freitas, que está ao meu lado desde a graduação até o doutorado, pelas conversas sobre a tese e incentivo a seguir em frente.

À minha orientadora, Fernanda Aquino Sylvestre, que aceitou me orientar e sempre me auxiliou com tanta dedicação e gentileza. Muito obrigada por me incentivar tanto, pelos livros indicados e pelas leituras atentas da minha tese. A senhora é um exemplo de professora/orientadora e eu te agradeço muito por tudo o que fez por mim.

Às professoras Flávia Andrea Rodrigues Benfatti e Kenia Maria de Almeida Pereira, que participaram da minha qualificação, pelas sugestões tão valiosas que fizeram nessa avaliação. Obrigada pela contribuição para esta pesquisa.

Ao Programa de Doutorado em Estudos Literários pela possibilidade de realizar este doutorado e à Universidade Federal de Uberlândia, por me acolher desde a graduação.

“A literatura [...] é, foi e continuará sendo, enquanto existir, um desses denominadores comuns da existência humana, graças à qual os seres vivos se reconhecem e dialogam, independentemente de quão distintas sejam suas ocupações e seus desígnios vitais, as geográficas, as circunstâncias em que se encontram e as conjunturas históricas que lhe determinam o horizonte.”

(LLOSA, 2009)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Bâ no evento que foi homenageada e o seu nome virou a nomenclatura da L'école normale.....	25
Figura 2: Retrato de Mariama Bâ na Casa de Educação Mariama Bâ	25
Figura 3: Mariama Bâ discursando na École normale de Rufisque	26
Figura 4: Mariama Bâ e o seu marido Obèye Diop, por volta de 1958	27
Figura 5: Bâ no Club Soroptimiste de Dakar	28
Figura 6: Bâ antes de um discurso na jornada da mulher senegalesa	29
Figura 7: Bâ no Legoffiènes	29
Figura 8: Bâ na criação da Fédération des Associations Féminines du Senegal (FAFS)	29
Figura 9: Mariama Bâ por volta de 25 anos.....	30
Figura 10: Foto de Mariama Bâ.....	30
Figura 11: Mariama Bâ recebendo o prêmio Noma	31
Figura 12: O Islamismo no Mundo	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1: CONTEXTUALIZAÇÃO DE “UNE SI LONGUE LETTRE”: ASPECTOS BIOGRÁFICOS DE MARIAMA BÂ E ANÁLISE DA NARRATIVA.....	21
1.1 Conhecendo a autora: Elementos biográficos de Mariama Bâ	21
1.2 Contextualizando “ <i>Une si longue lettre</i> ”	30
1.2.1 Estudos que abordam “ <i>Une si longue lettre</i> ”	35
1.2.2 Análise da narrativa.....	37
1.2.2.1 Entre os preceitos sociais e as questões afetivas: O papel das personagens femininas na construção identitária.....	45
1.2.2.2 A representação feminina na obra de Mariama Bâ em um contexto islâmico.....	65
1.2.2.3 A literatura de autoria feminina: teoria e pressupostos	85
CAPÍTULO 2: A ESCRITA DE SI NA OBRA “UNE SI LONGUE LETTRE” DE MARIAMA BÂ	102
2.1 Uma questão conceitual - Autobiografia, Escrita de si e Autoficção .	103
2.2 A possibilidade de autoficcionalização na análise de Ramatoulaye .	108
2.3 <i>Les allés d’un destin</i> : a ficção em compasso com a realidade	115
CAPÍTULO 3: MEMÓRIA X IDENTIDADE NA OBRA “UNE SI LONGUE LETTRE” DE MARIAMA BÂ	120
3.1 A escolha epistolar memorialística como manobra narrativa em “ <i>Une si longue lettre</i> ”	120
3.1.1 O limiar entre a escrita de um diário e de uma longa carta	127
3.2 A (re)construção da memória e a sua relação com o gênero adotado.....	129
3.3 A identidade construída a partir da reflexão da memória	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
REFERÊNCIAS	146

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *“Une si longue lettre”* da autora senegalesa Mariama Bâ, escrita em 1979, observando os pontos de contato existentes entre o romance e a vida da autora. Pretende-se, nesse sentido, estudar o que ocorre na obra de ficção, na perspectiva da personagem principal Ramatoulaye, no que tange aos aspectos desvelados, a partir da biografia da autora, representados no livro. Ademais, busca-se averiguar a maneira que a memória e a identidade são trabalhadas nessa narrativa.

“Une si longue lettre” evidencia fatores importantes¹ no contexto de escrita de autoria feminina africana, uma vez que Mariama Bâ foi uma das pioneiras a romper com um paradigma de autoria exclusivamente masculina no Senegal e na África em geral. Isso perdurou até os anos de 1980, aproximadamente.

Após esse período, ainda que timidamente, a literatura escrita por mulheres começou a surgir e ganhar espaço no contexto editorial literário dentro e fora da África. Como um importante nome frente a esse novo modo autoral, Mariama Bâ ofereceu uma grande contribuição com *“Une si longue lettre”*, sendo legitimada ao ganhar o prêmio Noma, em 1980, e ao ser traduzida para 17 línguas². Outro aspecto relevante é o fato de que sua obra já está, na língua francesa, na sua 10ª edição, sendo utilizada em universidades africanas, bem como nos Estados Unidos, Canadá e Europa, como destaque da literatura africana (NDIAYE, 2007). Ainda conforme Ndiaye (2007), a obra ganhou os palcos, tornando-se peça de teatro, alcançando grandes proporções ao ser filmada para o cinema.

Com *“Une si longue lettre”*, como supracitado, depreende-se a importância da autora no contexto de escrita feminina africana de língua francesa. Mariama Bâ foi umas das precursoras dessa literatura no Senegal, trazendo para a sua narrativa uma temática sobre o contexto da mulher, as suas preocupações, anseios e sentimentos, que são colocados em xeque para serem analisados na sua obra.

¹ A escrita de Mariama Bâ é importante, pois no livro são abordadas temáticas culturais relevantes, como a poligamia, o papel social da mulher, dentre outros assuntos essenciais para uma contextualização da obra e que, como será na tese abordado, poderiam servir como uma forma de denúncia social.

² Inglês, Checo, Servo croata, Alemão, Sueco, Russo, Japonês, Árabe, Finlandês, Holandês, Búlgaro, Norueguês, Dinamarquês, Italiano, Romeno, Espanhol e Swahili. (NDIAYE, 2007, p. 178-179) - A obra ainda não foi traduzida ou publicada em Língua Portuguesa.

A produção literária de Bâ possibilita ao leitor imergir em questões relevantes dentro do contexto social africano, referentes aos costumes e práticas culturais existentes no Senegal, por exemplo, o papel da mulher dentro desse cenário e tudo o que é a ela relacionado, como os cuidados familiares, a submissão (a busca por ser, de algum modo, transgredida), a poligamia, dentre outros fatores fundamentais do entorno da autora e servem de esteio para as reflexões de Ramatoulaye, protagonista da obra.

Em suma, o romance narra a história de Ramatoulaye, uma senegalesa que recentemente ficara viúva e escreve para a sua amiga, Aïssatou, uma longa carta, contando sobre tudo o que lhe ocorrera durante um tenebroso tempo da sua vida.

No romance epistolar é relatado como a protagonista foi trocada pelo seu marido, por uma mulher mais jovem, tendo que conviver com uma questão que não é ponto pacífico para a personagem principal: a poligamia³. O seu marido, Modou, casara-se com a amiga de uma das suas filhas e passou a conviver somente com essa mulher, renegando Ramatoulaye, sua vida pretérita, sua casa e aos seus filhos, embora continuasse casado com ela.

Durante esse tempo, Ramatoulaye passa por dificuldades financeiras para sustentar os seus filhos. Ela enfrenta a humilhação de ter sido preterida pelo marido (pelo julgamento social de ser uma mulher solitária) e pelo sofrimento de ter que abafar esse amor ainda existente pelo homem que a renegara.

Ramatoulaye vive um sofrimento interno, por reprimir os seus sentimentos, deixando o papel de abandonada e vista como frágil para obter o seu próprio sustento e o da sua família. Assim, a protagonista passa de uma personagem hostilizada e fragilizada, após o abandono, para uma personagem forte que, pelo seu esforço e persistência, difere-se de algumas mulheres com as quais convive. Isso se dá em decorrência da sua conduta e transgressão, do que se esperava socialmente da mulher, nesse contexto.

Embora se possa considerar essa conduta relativa, pois ela sucumbe ao peso da tradição, em alguns momentos, rompe com esse contexto pré-estabelecido. Isso ocorre, por exemplo, quando Ramatoulaye necessita enfrentar uma fila de banco para

³ Apesar da religião islâmica legitimar a poligamia, esse não é um ponto pacífico para algumas mulheres em "*Une si longue lettre*", uma vez que apesar das segundas esposas serem, de certo, obrigadas a aceitarem essas condições, para as primeiras mulheres isso se torna um sofrimento, sentimento compartilhado por todas as personagens femininas (que são as primeiras esposas) da narrativa.

pagar as contas. Tal ação, na obra retratada, de acordo com o patriarcado islâmico cultural, é uma responsabilidade cultural exclusivamente masculina, e não é, portanto, uma atividade da mulher.

A exemplo da força feminina mencionada acima, Ramatoulaye se inspira em uma mulher extremamente fortalecida pela sua dor. Ela muda totalmente a sua vida ao não aceitar que o seu marido tenha uma coesposa. Essa personagem, para quem Ramatoulaye escreve a sua longa carta, é a sua melhor amiga, Aïssatou.

É para ela que a protagonista resolve relatar sobre o que lhe pesa o ser e é só pela sua escrita que o leitor conhece o enredo. Desse modo, a longa correspondência e história vivenciada é contada apenas por Ramatoulaye. Não há registro de uma carta com a resposta de Aïssatou.

A vida inspiradora de Aïssatou motiva, de certa maneira, Ramatoulaye a seguir em frente como mulher, mesmo depois de viúva. A personagem principal se permite romper com valores culturais impostos, a exemplo de não aceitar o seu cunhado como marido ou não querer se casar com um homem apaixonado por ela, pois ele já era casado.

Ramatoulaye experimenta, no percurso da escrita da carta, uma essencial transformação: de uma mulher submissa às vontades do marido e disposta a ser apenas uma dentre as esposas de Modou, para vivenciar um papel de mulher que, ao seu modo, transgride, nesse período vivido, os valores sociais a ela cristalizados.

É a partir da sua percepção que a protagonista desenvolve a narrativa e apresenta para Aïssatou (e, conseqüentemente, para o leitor) o que sente/sentiu, vive/viveu:

O narrador em primeira pessoa, por ser uma voz privilegiada dentro do processo cognitivo, procura recuperar o tempo passado, compreendendo, justificando ou tentando promover um acerto de contas, apresentando os fatos de maneira própria, uma vez que apenas a sua opinião que está sendo evidenciada (ZINANI, 2006, p. 40).

De certa maneira, Ramatoulaye se torna uma espécie de espelho de Aïssatou ao abdicar-se da vida de submissão e aceitação, para ser dona da sua própria história. Ela assume o papel matriarcal familiar, nesse novo momento da sua vida.

Quando jovens, as duas personagens já contrariavam o que era socialmente recorrente - elas estudaram e escolheram os seus maridos. Essa situação não é possível a todas as mulheres nessa narrativa, mas, por uma escolha de subverter o

que já é sedimentado, elas conquistam tais direitos. Além dessa transgressão do passado, há outra atual e de cunho cultural que ocorre. A personagem principal se insere em uma sociedade que recusa o protagonismo feminino, mesmo assim, ela passa a assumir atribuições que seriam masculinas, no contexto da narrativa, quando é abandonada. Ademais, após a morte de Modou, Ramatoulaye opta por não se casar novamente. Ela cria os seus filhos de uma forma mais liberal e respeitosa quanto às suas escolhas. Nesses exemplos podem ser observadas desobediências ao que já é socioculturalmente fixado.

De uma forma peculiar, Ramatoulaye ganha voz dentre aquelas oprimidas, tornando-se uma espécie de porta-voz de uma série de valores renegados às mulheres. Ela se torna, assim como Aïssatou, um exemplo para as filhas e para a sociedade como um todo. Dito de outro modo, a protagonista mostra a maneira como a personagem está disposta a viver, de tornar-se uma forma de orgulho para si mesma e para outras mulheres em situações análogas de imposição sociocultural, como se nota no trecho abaixo:

No momento em que a mulher se apropria da narrativa, externando seu ponto de vista, passa a questionar as formas institucionalizadas, provendo uma reflexão sobre a história silenciada e instituindo um espaço de resistência contra as formas simbólicas de representação por meio da criação de novas formas representacionais. Dessa maneira, as mulheres promovem uma ruptura com a tradição da cultura patriarcal, por meio da utilização de um discurso do qual emerge um novo sujeito com outras concepções sobre si mesmo e sobre o mundo (ZIZANI, 2006, p. 30).

Pode-se perceber em Bâ, o seu desejo pela conquista de um espaço social, com mais liberdade de escolha para as mulheres, o que, de algum modo, romperia com os valores patriarcais há tanto tempo arraigados na cultura senegalesa, como em várias outras culturas. Tais aspectos são ressignificados por Ramatoulaye e podem representar uma espécie de reverberação do discurso da autora, que convive com o papel socialmente atribuído à mulher. Ramatoulaye imprime na sua voz, tantas outras vozes ecoantes em uma sociedade patriarcal que silencia o posicionamento feminino diante das questões sociais a elas imposta e ponto de incômodo para a autora Mariama Bâ. Essa é uma questão retratada no livro biográfico escrito pela sua filha, após a publicação de *“Une si longue lettre”*. Mame Coumba Ndiave (a filha da autora) escreve sobre a mãe e afirma: “Cabe a nós, mulheres, tomar o nosso destino nas

nossas mãos para transformarmos a ordem estabelecida, em nosso detrimento, e não apenas sofrê-lo” (NDIAYE, 2007, p. 117⁴)⁵.

“*Une si longue lettre*” é uma só carta longa e escrita em vários momentos, de Ramatoulaye para a sua amiga Aïssatou em um período denominado como *Mirasse*, momento de clausura após a sua viuvez e serve, ao mesmo tempo, como um meio de libertação e autoconhecimento do que se espera de si e do que não mais se aguarda do outro. É nesse sentido que o *Mirasse* poderia ser entendido, ainda que com sua reclusão física, como uma libertação psicológica, permitindo-lhe ser uma nova personagem da sua própria história; a única que pode torná-la a mulher que ela deseja ser, dona das suas escolhas, valores e preceitos morais não mais pautados, tão somente, na perspectiva sociocultural arraigada.

Assim, pode-se depreender que as reflexões memorialísticas, possibilitadas pelas lembranças do momento da escrita da carta, propiciam uma nova identidade para Ramatoulaye, permitindo-lhe a palavra em um momento no qual a mulher não possuía o direito de dizer “não”, de recusar o que lhe era imposto e, principalmente, de poder dizer o que pensava ou verdadeiramente sentia. Pela escrita Ramatoulaye se liberta, ainda que apenas naquela longa carta, das amarras sociais que buscam aprisionar a protagonista. Pela rememoração, ela reflete sobre si mesma.

Nesse sentido, as memórias de Ramatoulaye se tornam, de certo modo, libertadoras para ela. Ao refletir sobre os abusos psicológicos vividos, a protagonista consegue se refazer, ainda que parcialmente, frente às imposições sociais. Dessa maneira, cria-se para a personagem uma nova identidade, fortificada. A partir da memória se constrói essa nova e independente Ramatoulaye, que refuta o que lhe é imposto e assume uma nova conduta e modo de ser. Revestida dessa nova identidade, Ramatoulaye se torna uma importante combatente dos valores arraigados, passíveis de análise e contestação.

É necessário explicar que a protagonista, sob um ponto de vista identitário, passa por importantes fases de transição. Na juventude, ela e a sua amiga Aïssatou eram jovens libertárias. Elas tiveram certo poder de escolha em relação à opção por frequentarem a escola, irem a festas, decidir sobre os seus respectivos namorados, futuros maridos, dentre tantos outros acontecimentos que, na época, as destoavam

⁴ Todas as traduções realizadas na tese foram feitas pela pesquisadora deste trabalho.

⁵ “*C’est à nous, femmes, de prendre notre destin en main pour bouleverser l’ordre établi à notre détriment et ne point le subir*”.

das outras garotas, da mesma idade. Após o casamento, Ramatoulaye sucumbe ao peso da tradição e vive como uma esposa capaz de aceitar, até mesmo o que a ela mais lhe pesava - conviver com o fato de o marido ter outra vida conjugal.

Posteriormente, a personagem principal escolhe a via da libertação, mesmo com todo o ônus e implicações, fato que prova ao não se casar com o irmão do seu marido viúvo - quando assim mandava a tradição -; quando ela vai ao cinema sozinha e recebe olhares reprovadores, pelo fato de a mulher sair sem uma presença masculina ao lado, ou ainda, quando a protagonista recusa a se casar com um homem apaixonado por ela, mas não aceita fazer parte de um relacionamento poligâmico. Contudo, essas mudanças e essa nova vida estão apenas começando.

A escrita de Bâ se faz presente em um período de emergência da literatura feminina na África, aproximadamente na década de 80. Nessa época, a mulher africana começa a ter certa evidência e Bâ aborda questões relativas à sociedade da qual faz parte, denunciando e propondo alternativas para a realidade vivenciada. Esse é um momento histórico, no qual a escrita feminina africana atinge um novo patamar na literatura africana e mundial, conseguindo legitimação pelos prêmios e traduções para outras línguas.

Em meio a essa efervescência da escrita feminina africana, Mariama Bâ utiliza a obra *“Une si longue lettre”* para apresentar questões socioculturais subjacentes ao contexto abordado na narrativa. Com base nisso, é importante um estudo que responda às seguintes perguntas: teria Mariama Bâ se baseado em aspectos da sua vida pessoal para a escrita de *“Une si longue lettre”*? Ramatoulaye pode ser analisada apenas como uma porta-voz de tantas outras vozes e identidades silenciadas?

Após a morte de Mariama Bâ, a sua filha Ndiaye (2007), na obra *“Les allés d'un destin”*, escrita sobre a sua mãe, revela aspectos da vida da autora de *“Une si longue lettre”*, e estabelece alguns pontos de contato existentes entre situações específicas da vida da escritora e da narrativa. Assim, se verificará neste trabalho, se o romance de Mariama Bâ poderia ser lido, em certa medida, como uma obra autoficcional.

Nesse sentido, este trabalho volta-se a *priori* para o estudo das questões sociais presentes em *“Une si longue lettre”*, sobre os aspectos identitários, memorialísticos e concernentes à autoficção.

Busca-se investigar a construção da identidade no texto de Mariama Bâ, por uma escrita memorialística e avaliar os pontos de contato da autora com *“Une si longue lettre”*.

Quanto às narrativas de Bâ, especificamente, poucos trabalhos acadêmicos foram encontrados abordando *“Une si longue lettre”*. Não foram localizados, até o momento, pela pesquisadora deste projeto, estudos teórico-acadêmicos, como dissertações ou teses no Brasil referentes às temáticas aqui apresentadas, demonstrando-se, assim, a importância deste estudo.

Diante do supracitado, neste trabalho, particularmente no primeiro capítulo, realizou-se uma apresentação da autora. Trata-se de um estudo contextualizando a narrativa, apresentando aspectos da obra, os conceitos pertinentes à representação feminina no contexto islâmico de *“Une si longue lettre”* e como se deu a emergência da literatura africana. Esse percurso foi necessário para a realização posterior, nesta tese, de uma análise mais detalhada das temáticas aqui abordadas. Para tanto, foram utilizados os seguintes autores: Bâ (1979a; 1979b; 1981), Ndiaye (2007), Larrier (1991), Reuter (2002), Kapi (2006), Ahmed (2001), Amissine (2015), Haaker (2013), Brahimi e Trevarthen (1998), Volet (1992; 2007), Guèye (1998; 2013), Kamara (2001), Mortimer (1990; 2007), Engelking (2008), Nunes (1992), Borgomano (1987), Zizani (2006), Castells (1999), D’Onofrio (1978), Casa África ([s.d]), Bourdieu (2012), Zolin (2005), Rossi (2011), Nye (1995), Butler (2012), Ribeiro (2018), Goredema ([s.d.]), Tagliacozzi (2007), Kesteloot (2001), Bonnici (2005), Souza (2019), Schimid (1994), Showalter (1994), Soares (1988), Nnaemeka (1997), Ruthven (2012), Paulme (1996), Gaarden, Hellern e Notaker (2005), Armstrong (2008), Alcorão ([s.d.]), Senegal (1978); UNESCO ([s.d.]) Ijere (1987), Adama (2015), Fall (1987), Goldenberg (2004), Gomez-Perez (1994), Moi (1989), Hooks [s.d.] e N’diaye (2017).

No segundo capítulo, foi realizada uma análise da teoria da escrita de si, da autobiografia e da autoficção, temas essenciais para se realizar uma classificação do que poderia ser *“Une si longue lettre”* e as possibilidades de pontos de contato com essa obra. Para tanto, foram estudados autores, como: Lejeune (1991; 2002), Fraedrich (2016), Duque-Estrada (2009), Doubrovsky (2013), Gonçalves (2020), Alberca (2006), Klinger (2006), Rago (2013), Arfuch (2010), Ndiaye (2007) e Bâ (1979b).

No último capítulo, concernente à memória e à identidade, estudou-se como se realiza a escolha epistolar memorialística como gênero narrativo eleito, em *“Une si longue lettre”*, pautado tão somente nas rememorações de Ramatoulaye, pela longa carta. Para a análise da teoria epistolar foram pesquisados autores como Araújo (2011), Oliveira (2020), Gomes (2004), Harouche-Bouzinac (2016), Larrier (1991),

Foucault (1992), Jankowsky (1976), Lejeune (1997), Liberali (1999) e Santiago (2006). Para estudar os conceitos relativos à memória, foram escolhidos autores como Bergson (2006), Richard (2002), Bosi (1994) e Maluf (1995). Ainda neste capítulo, foi analisado como a identidade feminina é construída, no que tange às personagens, pelas memórias e, conseqüentemente, pelas reflexões realizadas em relação a uma autoanálise da sua trajetória. Evidencia-se como Ramatoulaye, nessa perspectiva, se reconstitui enquanto mãe, mulher, esposa, cunhada, amiga, dentre vários outros papéis sociais a ela atribuído. Para a análise da identidade foram utilizados teóricos como: Candau (2012), Cuche (1999), Figueiredo (2010), Mbembe (2014), Bauman (2005), Woodward (2000) e Hall (2006).

CAPÍTULO 1: CONTEXTUALIZAÇÃO DE “*UNE SI LONGUE LETTRE*”: ASPECTOS BIOGRÁFICOS DE MARIAMA BÂ E ANÁLISE DA NARRATIVA

O presente capítulo apresenta a autora senegalesa Mariama Bâ, as suas produções publicadas e os aspectos concernentes à sua biografia. A próxima seção realiza uma análise da obra “*Une si longue lettre*”, que se faz necessária pela pouca divulgação deste livro no contexto literário brasileiro, uma vez que tal narrativa não é encontrada facilmente no país, sendo o seu enredo pouco conhecido. Ainda no sentido de análise, serão observadas as personagens femininas e o contexto islâmico que permeia “*Une si longue lettre*”, elementos necessários para se compreender o contexto sociocultural da narrativa. Por fim, nessa parte, será apresentada a literatura de autoria feminina, sob um viés temático tratado nesse contexto e na obra aqui analisada de Mariama Bâ.

1.1 Conhecendo a autora: Elementos biográficos de Mariama Bâ

Mariama Bâ nasceu no dia 17 de abril de 1929, na cidade de Dacar, capital do Senegal. Sua mãe - Fatou Kiné Gaye - faleceu de peste, quando Mariama Bâ tinha quatro anos. Posteriormente à perda prematura da sua mãe, o seu pai Amadou Bâ, a criou com o auxílio da sua avó materna, Coumba Diaw Dior (NDIAYE, 2007).

A infância de Bâ marca muito a sua vida, pois ela alicerça os seus valores e condutas identitárias no construto recebido nesse período. A educação tradicional da sua avó, em contraposição com outra mais liberal do pai, fazem parte da história de Mariama Bâ e influenciam a autora na sua escrita. “Essas mesmas memórias da infância, que constituem os seus primeiros marcos, estabelecerão as bases para o universo romanesco de Mariama Bâ” (NDIAYE, 2007, p. 19)⁶. Sobre as lembranças do pai e da avó, Mariama Bâ descreve:

O que devo ao meu pai:
além da minha escolaridade, o meu pai fortaleceu minha educação. Um homem comprometido, mas também das letras, meu pai me ensinou a ler. Uma enxurrada de livros acompanhou o seu regresso a casa. Foi com ele que aprendi a me expressar oralmente. Ele queria que eu recitasse em francês o que eu havia aprendido e nunca se cansava de me parar e me corrigir. Tenho uma lembrança vívida de

⁶ “Ces souvenirs même de l'enfance, qui constituent ses premiers repères, vont jeter les bases de l'univers romanesque de Mariama Bâ”.

Dahomey (agora Benin), onde ele me levou com ele e onde ficamos muito tempo por causa da Segunda Guerra Mundial.

O que devo à minha avó:

uma fé religiosa e um forte senso de virtude e honra. Omitirei os detalhes chatos da vida de uma professora da escola primária, de uma esposa e de uma mãe (BÂ, 1981, p. 7)⁷.

Mariama Bâ reforça o acolhimento e a preocupação do pai - ainda que em uma sociedade patriarcal, é ele (e não a matriarca da família) quem a incentiva a estudar - com a sua aprendizagem, em um ensino formal. Da sua avó, a autora de *“Une si longue lettre”* se recorda dos ensinamentos sobre fé e valores, mas prefere não comentar sobre aspectos discordantes à Coumba Diaw Dior.

Uma forte interferência da sua infância nas suas narrativas se dá em relação ao tema da poligamia. Após a morte do seu primeiro marido, a sua avó se casa com o primo dele, Hadji Macoumba Diop, e se torna a segunda esposa. Nesse meio, Mariama Bâ percebe o ressentimento e a amargura advindos de tal posição à Coumba Diaw Dior relegados (NDIAYE, 2007). Essa temática tanto faz parte das memórias da infância, que Mariama Bâ, posteriormente, luta contra a poligamia nos seus textos, cujo tema central faz parte das duas narrativas escritas pela autora.

Mariama Bâ nasceu em uma abastada e tradicional família mulçumana e dela recebeu os ensinamentos, os valores da religião e a conduta que a mulher, segundo a criação da sua avó materna, deveria seguir para um futuro casamento. Foi graças ao seu pai que Bâ pôde ingressar no âmbito escolar, sendo uma espécie de pioneiro da emancipação feminina, na família deles, quando a encorajou a estudar, enquanto todo o restante da família contrariava a sua determinação (NDIAYE, 2007).

Em uma entrevista, quando perguntada "Quem é você, Mariama Bâ?", a autora responde:

Eu sou senegalesa. O meu pai foi primeiro-ministro da saúde de Loi-Cadre. Eu sou órfã de mãe. Eu fui criada pela minha avó. Mas, graças ao meu pai e à visão justa que ele tinha do futuro, fui para a escola, apesar dos meus avós que eram tradicionalistas. A casa da minha

⁷ *“What I owe my father*

In addition to my schooling, my father strengthened my education. A man of fiancé but also a man of letters, my father taught me to read. A flood of books accompanied his homecomings. It is from him that I learned how to express myself orally. He would have me recite in French what I had learned, and never tired of stopping and correcting me. I have a vivid memory of Dahomey (now Benin) where he took me with him and where we remained a long time because of the Second World War.

What I owe my grandmother

A religious faith, and a sharp sense of virtue and honor. I'll omit the boring details of life of a primary school teacher, of a wife, and a mother”.

família fica na antiga rota dos matadouros municipais de Dacar, que atualmente leva o nome de um vereador da cidade, Armand Angrand. Ela fica em frente ao departamento de higiene. A casa mostra por sua estrutura a abundância dos meus avós. Meu avô é um Lébou de Dacar. Na nossa concessão familiar, há uma grande mesquita permanente, onde uma multidão se reúne a cada hora de oração. Normalmente, eu deveria ter crescido nesse ambiente familiar, sem conhecer a escola, com uma educação tradicional que inclui a iniciação aos ritos. Eu deveria saber cozinhar, lavar a louça, pilar o milho, transformar a farinha em cuscuz. Deveria saber lavar as roupas, passar os grandes boubous e ir, quando chegasse a hora, com ou sem o meu consentimento, para outra família, na casa de um marido (BÂ, 1979a)⁸.

Já nesse contexto, Mariama Bâ necessita ir contra a conduta familiar (do lado materno) de repressão, para conseguir estudar e seguir uma atitude mais libertadora possibilitada pelo pai:

Isto fez com que desde muito cedo se mostrasse crítica em relação a um sistema que a descriminava pelo simples facto de ter nascido mulher e lhe negava uma educação pela qual teve que lutar, uma vez que os seus próprios avós não acreditavam que uma mulher deveria ser instruída (CASA ÁFRICA, [s.d]).

Primeiramente, Mariama Bâ entra para a *l'école des fille*. Os melhores alunos de lá se preparavam para a l'École Normale de Jeune Filles de Rufisque:

Eu fiz meu curso fundamental na atual escola Berthe Maubert, anteriormente conhecida como Escola das Meninas. Naquela época, após o certificado do ensino fundamental, fazíamos um curso preparatório para os grandes exames. A escolha não era realmente ampla. As boas alunas eram orientadas para o concurso da Escola Normal para as jovens de Rufisque. As alunas mais velhas iam para a Escola de Parteiras. As outras aprendiam datilografia para serem secretárias, num curso acelerado. Não escolhi ir à Escola Normal para meninas em Rufisque. Eu tinha escolhido ser secretária. Naquela época eu tinha 14 anos. Escolher uma profissão não me parecia importante. Foi a diretora da escola de meninas que veio me remover do grupo de estudantes de secretariado. Ela me disse: 'Todos, menos você. Você é inteligente. Você tem dons. Mesmo que não queira ir, vai se preparar para o vestibular da Escola Normal para meninas de

⁸ "Je suis une sénégalaise. Mon père fut le premier ministre de la santé de la Loi-Cadre. Je suis orpheline de mère. J'ai été élevée par ma grand-mère. Mais grâce à mon père et à la vision juste qu'il avait eue de l'avenir, j'ai été à l'école, malgré mes grands-parents qui étaient des traditionalistes. Ma maison familiale est située à l'ancienne route des Abattoirs municipaux de Dakar qui porte actuellement le nom d'un conseiller municipal, Armand Angrand. Elle fait face au service d'hygiène. Ce bâtiment montre par sa structure l'aisance de mes grands-parents. Mon grand-père est un Lébou de Dakar. Dans notre concession familiale, il y a une grande mosquée en dur où s'assemble une foule à chaque heure de prière. Normalement, j'aurais dû grandir dans ce milieu familial, sans connaître l'école, avec l'éducation traditionnelle qui comprend l'initiation à des rites. Je devais savoir faire la cuisine, la vaisselle, piler le mil, transformer la farine en couscous. Je devais savoir laver le linge, repasser les grands-boubous et chuter le moment venu, avec ou sans mon consentement dans une autre famille, chez un mari".

Rufisque, na Escola Normal, pelo renome da nossa escola'. Foi pela reputação da nossa escola que eu havia me preparado para esse concurso. Ao ser admitida, os meus avós queriam se opor à minha entrada nessa escola. Um dos meus tios disse: 'Para os estudos de uma menina, o certificado de estudo é mais do que suficiente. Pare por aí'. Realmente, foi necessário o dinamismo da nossa diretora, a senhora Maubert, para obter o consentimento da minha família, pois o meu pai estava ausente, transferido para Niamey (BÂ, 1979a)⁹.

A autora, em outra entrevista, ainda declara sobre o seu período escolar que:

Tive a sorte de frequentar a escola francesa (que agora é Berthe Maubert, na avenida Albert Sarraut), graças à perseverança do meu pai que sempre que havia um feriado, vinha pedir aos meus avós que continuassem a conceder esse favor a ele. Mawdo Sylla foi meu professor. O fato de eu ir à escola não me livrou das tarefas domésticas que as meninas tinham que fazer. Eu tive a minha vez de cozinhar e lavar a louça. Aprendi a lavar minhas próprias roupas e a manejar o pilão porque, temia-se, 'você nunca sabe o que o futuro pode trazer!' O nosso avô cuidou da família. Era uma vida comunitária com primos, tias, tios e seus maridos e esposas. Fui a primeira a fazer as coisas de maneira diferente, mas desde então, primos e primas seguiram os meus passos (BÂ, 1981, p. 07)¹⁰.

No início do trecho, Mariama Bâ mencionou sobre ter tido a sorte de frequentar uma escola francesa. Ir ao colégio não era permitido a todas as meninas senegalesas, mas Bâ teve o direito de estudar e em uma instituição de ensino francesa, com preceitos novos ali trazidos, que se diferenciam dos tradicionais a ela estipulados. Ir à

⁹ "J'ai fait les classes primaires à l'actuelle école Berthe Maubert anciennement dénommée Ecole des Filles. En ce temps-là, après le certificat d'études primaires élémentaires, on faisait une classe préparatoire pour les grands examens. Le choix n'était pas vraiment large. Les bonnes élèves étaient orientées vers le concours de l'Ecole Normale des jeunes filles de Rufisque. Les élèves les plus âgées allaient à l'Ecole des Sages-Femmes. Les autres apprenaient la dactylographie pour être des secrétaires, par une formation accélérée. Je n'ai pas choisi d'aller à l'Ecole Normale des jeunes filles de Rufisque. J'avais choisi d'être secrétaire. J'avais à cette époque 14 ans. L'importance du choix d'un métier ne m'apparaissait pas du tout. C'est la directrice de l'école des filles qui est venue me retirer du groupe des élèves du secrétariat. Elle me dit: "Tout le monde mais pas toi. Tu es intelligente. Tu as des dons. Même si tu ne veux pas y aller, tu vas préparer le concours d'entrée à l'Ecole Normale des jeunes filles de Rufisque pour le renom de notre école." C'est pour le renom de notre école donc que j'avais préparé ce concours. A mon admission mes grands-parents ont voulu s'opposer à mon entrée à cette école. Un de mes oncles disait: "Pour les études d'une fille, le certificat d'études, ça suffit largement. Halte-là." Il a fallu vraiment le dynamisme de notre directrice Mme Maubert pour arracher le consentement de ma famille, mon père étant absent, affecté à Niamey."

¹⁰ "I had the good fortune to attend the French school (which is now Berthe Maubert School on Avenue Albert Sarraut) thanks to the perseverance of my father who, whenever he had a holiday, would come to beg my grandparents to continue to grant him this favor. Mawdo Sylla, was my teacher. The fact that I went to school didn't relieve me from the domestic duties little girls had to do. I had my turn at cooking and washing up. I learned to do my own laundry and to wield the pestle because, it was feared, "you never know what the future might bring!" Our family grandfather provided for them. It was a communal life with cousins, aunts, uncles, and their husbands and wives. I was the first one to do things differently, but since then male and female cousins have followed in my footsteps".

escola francesa permite à Bâ um olhar feminino diverso do que ela vive. Em outras palavras, a aproximação dessas duas culturas a possibilita duas maneiras de ver e pensar sobre as mulheres nesses contextos distintos.

Assim, em 1943 Mariama Bâ ingressa na École Normal de Rúfisque. Ela era uma aluna que lá se destacava, tanto que, 29 anos depois, foi homenageada.

Figura 1: Bâ no evento que foi homenageada e o seu nome virou a nomenclatura da L'école normale



Fonte: Ndiaye (2007, p. 238)

Figura 2: Retrato de Mariama Bâ na Casa de Educação Mariama Bâ



Fonte: UNESCO [S.D])

Ndiaye (2007, p. 38) explica que, no âmbito escolar, Bâ contou com o auxílio de uma importante mulher, Mme. Legoff¹¹, com a qual aprendeu muitos valores e possui por ela grande admiração:

O concurso para a Escola Normal para jovens de Rufisque era organizado na escala da antiga África Ocidental Francesa. Tive a sorte

¹¹ Na Figura 2, Mme. Legoff aparece ao lado de Mariama Bâ, com um vestido florido.

de sair naquele ano, o primeiro da ex-AOF. A sra. Legoff, diretora da escola para meninas em Rufisque, era uma mulher de inteligência. Contudo, insisto que ela também era uma mulher de coração. Foi do seu coração dela que nasceu esse laço que me liga a ela. Essa ligação me seguiu a vida toda. Não é um sentimento meu particular. Esse é o sentimento de todas as meninas que viveram em Rufisque. A sra. Legoff tinha uma visão justa para o futuro da África. A sua educação foi baseada nos princípios que pretendemos defender hoje: 'raízes e abertura. Raízes nos nossos próprios valores tradicionais, naquilo que temos de bom e bonito, e abertura a outras culturas, à cultura universal'. Foi assim que ela conseguiu nos fazer esquecer que éramos de diferentes colônias. Fizemos amizades por afinidade e temperamento, sem pensar que umas eram guineenses, outras daomãs e outras marfinenses; isso criou entre nós uma verdadeira mistura de raças e costumes. Ela nos ensinou a prezar os outros, a silenciar nossos ressentimentos. Um espírito de tolerância! (BÂ, 1979a)¹².

Figura 3: Mariama Bâ discursando na École normale de Rufisque



Fonte: UNESCO ([s.d])

Após obter o seu diploma, ela trabalha como professora até ter uma doença e a transferirem para o setor de inspeção regional: **“Você ficou quanto tempo ensinando?** Eu exerci por 12 anos. Eu deixei a Escola Normal para meninas em

¹² “Le concours de l'Ecole Normale des jeunes filles de Rufisque était organisé à l'échelon de l'ex-Afrique Occidentale Française. J'avais la chance de sortir cette année-là, première de l'ex-AOF. Mme Legoff, directrice de l'école des jeunes filles de Rufisque, était une femme de tête. Mais j'insiste sur le fait qu'elle était aussi une femme de coeur. C'est de son coeur qu'est né ce lien qui me relie à elle. Ce lien m'a suivi toute ma vie. Ce n'est pas un sentiment qui m'est spécial. C'est le sentiment de toutes les filles qui ont vécu à Rufisque. Mme Legoff avait une vision juste de l'avenir de l'Afrique. Son éducation reposait sur les principes que nous entendons prôner aujourd'hui: "enracinement et ouverture. Enracinement dans nos valeurs traditionnelles propres, dans ce que nous avons de bien et de beau, et ouverture aux autres cultures, à la culture universelle." C'est ainsi qu'elle était arrivée à nous faire oublier que nous étions de colonies différentes. Nous avons noué des amitiés par affinités et par tempérament sans penser que telle était guinéenne, telle dahoméenne et telle autre ivoirienne; ce qui a créé entre nous un vrai brassage de races et de moeurs. Cela nous a appris à tenir compte d'autrui, à faire taire nos ressentiments. Un esprit de tolérance!”.

Rufisque em 1947. Eu dei os meus primeiros passos no ensino na escola da Medina” (BÂ, 1979a)¹³.

É após a escola normal que Mariama Bâ conhece o seu primeiro marido, Bissarau, com o qual tem três filhos e se separa dele quatro anos depois, por divergências de pensamento (NDIAYE, 2007).

Tempos mais tarde, Mariama Bâ conhece o seu segundo marido, o médico Ablaye Ndiaye, com quem teve a sua quarta filha. Por motivos semelhantes ao do primeiro casamento, Mariama Bâ se separa dele (NDIAYE, 2007).

Em meio a um clima de independência no país, a escritora conheceu o seu terceiro marido, Obèye Diop, com o qual compartilha muitas das suas ideias libertárias, posicionando-se como feminista (NDIAYE, 2007).

Segundo a sua filha Ndiaye (2007), foi nesse período que Bâ denunciou a questão salarial, sobre a carreira, as leis, a maternidade, a violência, dentre outros temas essenciais sociais do contexto feminino senegalês, na sua narrativa “*Une si longue lettre*”.

Figura 4: Mariama Bâ e o seu marido Obèye Diop, por volta de 1958



Fonte: UNESCO ([s.d])

No que concerne à sua postura como mãe, Ndiaye afirma:

Ela nos ouvia falar por um longo tempo sem intervir e, de repente, rompia o silêncio para corrigir um julgamento ou entrou diretamente no debate. Com magnífico vigor, livre de todas as restrições. Éramos conscientes do dom do seu pensamento. Tão firme na verdade das ideias (NDIAYE, 2007, p. 68)¹⁴.

¹³ “**Depuis combien de temps êtes-vous dans l'enseignement?** J'ai exercé pendant 12 ans. Je suis sortie de l'Ecole Normale des jeunes filles de Rufisque en 1947. J'ai fait mes premiers pas dans l'enseignement à l'école de Médine”.

¹⁴ “Elle nous écoutait parler longuement sans intervenir et, brusquement, rompait le silence pour redresser un jugement ou entre de plain-pied dans le débat. Magnifique de vigueur, libre de tout contrainte. Nous étions conscients du don de sa pensée. Si ferme par la vérité des idées”.

Ndiaye (2007) defende, ainda, que a mãe era generosa e dava sempre o melhor dela, ganhando assim, a estima dos filhos.

Após regressar de Frankfurt, depois de receber um prêmio pela escrita da sua principal obra, "*Une si longue lettre*", quando sua carreira como escritora estava em ascensão, Bâ sentiu os primeiros sintomas do que depois viria a descobrir ser um câncer no pulmão (NDIAYE, 2007). Após a descoberta, Ndiaye (2007) comenta que a sua mãe passou a falar muito sobre a morte e a escrever no seu caderno, como uma forma de terapia.

No período em que estava doente, Mariama Bâ escreveu "*Un chant écarlate*" e na obra denunciou novamente a questão da poligamia, ficcionalizando aspectos sociais femininos ocorridos.

A escritora era engajada e participava de vários programas em prol da mulher, como o auxílio às irmãs analfabetas. Foi membro da Fédération des Associations Féminines du Senegal (FAFS), Presidente do círculo feminino - que ela criou -, militante do Le Goffienes, que trabalhava com as questões relativas à mulher, participava de simpósios sobre esse tema e foi, também, secretária do Club Sorooptimiste de Dakar (NDIAYE, 2007).

Figura 5: Bâ no Club Sorooptimiste de Dakar



Fonte: Ndiaye (2007, p. 237)

Figura 6: Bâ antes de um discurso na jornada da mulher senegalesa



Fonte: Ndiaye (2007, p. 239)

Figura 7: Bâ no Legoffiènes



Fonte: Ndiaye (2007, p. 239)

Figura 8: Bâ na criação da Fédération des Associations Féminines du Senegal (FAFS)



Fonte: Ndiaye (2007, p. 240)

Mariama Bâ faleceu no dia 17/08/1981 e no dia 18 foi enterrada com a presença de milhares de fãs que queriam se despedir da autora (NDIAYE, 2007).

Figura 9: Mariama Bâ por volta de 25 anos



Fonte: UNESCO [S.D])

Figura 10: Foto de Mariama Bâ



Fonte: BÂ (1981)

1.2 Contextualizando “*Une si longue lettre*”

“*Une si longue lettre*” de Mariama Bâ foi escrita em 1979 e, no ano seguinte, recebeu o prêmio Noma¹⁵ de literatura africana. Na cidade de Frankfurt, após ganhar a 32ª edição do prêmio, a autora senegalesa foi elogiada pela crítica literária da época. (NDIAYE, 2007).

¹⁵ *Le prix Noma (créé par Shoichi Noma, Président de la société d'édition japonaise Kondascha LTD et fondateur du Tokyo Book Développement Center for Asia) est destiné à encourager la publication, en Afrique, d'œuvres écrites par des écrivains et des intellectuels africains. Les 3 000 dollars (600.000 F CFA) représentant le prix ont été remis à 'auteur en octobre 1980 à la foire de Francfort.* - O prêmio Noma (criado por Shoichi Noma, Presidente da sociedade de edição japonesa Kondascha LTD e fundador do Tokyo Book Développement Center for Asia) é destinado a incentivar a publicação, na África, de obras escritas por escritores e intelectuais africanos. Os 3.000 dólares (600.000 Francos CFA) representam o valor concedido à autora em outubro de 1980 na feira de Frankfurt (NDIAYE, 2007, p. 217).

Um dos jurados do prêmio, Pr. Irèle, revelou o motivo da escolha da obra de Bâ, que se deu pelo: “estilo caracterizado por certo lirismo e, também, a significação social dessa obra [...]. Mariama Bâ expõe os problemas da mulher sem tensão, de maneira muito ponderada, numa linguagem comedida” (NDIAYE, 2007, p. 217 - 218)¹⁶.

Segundo Ndiaye (2007), “*Une si longue lettre*” concorreu com 120 livros de 17 países e ganhou o Noma pela sua qualidade temática e narrativa, sendo um reconhecimento ímpar para Bâ.

Figura 11: Mariama Bâ recebendo o prêmio Noma



Fonte: Ndiaye (2007, p. 253)

Em relação ao prêmio que lhe foi conferido, Bâ realizou o discurso a seguir:

No seu discurso de aceite, Bâ observou que o prêmio havia trazido à África atenção internacional e expressou a crença de que o desenvolvimento contínuo dessa primeira iniciativa, permitiria gradualmente que a cultura africana fosse transmitida ao mundo: ‘Estamos atualmente em solo alemão e estamos percebendo os resultados concretos de todos esses esforços combinados [...]. É impossível exagerar a importância desse exemplo de intercâmbio entre nações que está ocorrendo nesta Feira do Livro. É impossível não gritar sobre esse exemplo que vem dos homens que

¹⁶ “style caractérisé par un certain lyrisme et aussi la signification sociale de cette œuvre [...]. Mariama Bâ expose les problèmes de la femme sans crispation, de façon très posée, dans un langage qui n’es pas outré”.

conscientemente procuraram ampliar e elevar a humanidade. Esse exemplo veio de homens que se libertaram conscientemente dos preconceitos e restrições egoístas. Deixe essa fruta amadurecer. Dessas sementes nobres e universais virão a disseminar a cultura pelo mundo. Esse é o espírito da feira' (BÂ, 1981, p. 2)¹⁷.

O discurso de Bâ voltou o olhar internacional para questões africanas que necessitavam ser discutidas, sendo a feira de Frankfurt um ponto de partida fundamental para difundir culturalmente, a partir de um ponto de vista mundial, a sua literatura.

Bâ relatou ainda em uma entrevista¹⁸, que ficou surpresa ao receber essa homenagem e ressaltou a importância dessa premiação, sob uma perspectiva de reconhecimento também social, conforme as suas palavras:

Fiquei muito surpresa. Ainda mais porque eu nem sabia da existência do prêmio. E nem ao menos sabia que o meu livro estava sendo considerado para qualquer prêmio. A Nouvelles Editions Africaines enviou o meu livro e alguns outros para concorrer ao prêmio. Um amigo veio à minha casa para me dizer que eu tinha vencido. Eu não sabia disso. Eu nem percebi que havia prêmios em dinheiro. Esse amigo que veio me falar, disse: 'Aí está você, você ganhou este prêmio, o Noma'. Fiquei ainda mais orgulhosa e feliz, porque não era apenas um prêmio para a África francófona, mas um prêmio para a África negra. Ou seja, toda a África de língua francesa e inglesa. Havia muitos candidatos, então era um prêmio que obviamente era importante. Também fiquei impressionada com o que realmente une os homens de todas as partes do mundo. Aqui está um japonês que pode estar interessado em promover livros escritos e publicados fora do seu próprio país, para promover livros em lugares onde os livros são muito importantes. Livros são ferramentas, instrumentos para o desenvolvimento. Eles são de grande importância para a nossa cultura. Sem cultura, não podemos ir muito longe. As pessoas devem ter acesso à cultura, ser instruídas e educadas, para que as coisas possam avançar. É isso que faz com que esse gesto em relação à África negra [que deveria ser subdesenvolvida] seja tão bom. Está se movendo, e isso me toca profundamente. Apesar de todas as outras coisas, apesar das guerras, apesar das batalhas por um pedaço de terra, apesar de tudo isso, ainda podemos ter esperança na

¹⁷ "In her acceptance speech, Bâ remarked that prize had brought Africa international attention and expressed the belief that the continued development of this first initiative would gradually allow African culture to 'beam out to the world.' We are presently on German soil and we are realizing the concrete results of all of these combined efforts [...]. It is impossible to exaggerate the importance of this example of exchange between nations which is taking place at this Book Fair. It is impossible not to shout out about this example which comes from men who have consciously sought to magnify and elevate humanity. This example has come from men who have consciously liberated themselves from prejudices and selfish constraints. Let this fruit ripen. From such noble and universal seeds will come the spreading of culture throughout the world. This is the spirit of the fair".

¹⁸ A entrevista aqui mencionada foi feita pela Barbara Harrell-Bond com Mariama Bâ no ano de 1981. Nesse sentido, para fins de diferenciação da tese com a entrevista, é necessária a observação da data, uma vez que a entrevista aparecerá com o nome de Bâ seguido de 1981 e "Une si longue lettre" com o ano de 1979.

humanidade. O homem ainda pode ser fiel ao ideal humano. Ele pode ser fiel ao valor do homem. Por isso, haverá mais e mais luz. É o que eu penso (BÂ, 1981, p. 2 - 3)¹⁹.

Na entrevista, Bâ afirma que não acreditava que a sua obra venceria em meio a tantas outras narrativas concorrentes com *“Une si longue lettre”*. Ter ganhado a premiação foi visto pela autora como uma conquista africana de promoção literária que apresentava, de certo modo, o seu continente.

Sobre a notoriedade da obra de Bâ, Mame Coumba Ndiaye (2007) afirmou que *“Une si longue lettre”* tem sido adotada em programas escolares e universitários de vários países africanos, bem como europeus, além de ser também analisado, para tal fim, nos Estados Unidos e no Canadá. Evidencia-se o prestígio da autora senegalesa nesses contextos de estudos literários estrangeiros. Ademais, o livro virou uma peça de teatro, um projeto cinematográfico e foi traduzido para diversas línguas²⁰, conforme mencionado previamente no trabalho:

Antes da Feira do Livro, a NEA havia vendido os direitos de tradução do livro de Mariama Bâ para as editoras holandesas, alemãs, japonesas, russas, suecas e inglesas. Na feira onde tais acordos são um importante negócio, a lista foi estendida para as edições em árabe, búlgaro finlandês, italiano, espanhol, português, francês e iugoslavo. Os direitos americanos também foram vendidos. As edições: alemã (*Ein so langer Brief*) e sueca (*Brev fran Senegal*), ambas publicadas por Sven Erik Bergh/Berghs, foram lançadas rapidamente para aparecerem na Feira do Livro de Frankfurt (BÂ, 1981, p. 1)²¹.

¹⁹ “I was very surprised. Even more so because I did not even know of the existence of the prize. And even more, I did not know that my book was being considered for any prize. Nouvelles Editions Africaines sent my book as well as some others to compete for the award. A friend came to my house to tell me I had won. I was unaware of it. I didn't even realize that there was prize money. This friend who came to tell me said, ‘There you are, you have won this prize, the Noma’. I was even more proud and happy because it was not only a prize for Francophone Africa, but a prize for black Africa. That is, all of French and English-speaking Africa. There were many candidates, so it was a prize which obviously was important. I was also struck by what it is which really brings men together from all parts of the world. Here is this Japanese man who can be interested in promoting books written and published outside his own country, to promote book in a place where books are so very important. Books are tools, instruments for development. They are of great importance to our culture. Without culture we cannot go very far. People must be cultured, instructed and educated, so that things can advance. That is what makes such a gesture toward black Africa [which is supposed to be underdeveloped] so good. It is moving, it touches me deeply. In spite of all the other things, in spite of wars, in spite of battles for a piece of land, in spite of all that, we can still have hope in humanity. Man can still be faithful to the human ideal. He can be faithful to the value of man. Because of that there will be more and more light. That is what I think”.

²⁰ Inglês, Checo, Servo croata, Alemão, Sueco, Russo, Japonês, Árabe, Finlandês, Holandês, Búlgaro, Norueguês, Dinamarquês, Italiano, Romeno, Espanhol e Swahili. (NDIAYE, 2007, p. 178-179)

²¹ “Prior to the Book Fair, NEA had sold translation rights of Mariama Bâ's book, to Dutch, German, Japanese, Russian, Swedish, and English publishers. At the fair, where such deals are the important business, the list was extended to Arabic, Bulgarian Finnish, Italian, Spanish, Portuguese, French, and

Pode-se depreender que a Feira de Frankfurt foi essencial para a divulgação da obra e para a compra dos direitos de tradução para outras línguas. Esse fato, de certo modo, difundiu ainda mais “*Une si longue lettre*”.

Em um meio literário de autores homens, Mariama Bâ emergiu e obteve reconhecimento ao abordar temas sociais relevantes, que analisaram a narrativa, com temáticas polêmicas no contexto mulçumano do Senegal. A temática tangencia-se às questões religiosas e sociais concernentes à poligamia, ao divórcio, às tradições culturais, bem como ao papel da mulher nessa sociedade, como se nota no trecho a seguir:

[Barbara Harrell-Bond] perguntou se ela estava satisfeita com o fato dos editores se comprometerem a garantir direitos de tradução, e que alguns jornais franceses queriam publicar trechos, ela enfatizou novamente a universalidade da experiência humana, particularmente a das mulheres:

‘Naturalmente, porque este livro que muitas vezes foi descrito como um ‘grito do coração’, esse grito vem do coração de todas as mulheres em todos os lugares. É primeiro um grito do coração das mulheres senegalesas, porque fala sobre os problemas das mulheres senegalesas, das muçulmanas, das mulheres com as restrições religiosas que pesam sobre ela, bem como outras restrições sociais. Mas é um grito que pode simbolizar o grito das mulheres em todos os lugares. O que quer que seja dito, se as mulheres fossem livres em todos os lugares, o que significa que se elas estivessem sem correntes - as cadeias de ontem e as de hoje - não acho que as Nações Unidas teriam achado necessário declarar um Ano Internacional da Mulher. Eles não teriam decidido ter a Década da Mulher. Assim, em todo lugar há um grito, em todo o mundo, o grito de uma mulher está sendo proferido. O grito pode ser diferente, mas ainda existe uma certa união. Existe o fato social da fisiologia. O fato de ela carregar os filhos. E do fato dessa responsabilidade, também há o fato de um parceiro, um homem. Um homem que nem sempre foi leal a ela. Fico feliz, porém, que, se este livro for traduzido, haverá muitos países que poderão ouvir o nosso grito, o nosso próprio grito. O grito que elas proferem, as mulheres desses outros países, o grito delas não será exatamente o mesmo que o nosso - nem todos temos os mesmos problemas; mas há uma união fundamental em todos os nossos sofrimentos, no nosso

Yugoslavian editions. American rights were also sold. The German (*Ein so langer Brief*) and the Swedish (*Brev från Senegal*) editions, both published by Sven Erik Bergh/Berghs, were rushed through so as to appear at the Frankfurt Book Fair”.

desejo de libertação e nosso desejo de cortar as correntes que datam da antiguidade' (BÂ, 1981, p. 3 - 4)²².

No trecho acima, Mariama Bâ ressaltou sobre a importância de se divulgar a obra nas diversas traduções, para propagar os aspectos relativos às questões das mulheres, discutidos em "*Une si longue lettre*".

Nessa perspectiva, a obra versa sobre a condição humana e revela as representações e as características das personagens que compõem o enredo.

1.2.1 Estudos que abordam "*Une si longue lettre*"

Em relação às análises relativas à "*Une si longue lettre*", alguns estudos foram realizados sobre a narrativa de Mariama Bâ e serão, nesta tese, brevemente apontados.

A tese de Catherine Afua Kapi (2006), intitulada "*Writing as a cultural negotiation: a study of Mariama Bâ, Marie NDiaye and Ama Ata Aidoo*" analisa a negociação cultural nas obras de Ama Ata Aidoo, Mariama Bâ e Marie NDiaye, sob uma perspectiva criadora do espaço feminino, em um contexto de escrita predominantemente masculina.

A tese "*L'image de la femme dans le roman d'Afrique francophone à travers le thème de la polygamie*", de Ikhlas Siddig Mohamed Ahmed (2001) aborda a poligamia e o papel da mulher em um contexto social nas obras de três escritores francófonos: Sembène Ousmane, Mongo Béti e Mariama Bâ.

²² "[Barbara Harrell-Bond] Asked if she was pleased that publishers were falling over themselves to secure translation rights and that some French newspapers wanted to publish extracts, she again emphasized the universality of the human experience, particularly that of women: Naturally, because this book which has so often been described as a "cry from the heart," this cry is coming from the heart of all women everywhere. It is first a cry from the heart of the Senegalese women, because it talks about the problems of Senegalese women, of Muslim women, of the women with the constraints of religion which weigh on her as well as other social constraints. But it is a cry which can symbolize the cry of women everywhere. Whatever we say, if women were free everywhere meaning that if they were without chains – yesterday's chains as well as today's chains – I do not think that the United Nations would have thought it necessary to declare an International Year of the Woman. They would not have decided to have the Decade of the Woman. Thus, there is everywhere a cry, everywhere in the world, a woman's cry is being uttered. The cry might be different, but there is still a certain unity. There is the social fact of physiology. The fact that she is the bearer of children. And from the fact of this responsibility, is also the fact of a partner, a man. A man who has not always been loyal to her. I am happy, however, that if this book is translated, there will be many countries who will be able to hear our cry, our own cry. The cry that they utter, the women from these other countries, their cry will not be exactly the same as ours – we have not all got the same problems; but there is a fundamental unity in all of our sufferings and in our desire for liberation and in our desire to cut off the chains which date from antiquity".

A dissertação de mestrado de Kangnikoé Adama, "*L'image de la femme africaine au travers des auteurs africains. Guy Menga 'La marmite de Koka M'Bala' et Mariama Bâ 'Une si longue lettre'*" (2015) avalia os papéis atribuídos às personagens femininas, dentro do contexto de literatura africana, pautando-se nas obras de Guy Menga e Mariama Bâ.

A dissertação "*Feminism and translation: a case study of two translations of Mariama Bâ: une si longue lettre (so long a letter) and un chant écarlate (scarlet song)*" de Itang Ekpe Amissine (2015) faz um estudo comparativo das duas obras de Mariama Bâ e analisa as suas traduções para o inglês.

"*La femme africaine dans Une si longue lettre de Mariama Bâ et Assèze l'Africaine de Calixthe Beyala*" de Malin Haaker (2013) é um artigo que aborda as personagens femininas nas obras "*Une si longue lettre*" e "*Assèze l'Africaine*", dentro de um contexto patriarcal africano.

Na obra "*Les femmes dans la littérature africaine*", Denise Brahimy e Anne Trevarthen (1998) realizam um percurso histórico sobre as obras de autoria feminina publicadas na África, analisando "*Une si longue lettre*" no tópico concernente ao período de independência.

Jean-Marie Volet (1992; 2007) possui dois importantes artigos sobre Mariama Bâ: "*Romancières francophones d'Afrique noire: vingt ans d'activité littéraire à découvrir*" e "*Mariama Bâ ou les allées d'un destin', une biographie de Mariama Bâ par Mame Coumba Ndiaye*". No primeiro estudo, o autor faz um apanhado das obras sobre a imagem da mulher na literatura de autoria feminina, inserindo e analisando, nesse contexto, as duas narrativas de Mariama Bâ. Na segunda publicação, o autor realiza uma biografia de Mariama Bâ, partindo da obra da filha dela, Mame Coumba Ndiaye, "*Les allées d'un destin*".

O artigo "*Le question du féminisme chez Mariama Bâ et Aminata Sow Fall*", de Médoune Guèye (1998), discute o feminismo nas duas autoras mencionadas no seu título.

O artigo "*The feminist struggle in the Senegalese novel - Mariama Bâ and Sembene Ousmane*" de Gibrel M. Kamara (2001), problematiza o tratamento da mulher na África e, dentro desse contexto, ressalta Mariama Bâ e sua obra "*Une si longue lettre*".

O texto de Renée Larrier (1991) “*Correspondance et création littéraire: Mariama Bâ's Une si longue lettre*” analisa a primeira obra escrita por Mariama Bâ, no que concerne à sua estrutura narrativa, bem como o discurso ali empreendido.

O artigo “*Enclousure/Disclosure in Mariama Bâ's Une si longue lettre*” de Mildred Mortimer (1990) pondera sobre a reivindicação de um espaço, dentro de um contexto tradicional patriarcal, requerido pela mulher.

“*Women, Education, and Polygamy in 'Une si longue lettre' and 'Faat Kiné'*” de Tama Lea Engelking (2008) evidencia como é construída a temática da poligamia, da educação e do papel feminino no contexto senegalês.

A obra da filha de Mariama Bâ, Mame Coumba Ndiaye (2007) intitulada “*Mariama Bâ ou les allées d'uns distin*” apresenta uma biografia bastante completa e com riqueza de detalhes sobre Mariama Bâ. Essa obra aborda desde a infância da autora até o momento da sua morte e demonstra como foi a sua vida, o seu engajamento sociopolítico em prol das mulheres, os trechos de entrevistas com a escritora e, bem como, evidencia aspectos da vida íntima da autora, além de fotos da família e pessoais de Bâ.

É possível que haja outras análises de “*Une si longue lettre*”, de Mariama Bâ, no entanto, até o momento desta pesquisa foram encontrados somente os estudos mencionados neste tópico.

De todas as análises críticas aqui brevemente expostas, a mais utilizada nesta tese foi a da sua filha, Mame Coumba Ndiaye (2007) - “*Mariama Bâ ou les allées d'uns distin*” -, por integrar grande parte do Capítulo 2 sobre a possibilidade de autoficção.

1.2.2 Análise dos elementos da narrativa

“*Une si longue lettre*” possui uma narrativa com linguagem simples, utilizando frases curtas e coloquialismo, em uma mistura de literatura com oralidade (LARRIER, 1991). A escrita adotada na narrativa pode ser depreendida como uma situação de conversa informal entre duas amigas, na qual uma delas confidencia a outra as suas angústias e revela os seus sentimentos.

Em uma carta, próxima a um estilo de escrita de diário, por revelar minuciosamente o que ocorre, a obra se apresenta em 27 capítulos e representa situações pelas quais Ramatoulaye, a protagonista do enredo, precisa externalizar os

sentimentos, refletir sobre o que ocorreu ou está acontecendo com ela e, assim o faz, escrevendo.

Nesse sentido, o título “*Une si longue lettre*” é essencial para a narrativa, pois revela, conforme prenunciado, que uma longa carta será escrita para alguém. Assim, antes mesmo de o leitor ter acesso ao conteúdo, pelo título já se prevê sobre a forma de construção e escolha narrativa.

Essa tão longa carta revela a história de Ramatoulaye que mora em Dacar e traz, em primeira pessoa, um recorte dos períodos vividos por ela. A escolha do narrador personagem é importante, pois o leitor consegue obter detalhes concernentes aos sentimentos e aos pensamentos da protagonista, em uma sociedade patriarcal submetida a inúmeros silenciamentos, mas que pela carta consegue exprimir o que sente e as suas recordações.

Sobre o narrador personagem, Reuter explica:

Esta combinação é tipicamente a das autobiografias, das confissões, dos relatos nos quais o narrador conta sua própria vida *retrospectivamente*. Possui, em consequência, um saber mais significativo de cada uma das etapas anteriores de sua vida e pode, portanto, prever, quando fala dos seus cinco, dez ou quinze anos, o que acontecerá mais tarde. Pode também ter reunido conhecimentos sobre pessoas que encontrou anteriormente e não hesita em intervir em sua narrativa para explicar ou comentar sua vida e a maneira como ele a conta (REUTER, 2002, p. 41).

A narradora conta a sua própria história e inicia o enredo escrevendo uma carta à Aïssatou, como uma resposta a uma outra correspondência recebida da amiga. No começo, a protagonista Ramatoulaye invoca as memórias da infância, respaldando a amizade existente entre ela e Aïssatou, quando compartilhavam diversas experiências e momentos da vida.

Enterramos nos mesmos buracos, os nossos dentes de leite, implorando à Fada do Dente para que eles nos fossem restituídos, ainda mais belos. [...] Invoco-te. O passado renasce com seu cortejo de emoções. Fecho os olhos. Fluxo e refluxo de sensações: calor e encantamento, as fogueiras; delícia na nossa boca gulosa, a manga verde apimentada, mordida por uma de cada vez. Fecho os olhos. Fluxo e refluxo de imagens; o rosto ocre da sua mãe coberta de gotinhas de suor, na saída das cozinhas, procissões ruidosas das meninas encharcadas, retornando das fontes. O mesmo percurso nos conduziu da adolescência à maturidade em que o passado fecunda o presente (BÂ, 1979b, p. 11 - 12)²³.

²³ “*Nous avons enfoui, dans les mêmes trous, nos dents de lait, en implorant Fée-Souris de nous les restituer plus belles. [...] Je t’invoque. Le passé renaît avec son cortège d’émotions. Je ferme les yeux.*”

Nessa perspectiva, Ramatoulaye pode até mesmo reviver, pela memória, algumas ocasiões marcantes da sua amizade com Aïssatou durante as suas vidas. A protagonista se lembra com dor do dia da morte de Modou, seu marido, e permite que o leitor partilhe dessa experiência de choque emocional ao detalhar até o cheiro que sentiu, dividindo todo o seu olhar sobre aquela situação:

Chame um taxi! Rápido! Mais rápido! Minha garganta está seca. No meu peito um peso. Rápido! Mais rápido! Enfim o hospital! O cheiro das supurações e do éter misturados. O hospital! Rostos sérios, um cortejo lacrimajante de pessoas conhecidas ou desconhecidas, testemunhas, a contra gosto, de uma atroz tragédia. Um corredor que se estende, que não para de se estender. No final, um quarto. No quarto, um leito. Sobre este leito: Modou estendido, já isolado do mundo dos vivos por um lençol branco que o envolve inteiramente (BÂ, 1979b, p. 12 - 13)²⁴.

A leitura de estilo sincopada no início desse trecho pode ser depreendida como a respiração ofegante da personagem ao vivenciar essa situação diante da angústia com a morte do marido. A pontuação corrobora para mostrar uma situação de desespero, de poucas palavras e necessidade de ação imediata para chamar um táxi e para se chegar ao hospital. Aos poucos, quando consegue chegar e abstrair o que está ocorrendo, a visão narrativa de Ramatoulaye fica mais clara, inclusive para o leitor, que pode compartilhar sobre o seu olhar naquele momento. Nesse mesmo contexto e sobre o tempo cronológico dessa narração, Nunes explica:

O tempo da narrativa entrama-se, mediante o ato de leitura - que é uma travessia espaço-temporal do texto - ao tempo, próprio, subjetivo, do leitor. Este não é simples receptor passivo, mas um atualizador do mundo imaginário que a ficção lhe proporciona (NUNES, 1992, p. 360).

Ainda que o tempo seja predominantemente cronológico, há certos resgates de memória na narrativa, apresentando vestígios, nesse sentido, do tempo psicológico,

Flux et reflux de sensations: chaleur et éblouissement, les feux de bois; délice dans notre bouche gourmande, le mangue verte pimentée, mordue à tour de rôle. Je ferme les yeux. Flux et reflux d'images; visage ocre de ta mère constellé de gouttelettes de sueur, à la sortie des cuisines ; procession jacassante des fillettes trempées, revenant des fontaines. Le même parcours nous a conduites de l'adolescence à la maturité où le passé féconde le présent".

²⁴ "Un taxi hélé! Vite! Plus vite! Ma gorge sèche. Dans ma poitrine une boule immobile. Vite ! Plus vite! Enfin l'hôpital! L'odeur des suppurations et de l'éther mêlés. L'hôpital! Des visages crispés, une escorte larmoyante de gens connus ou inconnus, témoins malgré eux de l'atroce tragédie. Un couloir qui s'étire, qui n'en finit pas de s'étirer. Au bout, une chambre. Dans la chambre, un lit. Sur ce lit: Modou étendu, déjà, isolé du monde des vivants par un drap blanc qui l'enveloppe entièrement".

que se entremeia ao percurso sequencial da carta. Desse modo, a narrativa oferece uma certa ordem e evidencia que as memórias corroboram fatos presentes no enredo:

O romance africano tem, nesse aspecto, a continuação da narração africana, aquela de preeminência ao longo do tempo. A consequência, questionável, é claro, dessa contestação seria que ela reflete uma visão do mundo mais estática (ou cíclica) do que dinâmica ou histórica, que a diferencia profundamente da narrativa ocidental em geral (BORGOMANO, 1987, p. 7)²⁵.

A partir desse acontecimento relatado, Ramatoulaye fala sobre o período do *Mirasse*²⁶, ou seja, os quarenta dias de clausura requeridos pela religião. O tempo cronológico (que possui, também, algumas rememorações) da narrativa é dado a partir do espaço da sua casa, na escrita da carta.

O romance epistolar permite à narradora escrever e, ao mesmo tempo, refletir sobre os eventos ocorridos. Ramatoulaye conta como se sente ao ser obrigada a dividir o espaço da sua casa com a segunda esposa de Modou. Posteriormente, ela revela o motivo da sua indignação pela coesposa. Ademais, a incomoda a aglomeração que se instaura na sua residência por alguns dias, quando ela se sente emocionalmente exausta e necessita de paz, mas não a obtém nesse instante: “Modou Fall está morto, Aïssatou. A prova disso é o desfile ininterrupto de homens e de mulheres que ‘ficaram sabendo’, os gritos e os choros que me cercam. Essa situação de extrema tensão aguça o meu sofrimento e persiste até o dia seguinte, o dia do enterro” (BÂ, 1979b, p. 15)²⁷.

Nesse momento, Ramatoulaye conta como Modou foi aclamado e, como fator cultural, o motivo de ela receber mais donativos - por ser mais influente como professora e por conhecer por mais tempo os familiares e amigos - do que a segunda esposa do seu marido:

Proveniente de uma grande família desta cidade, com conhecidos em todas as camadas sociais, professora com relações amáveis com os pais dos alunos, companheira de Modou há trinta anos, recebo as quantias mais altas e numerosos envelopes. O interesse que têm por mim me engrandece diante dos outros e agora é a vez de Dame Belle-mère ficar irritada. Recém inserida na burguesia urbana pelo

²⁵ "Le roman africain, prenant sur ce point la suite du récit africain, celui des prééminence sur le temps. La conséquence, contestable, bien sûr, de cette constatation serait qu'il reflète une vision du monde plus statique (ou cyclique) que dynamique ou historique, ce qui le différencie en profondeur du récit occidental en général".

²⁶ O *Mirasse* é uma tradição que se mescla aos preceitos religiosos islâmicos, em "Une si longue lettre"

²⁷ "Modou Fall est bien mort, Aïssatou. En attestent le défilé ininterrompu d'hommes et de femmes qui 'ont appris', les cris et pleurs qui m'entourent. Cette situation d'extrême tension aiguise ma souffrance et persiste jusqu'au lendemain, jour de l'enterrement".

casamento da sua filha, ela também recolhe as notas (BÂ, 1979b, p. 21)²⁸.

Posteriormente, a personagem principal comenta com Aïssatou sobre a traição de Modou ao se casar com Binetou e ainda oferecer a ela tantas riquezas materiais. Ramatoulaye se queixa por ficar na penúria financeira junto aos seus filhos e por Modou rechaçar a sua primeira família para satisfazer a ganância da segunda esposa e da sua mãe.

Ramatoulaye invoca novamente a memória ao relatar aspectos do seu passado com Aïssatou. Ela se lembra de quando as amigas foram de trem a uma festa e lá a protagonista conhecera Modou. Eles se apaixonaram, Modou fora estudar Direito na França, e após retornar os dois se casaram.

Nesse instante, várias outras rememorações advêm dessa primeira memória, pois foi por Modou que Aïssatou conheceu Mawdo, o futuro marido. Ademais, Ramatoulaye se recorda da época em que estudaram juntas e de ter conhecido, naquele período, Daouda Dieng, um médico apaixonado por ela, que a personagem principal rejeitara para se casar com Modou.

Outra importante memória para a constituição da narrativa realizada por Ramatoulaye é o casamento de Aïssatou com Mawdo. O matrimônio não fora bem-visto socialmente por ele ser de família nobre e ela não. A protagonista descreve a vingança da mãe do noivo, ao obrigá-lo a se casar com a sobrinha dela, para dar continuidade a essa nobreza familiar que Tante Nabou o pressionara a aceitar. Na sequência, não aceitando um casamento poligâmico, Aïssatou deixa para Mawdo uma carta de despedida e vai embora com os seus filhos. Ela aluga uma casa e depois recebe uma oportunidade para trabalhar na embaixada do Senegal, nos Estados Unidos.

Ramatoulaye relata que o seu drama veio alguns anos após o da sua amiga, quando descobriu que Modou casara-se com uma jovem, a amiga da filha deles, e frequentadora da sua casa. Destaca-se aqui, o fato de o marido não ter tido coragem de comunicar a ela sobre a contração do matrimônio posterior. Nesse caso, ela

²⁸ “Issue d’une grande famille de cette ville, ayant des connaissances dans toutes les couches sociales, institutrice ayant des rapports aimables avec les parents d’élèves, compagne de Modou depuis trente ans, je reçois les sommes les plus fortes et de nombreuses enveloppes. L’intérêt que l’on me porte me grandit aux yeux d’autrui et c’est au tour de Dame Belle-mère d’être courroucée. Nouvellement entrée dans la bourgeoisie citadine par le mariage de sa fille, elle récolte aussi des billets”.

recebeu a notícia por um amigo e pelo cunhado. Após isso, o marido da protagonista abandonou a primeira família e os seus filhos:

Loucura ou covardia? Falta de coração ou amor irresistível? Que perturbação interior desviou a conduta de Modou Fall para se casar com Binetou? E dizer que eu amei apaixonadamente este homem, dizer que eu lhe dediquei trinta anos da minha vida, dizer que eu tive doze dos seus filhos. A adição de uma rival na minha vida não o foi suficiente. Amando outra, ele queimou o seu passado moral e materialmente. Ele ousou tamanha renegação... e, no entanto. E, no entanto, o que ele não fez para que eu me tornasse a sua esposa! (BÂ, 1979b, p. 32)²⁹.

Esse fato gerou uma revolta tanto para Ramatoulaye, não compreendendo os motivos de Modou, quanto para a sua filha Daba, amiga de Binetou. A filha tivera conhecimento do quanto a futura segunda esposa, Binetou, ridicularizara o homem com quem se casaria (depois Daba descobriu ser esse homem o seu pai).

O pedido da filha da protagonista foi para a mãe se separar, conforme fez a sua tia Aïssatou. Isso mostra o poder das atitudes de Aïssatou e o exemplo dela ainda presente em um contexto, no qual o rompimento conjugal não era socialmente aceito. Contudo, para Daba, essa era uma opção razoável, diante de tamanha humilhação sofrida pela sua mãe.

A raiva de Daba aumentava à medida em que ela analisava a situação: 'Rompa, mamãe! Largue esse homem. Ele não nos respeita, nem a mim, nem a você. Faça como Tia Aïssatou. Diga-me que romperá. Não te vejo disputando um homem com uma mulher da minha idade' (BÂ, 1979b, p. 45)³⁰.

Ramatoulaye, no tempo do *Mirasse*, vive um período de silêncio e reflexão acerca dessa turbulência de acontecimentos a qual fora submetida. Manter-se em silêncio para os outros e, ao mesmo tempo, conseguir externalizar o que sente é muito importante para a interpretação de *"Une si longue lettre"*. Nesses momentos, ela pode revelar propriamente o que pensa e, por vezes, não o faz diante dos demais, podendo isso se dar por uma questão cultural. Escrever e não se comunicar verbalmente com os outros poderia ser a única conduta que lhe restava no momento. Um exemplo da

²⁹ "Folie ou veulerie? Manque de cœur ou amour irrésistible? Quel bouleversement intérieur a égaré la conduite de Modou Fall pour épouser Binetou? Et dire que j'ai aimé passionnément cet homme, dire que je lui ai consacré trente ans de ma vie, dire que j'ai porté douze fois son enfant. L'adjonction d'une rivale à ma vie ne lui a pas suffi. En aimant une autre, il a brûlé son passé moralement et matériellement. Il a osé pareil reniement... et pourtant. Et pourtant, que n'a-t-il fait pour que je devienne sa femme!"

³⁰ "La rage de Daba augmentait au fur et à mesure qu'elle analysait la situation : 'Romps, Maman! Chasse cet homme. Il ne nous a pas respectées, ni toi, ni moi. Fais comme Tata Aïssatou, romps. Dis-moi que tu rompras. Je ne te vois pas te disputant un homme avec une fille de mon âge'".

escolha de esconder o que sente e revelar apenas no ato da escrita pode ser depreendido quando Ramatoulaye recebera a notícia sobre o segundo casamento de Modou, conforme mostra o trecho a seguir:

Apliquei-me a represar a minha agitação interior. Sobretudo, não dar aos meus visitantes a satisfação de contar a minha aflição. Sorria, como considerando o evento trivial, do mesmo modo que o anunciaram. Os agradeci pelo modo humano com que cumpriram sua missão. Devolvi os agradecimentos a Modou, ‘bom pai e bom esposo’, ‘um marido que se tornou um amigo.’ Agradeci à família de Modou, ao Imã, à Mawdo. Sorrindo. Dei-lhes de beber. Acompanhei-os [...] Apertei suas mãos (BÂ, 1979b, p. 77 - 78)³¹.

É no momento da escrita da carta que Ramatoulaye se desenvolve na narrativa. Primeiramente, pode-se observar que, na obra, a protagonista, antes de se casar, era uma mulher à frente do seu tempo, pois optou por estudar e escolheu o seu marido. Entretanto, após o casamento, Ramatoulaye se adéqua ao que é socioculturalmente estabelecido, tanto que aceitaria um casamento poligâmico, se Modou assumisse novamente a primeira família. A personagem principal é uma mulher vulnerável pela dor da solidão - perda que ela acreditava ser provisória, tendo a esperança de que Modou assumiria novamente a primeira família - e pela perda definitiva do marido, quando ele morre. Posteriormente ao fato de ter sido deixada, ela se vê na condição de uma mãe de doze filhos, que necessita continuar a sua vida e mantê-los, assumindo papéis antes executados por Modou, economicamente, por exemplo, quando necessita enfrentar uma fila para pagar as contas, mesmo sendo ela a única local naquele, a realizar essa ação, ou quando vai ao cinema sozinha e desperta os olhares curiosos das outras pessoas.

Nesse sentido, Ramatoulaye se lança então em uma busca para se inserir socialmente e demarcar um papel em um contexto no qual a mulher é negligenciada e discriminada pela sociedade por não ter um marido. Isso ocorre, por exemplo, quando a olham de maneira repreensiva, por não aceitarem a condição em que vive como rejeitada pelo esposo que a abandona, por causa da segunda esposa, ou quando ela dispensa os dois pretendentes que a pediram em casamento.

³¹ “Je m’appliquais à endiguer mon remous intérieur. Surtout, ne pas donner à mes visiteurs la satisfaction de raconter mon désarroi. Sourire, prendre l’événement à la légère, comme ils l’ont annoncé. Les remercier de la façon humaine dont ils ont accompli leur mission. Renvoyer des remerciements à Modou, « bon père et bon époux », « un mari devenu un ami ». Remercier ma belle-famille, l’imam, Mawdo. Sourire. Leur servir à boire. Les raccompagner [...] Serrer leurs mains”.

A primeira proposta por ela refutada é a do cunhado, que deseja o matrimônio por questões culturais (islâmicas no Senegal) e Ramatoulaye revela que não se casará sem ter qualquer sentimento por ele.

Você se esquece de que eu tenho coração, uma razão, que eu não sou um objeto que se passa de mão em mão. Você está ignorando o que se casar significa para mim: um ato de fé e de amor, total dom de si ao ser que o escolhe e que você escolheu (insisti na palavra escolher) (BÂ, 1979b, p. 109 - 110)³².

O outro pedido rechaçado é o de Daouda. Ainda que Ramatoulaye se interesse por esse homem, ele já é casado e ela se posiciona totalmente contra a poligamia e escreve uma carta para o pretendente, justificando o motivo: “[...] a existência da sua mulher e dos seus filhos ainda complica mais a situação. Abandonada ontem, por causa de uma mulher, eu não posso me introduzir alegremente entre você e a sua família” (BÂ, 1979b, p. 128)³³.

Posteriormente, Ramatoulaye vivencia questões concernentes aos seus filhos, como os problemas na escola de Mawdo-Fall, a força de Daba em um casamento em que a mulher possui direitos igualitários, a descoberta de que uma de suas filhas está grávida (resolvendo essa situação com o casamento - que ocorrerá futuramente - da filha dela, com o pai do bebê, para que a moça não ficasse malvista socialmente), a revelação de que as suas filhas estão fumando escondido e a preocupação com os seus filhos atropelados ao brincarem na rua. Em cada um desses momentos, a protagonista menciona todos os filhos individualmente, abordando as suas respectivas personalidades.

Ao final da narrativa, Ramatoulaye se despede de Aïssatou e afirma que a verá pessoalmente no dia seguinte, que irá procurá-la e espera que a amiga não ligue se escrever uma outra longa carta para ela: “A palavra felicidade esconde alguma coisa, não é? Irei à sua procura. Azar o meu, se eu ainda preciso lhe escrever uma carta tão longa...” (BÂ, 1979b, p. 165)³⁴.

O final da narrativa é emblemático para a obra, pois não se sabe se ocorrerá a entrega da longa carta para Aïssatou, já que as duas se encontrarão pessoalmente e

³² *"Tu oublies que j'ai un cœur, une raison, que je ne suis pas un objet que l'on se passe de main en main. Tu ignores ce que se marier signifie pour moi: c'est un acte de foi et d'amour, un don total de soi à l'être que l'on a choisi et qui vous a choisi. (J'insistais sur le mot choisi)".*

³³ *"l'existence de ta femme et de tes enfants complique encore la situation. Abandonnée hier, par le fait d'une femme, je ne peux allègrement m'introduire entre toi et ta famille".*

³⁴ *"Le mot bonheur recouvre bien quelque chose, n'est-ce pas? J'irai à sa recherche. Tant pis pour moi, si j'ai encore à t'écrire Une si longue lettre..."*

poderão conversar sobre o que ocorreu com Ramatoulaye. Segundo Ndiaye" (2007, p. 147): "Foi com essas palavras que poderiam definir qual foi o investimento de toda a sua vida que ela terminou o seu primeiro romance"³⁵.

Ademais, ao finalizar a narrativa, Ramatoulaye usa uma metáfora sobre pequenos brotos que surgem, para explicar essa nova fase da sua vida. Aqui, a liberdade está brotando, pois ela sai da lama para "germinar" melhor na sua vida: "É do húmus sujo e nauseante que brota da planta verde e sinto novos brotos emergindo de mim" (BÂ, 1979b, p. 165)³⁶.

Os aspectos apresentados neste capítulo contextualizam a narrativa para o leitor que não teve contato com a leitura de *"Une si longue lettre"*, sendo possível o acompanhamento analítico dos demais capítulos. As questões aqui abordadas serão tratadas e analisadas ao longo desta tese nas seções posteriores.

1.2.2.1 Entre os preceitos sociais e as questões afetivas: O papel das personagens femininas na construção identitária

A identidade na obra *"Une si longe lettre"* é fundamental para o entendimento das personalidades das personagens femininas, que serão abordadas nesta seção.

Mariama Bâ cria um enredo complexo, que possui muitos papéis atribuídos aos personagens, sendo, a maioria deles, estereótipos sociais colocados em xeque e analisados.

Os homens da narrativa, na sua maioria, são egoístas e poligâmicos, na medida em que a sociedade islâmica patriarcal os permite, sendo assim, não saem da posição de privilégio social atribuído a eles. Eles aceitam e se beneficiam da possibilidade religiosa de ter outra família, sem pensar na primeira esposa e nos filhos, bem como no sofrimento a eles causados. No entanto, duas exceções são apresentadas na obra, sendo elas Daouda Dieng - pretendente de Ramatoulaye - e Abou - marido de Daba.

Em uma conversa sobre política com Ramatoulaye, Daouda reconhece o direito da mulher:

A mulher não deve mais ser o acessório que adorna. O objeto que você move, a companheira que você lisonjeia ou acalma com promessas. A mulher é a primeira e fundamental raiz da nação na qual

³⁵ "C'est par ces mots qui pourraient définir ce que fut l'investissement de toute sa vie qu'elle termina son premier roman".

³⁶ "C'est de l'humus sale et nauséabond qui jaillit la plante verte et je sens pointer en moi des bourgeons neufs".

é enxertada toda contribuição, da qual também começa toda a floração. Devemos incentivar as mulheres a se interessarem mais pelo destino do seu país (BÂ, 1979b, p. 116 - 117)³⁷.

Segundo Daouda, a mulher deve ser respeitada, não servindo como ornamento para os homens. A personagem discute que sendo elas importantes para o país, necessitam se interessar pelas questões nacionais, propondo, então, um maior engajamento feminino, nesse sentido.

Apesar desse reconhecimento e pensamento moderno de Daouda, ele pede a mão de Ramatoulaye uma segunda vez, fazendo uma declaração de amor reprimido, por anos, para a protagonista:

Venho por minha vez, e pela segunda vez da minha vida, pedir a sua mão... claro, quando acabar seu luto. Eu tenho por você os mesmos sentimentos que tinha antes. O afastamento, o seu casamento e o meu, não conseguiram prejudicar o meu amor por você. Ou melhor, a distância o aguçou; o tempo o consolidou, o meu amadurecimento o despojou; eu te amo com intensidade, mas com razão. Você é viúva e tem filhos pequenos. Eu sou chefe de família. Cada um de nós tem o seu peso de vivência, que pode ajudar na compreensão do outro. Abro meus braços a você para uma nova felicidade, você quer? (BÂ, 1979b, p. 122)³⁸.

Mesmo que Daouda seja um homem com pensamentos menos tradicionais sobre a importância social da mulher, ele pede Ramatoulaye em casamento, embora já tenha uma esposa. Ainda que esse pedido seja motivado pelo amor, ele já é casado e, conforme mencionado anteriormente, a protagonista o rejeita.

Abou, genro de Ramatoulaye e marido de Daba, é o segundo personagem masculino que possui um pensamento divergente dos demais homens a ele contemporâneos. Ele também realiza as tarefas domésticas, não atribuindo à esposa esse dever, por pensar que ela não deve servir a ele: "Os trabalhos domésticos não oprimem Daba. Seu marido cozinha arroz tão bem quanto ela, o marido que proclama,

³⁷ "La femme ne doit plus être l'accessoire qui orne. L'objet que l'on déplace, la compagne qu'on flatte ou calme avec des promesses. La femme est la racine première, fondamentale de la nation où se greffe tout apport, d'où part aussi toute floraison. Il faut inciter la femme à s'intéresser davantage au sort de son pays".

³⁸ "Je viens à mon tour et pour la deuxième fois de ma vie, solliciter ta main... bien entendu à ta sortie du deuil. J'ai pour toi les mêmes sentiments qu'autrefois. L'éloignement, ton mariage, le mien n'ont pu saper mon amour pour toi. Mieux, l'éloignement l'a aiguisé; le temps l'a consolidé; mon mûrissement l'a dépouillé; je t'aime avec puissance, mais avec raison. Tu es veuve avec de jeunes enfants. Je suis chef d'une famille. Chacun de nous a son poids de 'vécu' qui peut l'aider dans la compréhension de l'autre. Je t'ouvre mes bras pour un nouveau bonheur, veux-tu?"

quando eu lhe digo que ele ‘estraga’ a sua esposa: ‘Daba é minha esposa. Ela não é minha escrava, nem minha servente’ (BÂ, 1979b, p. 137)³⁹.

Mariama Bâ, a respeito disso, relata em uma entrevista:

A mulher que ama o marido está buscando a felicidade de si mesma e do marido, para o casamento. Antes da mulher ser educada, ela ainda podia encontrar a felicidade. Ela não tinha nenhuma ideia de que as coisas pudessem mudar. Para a mulher de hoje, o casamento é uma mistura do ontem e do presente. Nesse tipo de casamento, talvez uma mulher tenha mais chances de mudanças para ser feliz do que ela tinha no passado. Mas é o mesmo parceiro que ela encontra. Ele herdou uma certa visão de casamento do seu pai, um certo ponto de vista sobre o casamento e ele fica cara a cara com a mulher com todas essas ideias que ele herdou. Isso inclui o padrão de conduta do marido, a maneira de tratar uma esposa, os filhos etc. O que as mulheres estão procurando não é destruir tudo do passado. A mulher que mora com ele não deve ser escrava, como ele aprendeu a ter expectativa desde a sua infância. Por exemplo, quando eram meninas e meninos, foi dito ao menino: ‘Não! Não, você não deve varrer o chão. É a garota que deve varrer o chão. Lavar as roupas? Não, é a garota que lava as roupas. Quem deve buscar a água? É a garota que deve buscar a água.’ Então ele se casa com esse tipo de educação na sua cabeça. É ela quem deve cozinhar, quem deve lavar as suas roupas, quem deve fazer tudo por ele. Ele vem por esse caminho, porque foi ensinado. Se hoje ele quer que sua esposa seja feliz, ele precisa esquecer o que lhe foi ensinado. Ele deve olhar para a mulher ao seu lado e olhar para ela com olhos diferentes, de uma maneira diferente. Agora você vê onde está todo o conflito. Para alguém que teve todas as vantagens, é muito difícil abandonar todas essas vantagens, não é? Abandonar essas vantagens de repente - exige realmente um grande, grande esforço. Quando você entra em uma casa bem mobiliada, é muito difícil deixá-la e ir morar em uma cabana. É difícil. Então, os homens devem fazer um esforço. Então agora nós mãe, nós mães que tivemos o privilégio de entender um pouco e de participar da educação dos nossos filhos, tentamos criá-los para que eles não cresçam pensando em si mesmos como ‘reis da família’. Essa é a esperança para o futuro. Hoje em dia, é muito difícil para os homens esquecerem os seus antecedentes. É extremamente difícil, muito difícil para alguém que tem poder, desistir voluntariamente (BÂ, 1981, p. 9)⁴⁰.

³⁹ “Daba, les travaux ménagers ne l’accablent pas. Son mari cuit le riz aussi bien qu’elle, son mari qui proclame, quand je lui dis qu’il ‘pourrit’ sa femme: ‘Daba est ma femme. Elle n’est pas mon esclave, ni ma servante”.

⁴⁰ “The woman who loves her husband is searching for the happiness of herself and her husband, for the marriage. Before woman was educated, she could still find happiness. She did not have any idea that things could change. For today’s woman, marriage is a mixture of yesterday and the present. In this kind of marriage, perhaps a woman has more of a change to be happy than she did in the past. But it is the same partner witch she finds. He has inherited a certain vision of marriage from his father, a certain point of view about marriage and he comes face to face with the woman with all of these ideas witch he has inherited. These include the pattern of conduct for the husband, the way to treat a wife, the children, etc. What women are searching for is not so much to destroy everything from the past. The woman who lives with him must not be a slave as he has learned to expect in his childhood. For example, when they were little girls and boys, a boy was told, “No! No, you must not sweep the floor. It is the girl who must

A fala de Bâ reflete o que foi mencionado anteriormente - a condição de privilégio conferida aos homens em sociedades patriarcais. Como afirma Bell Hooks ([s.d]): “a maioria dos homens nunca pensa sobre o patriarcado - o que significa, como é criado e sustentado [...] A palavra ‘patriarcado’ simplesmente não faz parte do seu pensamento ou do seu discurso cotidiano”⁴¹. Nesse sentido, percebe-se a voz de apelo da autora por uma sociedade mais igualitária. Isso é também experienciado pela narradora de *“Une si longue lettre”*, que analisa a sociedade patriarcal na qual as personagens masculinas estão inseridas e, na maioria dos casos, não se desvencilham desse lugar cômodo que ocupam e se beneficiam.

Além desses dois personagens masculinos (e de Ibrahima Sall - o novo genro de Ramatoulaye), que exprimem aspectos positivos em relação ao papel da mulher, mais nenhum outro o faz na narrativa, uma vez que o pensamento coletivo e cultural da sociedade africana, em geral, é tradicional e masculino:

A dominação patriarcal se legitima, tanto pela força da tradição que demarca o conteúdo dos ordenamentos como pelo livre-arbítrio de seu senhor. A dominação patriarcal é constituída por associações de caráter comunitário, regidas pelo ‘senhor’, o qual é obedecido pelos ‘súditos’. O poder do patriarca alicerça-se na idéia arraigada nos dominados de que essa dominação é um direito próprio e tradicional do dominador e que se exerce no interesse deles próprios. A fidelidade é um princípio básico, legitimado pela santidade da tradição. Como as normas seguem sempre as mesmas, já que reconhecidamente são válidas desde sempre, não é possível criar um novo ordenamento. As pendências que não se enquadram no estatuto estabelecido são resolvidas pelo arbítrio do senhor que age de acordo com seu sentimento de equidade e suas preferências pessoais. O servidor é completamente dependente do senhor ao qual se liga por fidelidade pessoal. As relações gerais são reguladas pela tradição, pela honra estamental e pela boa vontade. Essa modalidade de exercício de

sweep the floor. Wash the clothes? No, it is the girl who washed the clothes who must fetch the water? It is the girl who must fetch the water.” So he comes to marriage with that kind of education in his head. She is the one who must cook, who must wash his clothes, who must do all things for him. He comes this way because he has been taught. If today he wants his wife to be happy, he has to forget what he has been taught. He must look at the woman beside him and look at her with different eyes, in a different way. Now you see where the whole conflict lies. For someone who has had all the advantages, it is very difficult for him to abandon all of these advantages, is it not? To abandon these advantages all of a sudden - it really requires a great, great effort. When you come into a house that is well-furnished, it is very difficult to leave it and go to live in a hut. It is difficult. So men must make an effort. So now we mother, we mothers who have had the privilege to understand a little and to play a part in the education of our sons, we have tried to rise them so that they do not grow up thinking of themselves as “kings of the family.” This is the hope for the future. It is very difficult for men today to forget their background. It is extremely difficult, very hard for someone who has power to willingly give it up”.

⁴¹ “most men never think about patriarchy – what it means, how it is created and sustained [...] The word “patriarchy” just is not a part of their normal everyday thought or speech”.

poder apresenta particular relevância para o estudo das relações de dominação da mulher através dos tempos (ZIZANI, 2006, p. 60).

O pensamento machista é difundido na sociedade retratada por Ramatoulaye e legitimado por atributos sociais e religiosos de uma identidade coletiva, que propaga e vive tal ideal:

A construção de identidade, vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço (CASTELLS, 1999, p. 23).

Segundo Castells (1999), a identidade é um misto de diversos fatores que constituem o indivíduo, numa perspectiva social. A identidade coletiva, na obra de Bâ, molda a individual, nesse caso.

Na obra de Mariama Bâ isso pode ser bastante verificado nas personagens masculinas, que imbuídas de um pensamento arraigado culturalmente, manifestam-no na vida social e no casamento, no que tange ao papel da mulher na sociedade, dentre outros aspectos dos seus cotidianos.

Em oposição a isso, as personagens femininas cumprem outro papel na narrativa. Em *“Une si longue lettre”*, há vários tipos de representação social. As mulheres são divididas em grupos, nos quais se pode determiná-las, de acordo com a visão ocidental patriarcal, como fortes, fracas, aproveitadoras, vítimas, dentre outros atributos. No entanto, todas essas mulheres lutam com as armas que têm em função de uma imposição social colonizatória ocidental mental, construindo para si uma identidade socialmente “imposta”, da qual algumas não conseguiram se ver livres. As personagens que conseguem se ver livres dessas amarras sociais são Ramatoulaye, Aïssatou e Daba, talvez por terem se libertado dessa visão paternalista e opressora. No caso das demais personagens, mesmo que algumas tenham estudado e possuam uma educação formal, ainda estão arraigadas nas suas mentes a ideia patriarcal colonizatória.

Essas características giram em torno de uma única temática na obra, o casamento e os demais aspectos decorrentes dele. Não há, quanto a isso, uma

identidade única feminina, mas existem vários tipos sociais que aderem a uma representação na narrativa.

Sobre os tipos de identidade, Castells propõe três modelos:

- *Identidade legitimadora*: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais [...]
- *Identidade de resistência*: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes do que permeiam as instituições da sociedade [...]
- *Identidade de projeto*: quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. Esse é o caso, por exemplo, do feminismo que abandona as trincheiras de resistência da identidade e dos direitos da mulher para fazer frente ao patriarcalismo, à família patriarcal e, assim, a toda estrutura de produção, reprodução, sexualidade e personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabelecem (CASTELLS, 1999, p. 24).

Os três tipos de identidade aparecem na narrativa de Bã, uma vez que existem as personagens femininas dominadoras, exercendo uma função importante entre as demais, aproveitam-se da situação para lucrar com algo. Há outras que buscam resistir ao que é estabelecido e agem contrariamente a essa imposição, mesmo quando há uma barreira cultural grande contrária e as impeçam de agir. O último tipo é o caso das personagens que subvertem o tradicionalismo e constroem para si uma nova identidade, que não se pauta nos papéis sociais enraizados.

No entanto, essas personagens femininas que ora buscam benefícios lucrativos para si próprias ora são avessas às mudanças, agem dessa forma em função de uma “cegueira”, caracterizada pelo construto patriarcal hegemônico, colocando não apenas as mulheres em situação de “vítima” dos sistemas opressores e alienantes, mas, também, os próprios homens. Quem consegue enxergar para além desse limite patriarcal, agiria, de certo modo, subversivamente, por contrariar os valores sociais regentes.

Obviamente, todas as personagens são importantes para a narrativa, pois possuem um papel social que contribui para a construção de um enredo expreso. Conforme declara D’Onofrio (1978, p. 62), “As personagens constituem os suportes vivos da ação e os veículos das ideias que povoam a narrativa”.

Nesse sentido, pode-se verificar que as personagens são elementos essenciais para a construção do enredo e necessitam ser averiguadas.

As personagens têm um papel essencial na organização das histórias. Eles permitem as ações, assumem-nas vivem-nas, ligam-nas entre si e lhes dão sentido. De certa forma, *toda história é história de personagens*. Aliás, isso é amplamente atestado pelos títulos dos livros e dos filmes ou pela maneira de resumi-los por intermédio dos seus protagonistas. Isso explica por que sua análise é fundamental e por que mobiliza tantos teóricos (REUTER, 2002, p. 41).

Assim, serão brevemente analisadas aqui as personagens femininas que mais se sobrepõem na obra e se fazem importantes para a construção de “*Une si longue lettre*”, a saber: Ramatoulaye, Aïssatou, Daba, Binetou, Dame Belle-Mère, Tante Nabou, Petite Nabou, Jacqueline e Farmata.

Ramatoulaye, a personagem principal da narrativa, como já mencionado anteriormente, conta, no modelo “carta-diário”, o que lhe aconteceu, rememorando os seus sentimentos, angústias, revelando questões sociais as quais não concorda, sendo muito importante para a obra a construção narrativa em primeira pessoa.

O enredo em primeira pessoa pode servir, em “*Une si longue lettre*”, para que Ramatoulaye reorganize os seus pensamentos e coloque os seus sentimentos em evidência pela reflexão da escrita, possibilitando a ela fazer registros importantes nesse recorte temporal eleito.

Ramatoulaye faz uma espécie de seleção dos fatos abordados e importantes para se chegar ao ponto desejado - exprimir os seus sentimentos de rejeição, passando por experiências pessoais e culturais de formação, que culminam na sua identidade atual: “A identidade não é um elemento colocado a priori. Ela se estrutura através da interação do sujeito com a sociedade, mostrando essa interação por meio das práticas sociais, que lhes conferem um caráter polifônico” (ZIZANI, 2006, p. 51).

Assim, a identidade em constituição de Ramatoulaye, durante o período do *Mirasse*, é uma soma de diversas vozes que a constituem numa perspectiva social, familiar, religiosa e pelos demais princípios norteadores que compõem a protagonista.

A escrita da carta foi a maneira escolhida para tornar visível ao leitor o modo como Ramatoulaye se sente em relação ao que ocorre com ela, bem como colocar em evidência questões sociais (re)visitadas.

Como mencionado anteriormente, Ramatoulaye escreve sobre o que passara naquele momento, denominado como *Mirasse*, cujo período move grande parte da

narrativa. A partir dele, Ramatoulaye rememora o seu passado e constitui seu futuro após a morte do marido que a abandonara. A protagonista do início da narrativa não é a mesma do final.

No romance, durante o tempo do *Mirasse* existe, apesar do período de clausura, um momento de “desenclausuramento” interior da protagonista, uma vez que ela consegue libertar-se de tantas questões sociais que a prendiam em si mesma.

A morte e o funeral do marido de Ramatoulaye resultam em um enclausuramento para ela ao invés de uma jornada para fora. Após a morte de Modou, Ramatoulaye está comprometida pela tradição islâmica a passar quatro meses em luto e reclusão. Ela usa esse período para viajar no tempo ao invés de viajar no espaço. Ela se religa ao passado, a fim de entender-se melhor e cooperar com o presente. [...] De fato, ela entra nessa viagem para obter conhecimento, pelo autoexame e maturidade, pela transformação pessoal. Ao examinar a si mesma, seus pensamentos, memórias e experiências ela tenta ganhar um senso aumentado de maturidade (MORTIMER, 1990, p. 70)⁴².

A vida de Ramatoulaye muda completamente nesse período e sua identidade e identificação também sofrem alterações. São evidentes as transformações ocorridas com a personagem principal, que após viver o momento de reclusão e rejeitar os padrões tradicionais estabelecidos, vê-se livre e compreende os seus anseios e se ressignifica, sem as amarras sociais:

A libertação da mulher envolve um percurso longo e árduo, pois é necessário desconstruir os conceitos tradicionais, redesenhar os papéis de homens e mulheres e prepará-los para assumir as novas tarefas com igualdade e respeito. Talvez a transformação do homem seja a tarefa mais difícil, pois, como mulher, precisa vencer condicionamentos ancestrais que pertencem ao inconsciente coletivo, além disso, necessita da aceitação do grupo e da própria mulher (ZIZANI, 2006, p. 102).

Ramatoulaye amava incondicionalmente Modou, quando ele optara por trocá-la por outra mulher. A personagem principal não é a favor da poligamia, mas, ainda

⁴² “The death and funeral of Ramatoulaye’s estranged husband result in enclosure for Ramatoulaye rather than the outward journey. Following the demise of Modou, Ramatoulaye is committed by Islamic tradition to spend four months in mourning and seclusion. Ramatoulaye uses this period to travel in time rather than space. She recalls the past in an attempt to understand herself better and to cope with the present. [...] Indeed, Ramatoulaye turns to the inner journey to obtain knowledge, through self-examination and maturity, through personal transformation. By examining her own thoughts, memories, and the collective experience of family and nation emerging from colonialism, Ramatoulaye attempts to gain a heightened sense of maturity”.

assim, ela pensa em aceitar novamente o marido, por questões sociais e, claramente, porque ela o ama. Conforme Zizani (2006):

As emoções, além de prerrogativas do ser humano, são reações de cunho afetivo que provêm das camadas mais profundas do ser, que independem da racionalidade. No entanto, a integração da personalidade pressupõe a administração adequada das emoções, a fim de reduzir os conflitos e tornar possível a existência com maior produtividade. As emoções não podem nem devem ser negadas, mas, vividas equilibradamente, de maneira a não comprometer as estruturas psíquicas envolvidas e possibilitar a constituição da identidade (ZIZANI, 2006, p. 114).

O amor de Ramatoulaye por Modou era tão forte que a protagonista age apenas emocionalmente, sem se pautar nos seus pressupostos morais e no que concorda ou discorda em um relacionamento, estando, de certa forma, norteadas pelas tradições patriarcais estabelecidas. Em um momento posterior, após passar pelo segundo casamento do seu marido, o abandono e a viuvez, Ramatoulaye se torna uma mulher mais amadurecida, com pensamentos mais independentes e modernos.

Nesse contexto da narrativa, Aïssatou serve como um estímulo para essa fortificação. A amiga é um espelho para Ramatoulaye e a pessoa em quem ela mais confia para contar minuciosamente todos os seus segredos e angústias.

Apesar de Ramatoulaye não ter a escolha de seguir sem o marido e por Aïssatou ter optado por isso (HAAKER, 2013), as duas se aproximam, de certa maneira, pela coragem diante da situação imposta: Aïssatou escolhe se divorciar e viver em outro país e Ramatoulaye prefere ficar e resistir às imposições sociais como, se casar novamente após a morte do marido ou subverter as “normas” sociais estipuladas. As duas personagens se rebelam diante da condição que deveriam consentir e se tornam independentes de tais pressupostos.

Todos esses momentos vividos por essas duas personagens são compartilhados e experienciados desde a infância. Nesse caso, elas demonstram um sentimento recíproco de amizade e superação das dificuldades, juntas: “A amizade tem magnitudes desconhecidas do amor. Ela se fortalece nas dificuldades, enquanto as restrições massacram o amor. Ela resiste ao tempo que cansa e desune os casais. Ela tem elevações desconhecidas do amor” (BÂ, 1979b, p. 103)⁴³.

⁴³ “L’amitié a des grandeurs inconnues de l’amour. Elle se fortifie dans les difficultés, alors que les contraintes massacrent l’amour. Elle résiste au temps qui lasse et désunit les couples. Elle a des élévations inconnues de l’amour”.

A personagem Aïssatou é por diversas vezes mencionada na obra. Ela é interpelada por Ramatoulaye repetidamente durante a escrita da longa carta, bem como são contados fatos da vida dela.

Aïssatou pode ser entendida como uma personagem forte na narrativa, por abdicar-se do marido, condição social não muito bem-vista na obra. Ela tem a coragem de ir para outro país com os seus quatro filhos. Abandonar a sua vida no Senegal e começar uma nova nos Estados Unidos é algo muito significativo. Esse momento pode representar um rito de passagem para o rompimento de um ciclo abordado pela narrativa, apontando que há caminhos para a dissolução de um casamento, quando não se concorda com algo que ocorre nele, dando voz à vontade da mulher: “E você foi embora. Você teve a surpreendente coragem de se assumir” (BÂ, 1979b, p. 66)⁴⁴.

A saída de Aïssatou de um local, cujas pessoas a rejeitam por ser ela divorciada, para outro país que a aceite, é uma questão passível de ser discutida na narrativa, pois ela rompe com uma sociedade patriarcal e busca uma nova forma de vida.

Nesse sentido, Zizani (2006, p. 55) afirma: “O isolamento do indivíduo está em relação direta com a organização coletiva das instituições da modernidade tardia, que possibilitam o exercício do isolamento, da vigilância e da individualização do sujeito com mais eficiência”. Assim, sair do seu lugar de origem e encontrar um local de pertencimento é relevante para uma mudança identitária e caminha de encontro com a identidade coletiva. Não se sentir mais acolhida motiva a personagem a mudar toda a sua vida e a buscar uma nova nação que se aproxime mais dos seus ideais.

Há uma ligação muito grande entre Ramatoulaye e Aïssatou, desde a infância até a fase adulta. O fato de terem crescido juntas contribuiu para a liberdade recíproca entre elas, compartilhar ideias e valores, ora mantidos, ora submetidos naquele meio de vivência social. É Aïssatou, na fase adulta, quem abre espaço para uma nova identidade, diante das suas escolhas. É por esse caminho que Ramatoulaye também escolhe seguir, a via da libertação, da opção por si mesma, ainda que contrarie os preceitos sociais estabelecidos.

Outra representação feminina evidentemente forte na narrativa é a filha de Ramatoulaye, Daba. É ela quem, inocentemente, leva sua amiga Binetou para dentro do seu lar - com quem o pai se casará, posteriormente.

⁴⁴ “*Et tu partis. Tu eus le surprenant courage de t’assumer*”.

Daba é caracterizada como uma personagem defensora do direito da mulher no contexto em que vive. Ela subverte as crenças tradicionais sociais relativas à conduta masculina na narrativa. Para ela, o casamento se realiza por uma adesão mútua e caso não seja cumprida, pode ser dissoluto:

O casamento não é uma corrente. É uma adesão recíproca a um programa de vida. E depois, se um dos cônjuges não tem mais sua parte nessa união, por que ele deve continuar? Isso pode ocorrer para Abu (seu marido), pode ocorrer comigo. Por que não? A mulher pode tomar a iniciativa da ruptura (BÂ, 1979b, p. 137)⁴⁵.

Daba foi quem incentivou Ramatoulaye a se divorciar do pai, com base na conduta de Aïssatou, por não aceitar a decisão de Modou. Daba mantém princípios sobre a conduta feminina, herdados de Aïssatou, que serve como exemplo para ela.

Diferentemente do modo de agir dessas personagens, a narrativa apresenta duas mulheres exploradoras de outras figuras femininas: Dame Belle-Mère e Tante Nabou. A situação se explica em decorrência dos valores sociais perpetrados, cujas mulheres não conseguem enxergar que estão propagando a visão masculina, do homem provedor. Dame e Tante motivam a filha e a sobrinha a se casarem por interesse pessoal.

Em outras palavras, essas duas personagens são fruto de uma sociedade patriarcal, como já pontuado, e, portanto, não conseguem enxergar que estão contribuindo para a propagação da “prisão” feminina, em prol de um benefício próprio.

Dame Belle-Mère é a mãe de Binetou. Ela é apresentada na narrativa como uma mulher ambiciosa, que convence a filha a se casar com Modou por interesse econômico, não se importando com os sentimentos de Binetou. Dame Belle-Mère lucra muito dinheiro com o casamento da filha:

Primeira mulher, outrora negligenciada, Dame Belle-mère emergia da sombra e retomava nas mãos o seu esposo infiel. Ela tinha trunfos apreciáveis: grelhados, frango assado e por que não, o dinheiro escondido no bolso do boubou pendurado no guarda-roupas do quarto. Ela não calculava mais, como antes, para economizar o preço dos galões de água comprados no Toucouleur, vendedor ambulante de líquido vital sugado nas fontes públicas. Ela usufruía da sua nova felicidade, tendo conhecido a miséria. Modou correspondia à sua expectativa. Ele lhe enviava, atencioso, maços de dinheiro para gastar e lhe oferecia, durante as suas viagens ao exterior, joias e caros boubous. Desde então, ela acedeu à categoria das mulheres ‘da

⁴⁵ “Le mariage n’est pas une chaîne. C’est une adhésion réciproque à un programme de vie. Et puis, si l’un des conjoints ne trouve plus son compte dans cette union, pourquoi devrait-il rester? Ce peut être Abou (son mari), ce peut être moi. Pourquoi pas? La femme peut prendre l’initiative de la rupture”.

pulseira pesada', cantadas pelos griôs. Extasiada, ela escutava o rádio transmitir hinos dedicados a ele (BÂ, 1979b, p. 95)⁴⁶.

Dame se aproveitara da filha, quando incentivou a sua união conjugal, visando somente o lucro e a estabilidade financeira. Naquele contexto, tornou-se evidente a visão do casamento arranjado, sem amor, pautado no interesse pessoal, independentemente se a concretização do matrimônio prejudicasse outrem; nesse caso, a própria filha Binetou.

Uma outra personagem a repetir padrões patriarcais na narrativa é Tante Nabou. Em busca do casamento ideal para o filho Mawdo e, assim, manter o título de nobreza na família, essa personagem ignorou o amor que une Aïssatou ao marido e o persuade a se casar com Petite Nabou, sua sobrinha:

A mãe de Mawdo é tia Nabou para nós e Seynabou para os outros. Ela tinha um nome glorioso do Sine: Diouf. Ela é descendente de Bour-Sine. Ela vivia no passado sem perceber que o mundo mudava. Ela persistia nas velhas verdades. Fortemente apegada às suas origens privilegiadas, ela acreditava firmemente que o sangue carregava virtudes e repetia, balançando a cabeça, que a falta de nobreza no nascimento é vista no comportamento. E a vida não poupou a mãe de Mawdo Bâ. Ela perdeu cedo um marido querido por ela, criou corajosamente o seu Mawdo mais velho e duas outras filhas, agora casadas e ... bem casadas. Ela dedicava uma afeição de tigresa ao seu 'único homem', Mawdo Bâ, e quando ela jurava diante dele, símbolo da vida e seu 'único homem', ela havia dito tudo. Agora, o seu 'único homem' lhe escapava, escapava por causa da maldita joalheira, pior que uma griote. A griote traz felicidade. Mas uma joalheira!... Ela queima tudo no seu caminho como um fogo de ferreiro (BÂ, 1979b, p. 55 - 56)⁴⁷.

⁴⁶ "Première femme, naguère négligée, Dame Belle-mère émergeait de l'ombre et reprenait en main son époux infidèle. Elle avait des atouts appréciables: grillades, poulets rôtis et pourquoi pas, des billets de banque glissés dans la poche du boubou suspendu au porte-manteau de la chambre à coucher. Elle ne comptait plus, comme naguère, pour économiser le prix des estagnons d'eau achetés au Toucouleur, vendeur ambulant du liquide vital, puisé aux fontaines publiques. Elle jouissait de son bonheur neuf, en connaissance de la misère. Modou répondait à son attente. Il lui envoyait, prévenant, des liasses de billets à dépenser et lui offrait, lors de ses voyages à l'extérieur, des bijoux et de riches boubous. Dès lors, elle accéda à la catégorie des femmes 'au bracelet lourd', chantées par les griots. Extasiée, elle écoutait la radio transmettre des hymnes qui lui étaient dédiés".

⁴⁷ "La mère de Mawdo, c'est Tante Nabou pour nous et Seynabou pour les autres. Elle portait un nom glorieux du Sine: Diouf. Elle est descendante de Bour-Sine. Elle vivait dans le passé sans prendre conscience du monde qui muait. Elle s'obstinait dans les vérités anciennes. Fortement attachée à ses origines privilégiées, elle croyait ferme au sang porteur de vertus et répétait en hochant la tête, que le manque de noblesse à la naissance se retrouve dans le comportement. Et la vie ne l'a point épargnée, la mère de Mawdo Bâ. Elle perdit tôt un mari cher, éleva courageusement son aîné Mawdo et deux autres filles, aujourd'hui mariées et... bien mariées. Elle vouait une affection de tigresse à son 'seul homme', Mawdo Bâ, et quand elle jurait sur le nez, symbole de la vie, de son 'seul homme', elle avait tout dit. Maintenant, son 'seul homme' lui échappait, par la faute de cette maudite bijoutière, pire qu'une griote. La griote porte bonheur. Mais une bijoutière!... Elle brûle tout sur son passage comme un feu de forge".

Mulher “tradicionalista”⁴⁸, Tante Nabou viveu acreditando que a nobreza da sua família deveria ser mantida e essa posição ocupada socialmente poderia ser “manchada” no casamento do seu filho com Aïssatou: “Sua existência, Aïssatou, nunca manchará sua nobre descendência, ela jurou” (BÂ, 1979b, p. 59)⁴⁹.

Segundo Guèye (1998, p. 310), “Tante Nabou é apresentada como uma mulher que não para por nada, a fim de alcançar o seu objetivo, é astuta e calculista⁵⁰.” É ela quem provoca o fim do casamento de Aïssatou, ao impor ao filho o casamento, também, com a prima.

Binetou e Petite Nabou são “vítimas” das duas últimas personagens aqui apresentadas e serão a seguir analisadas.

Binetou é uma jovem, amiga de Daba, que frequentava a casa de Ramatoulaye. Modou, nessa época, já estava interessado na amiga da filha: “Eu via, às vezes, Modou se interessar pelo casal. Eu tampouco me inquietava, até que o ouvi se propor a levar Binetou de carro, ‘porque já era tarde’, ele disse” (BÂ, 1979b, p. 70)⁵¹.

A jovem não gostava de Modou, mas se interessava pelo dinheiro dele e pelo que isso poderia proporcionar. Afinal, ela acreditava ser o certo: “Binetou, entrementes, metamorfoseava-se. Ela vestia agora vestidos ‘prêt-à-porter’ muito caros. Ela explicava à minha filha rindo ‘eu tirei essa quantidade da carteira de um velho’” (BÂ, 1979b, p. 70 - 71)⁵².

Motivada pela mãe a se casar com Modou, ela assim o faz, para o desgosto da amiga. Daba ainda não sabe que o “velho” mencionado por Binetou, era o seu pai: “O velho dos vestidos caros quer se casar com Binetou. Imagine um pouco. Seus pais querem tirá-la da escola, a alguns meses do vestibular, para se casar com um velho” (BÂ, 1979b, p. 71)⁵³.

⁴⁸ Quando se trata da mulher tradicionalista, considera-se o pensamento tradicional construído pela sociedade moderna ocidentalizada para escravizar as mentes subalternizadas, como a das mulheres, consideradas frágeis, submissas e, portanto, mais vulneráveis, como se uma “lavagem cerebral” fosse realizada nelas.

⁴⁹ “*Ton existence, Aïssatou, ne ternira jamais sa noble descendance, jura-t-elle*”.

⁵⁰ “*Tante Nabou est présentée comme une femme qui ne recule devant rien pour parvenir à son but, elle est rusée et calculatrice*”.

⁵¹ “*Je voyais, parfois, Modou s’intéresser au tandem. Je ne m’inquiétais nullement, non plus, lorsque je l’entendais se proposer pour ramener Binetou en voiture, ‘à cause de l’heure tardive’, disait-il*”.

⁵² “*Binetou cependant se métamorphosait. Elle portait maintenant des robes de prêt-à-porter très coûteuses. Elle expliquait à ma fille en riant: ‘Je tire leur prix de la poche d’un vieux’*”.

⁵³ “*Le vieux des robes ‘Prêt-à-porter’ veut épouser Binetou. Imagine un peu. Ses parents veulent la sortir de l’école, à quelques mois du Bac, pour la marier au vieux*”.

Após se casar com o homem que ela não amava, influenciada pela sua ambição e pela “ganância” da mãe, Binetou anula aos poucos quem ela é, a sua identidade. Esse fato é perceptível pelo modo como os demais personagens a viam: “Binetou? A indiferença imperava. Que lhe importava o que se dizia? Ela já estava morta interiormente... desde o casamento com Modou” (BÂ, 1979b, p. 132)⁵⁴.

Com o percurso de Binetou visto anteriormente, pode-se notar que a questão da poligamia e do casamento sem amor não atinge somente a primeira esposa, ela afeta também outras estruturas advindas desse matrimônio. No caso da personagem ora analisada, observa-se que Binetou poderia ser mais entendida como uma vítima dessa situação do que como culpada. Ela é ainda uma garota quando se casa com Modou, e não entendia a dimensão das implicações advindas disso.

A outra personagem que é apresentada sob o mesmo viés é Petite Nabou. Ela também é usada, por sua tia, para se casar com o primo e continuar a linhagem familiar por Tante Nabou.

A escolha da nomeação da personagem é também emblemática, pois a linhagem mencionada recomeça com uma nova mulher que possui o nome igual. Depreende-se, portanto, que a tia busca a nobreza e a manutenção cíclica familiar.

Petite Nabou fora aluna de Ramatoulaye. A professora observava que a tia dava a ela conselhos sobre manutenção da nobreza e modos/costumes.

A pequena Nabou, entrou, pelos meus cuidados, na escola francesa. Amadurecendo sob a sombra protetora da sua tia, aprendia os segredos dos molhos deliciosos, a usar o ferro de passar e o pilão. A sua tia nunca deixava de ressaltar a sua origem real e lhe ensinava que a qualidade primeira de uma mulher é a docilidade (BÂ, 1979b, p. 61)⁵⁵.

Posteriormente, a tia envia a sobrinha para estudar sobre partos, direcionando a sua educação:

Depois do seu certificado de estudos e alguns anos de colegial, tia Nabou aconselhou a sua sobrinha a fazer o concurso para entrar na Escola de Parteiras do Estado: ‘Essa escola é boa. Lá, educa-se. Nada de guirlanda na cabeça. Moças sóbrias, sem brincos, vestimentas brancas, cor da pureza. A profissão que irá aprender lá é bonita; você ganhará a sua vida e conquistará as graças para o seu paraíso,

⁵⁴ “Binetou?... L’indifférence assise. Que lui importait ce qui se disait. Elle était déjà morte intérieurement... depuis ses épousailles avec Modou”.

⁵⁵ “La petite Nabou entra, par mes soins, à l’école française. Mûrissant à l’ombre protectrice de sa tante, elle apprenait le secret des sauces délicieuses, à manier fer à repasser et pilon. Sa tante ne manquait jamais l’occasion de lui souligner son origine royale et lui enseignait que la qualité première d’une femme est la docilité”.

ajudando os servos de Maomé a nascer. Na verdade, a educação de uma mulher não precisa avançar. E depois, eu me pergunto como uma mulher pode ganhar sua vida falando dia e noite' (BÂ, 1979b, p. 61 - 62)⁵⁶.

Após todos esses acontecimentos, Tante Nabou apenas informa ao filho sobre o seu casamento com a prima, chantageando-o, sem ouvir a opinião dele a respeito disso:

A pequena Nabou se tornou, então, parteira. Um belo dia, Tia Nabou convocou Mawdo e lhe disse: 'Meu irmão Farba te deu a Petite Nabou como mulher para me agradecer a maneira digna com a qual eu a criei. Se você não a tiver como esposa, eu não me reerguerei jamais. A vergonha mata mais rápido do que a doença' (BÂ, 1979b, p. 62)⁵⁷.

Apesar da recusa em se casar com a prima (o que ocorre depois) e da saudade que Mawdo sente de Aïssatou, ele tem dois filhos com Petite Nabou, o que se torna evidente que mesmo em um casamento sem amor, ele ainda está com a prima:

Mas, seu aspecto desiludido, as críticas exacerbadas do seu lar, sua verve repreendia tudo, não impediam o inchaço periódico do ventre de Petite Nabou. Dois meninos já tinham nascido. Colocado diante desse visível fato, prova da sua comunhão íntima com a Petite Nabou, Mawdo se contraía com furor (BÂ, 1979b, p. 67)⁵⁸.

Nessa parte da narrativa, Mawdo tenta justificar para Ramatoulaye o papel da primeira esposa de entender um outro casamento contraído sem amor, pelo discurso tradicionalista e patriarcal: "[...] você entende... Uma mulher deve compreender de uma vez para tudo perdoar; não deve sofrer preocupando-se com as 'traições' carnavais.

⁵⁶ "Après son certificat d'études et quelques années au lycée, la grande Nabou conseilla à sa nièce de passer le concours d'entrée à l'École des Sages-Femmes d'État: 'Cette école est bien. Là, on éduque. Nulle guirlande sur les têtes. Des jeunes filles sobres, sans boucles d'oreilles, vêtues de blanc, couleur de la pureté. Le métier que tu y apprendras est beau; tu gagneras ta vie et tu conquerras des grâces pour ton paradis, en aidant à naître des serviteurs de Mohamed. En vérité, l'instruction d'une femme n'est pas à pousser. Et puis, je me demande comment une femme peut gagner sa vie en parlant matin et soir'".

⁵⁷ "La petite Nabou devint donc sage-femme. Un beau jour, Tante Nabou convoqua Mawdo et lui dit : 'Mon frère Farba t'a donné la petite Nabou comme femme pour me remercier de la façon digne dont je l'ai élevée. Si tu ne la gardes pas comme épouse, je ne m'en relèverai jamais. La honte tue plus vite que la maladie'".

⁵⁸ "Mais, ses allures de désabusé, les critiques acerbes de son foyer, sa verve qui houspillait tout, n'empêchaient point le gonflement périodique du ventre de la petite Nabou. Deux garçons étaient déjà nés. Mis devant ce fait visible, preuve de ses communions intimes avec la petite Nabou, Mawdo se contractait avec fureur".

O que importa, é o que há, no coração; isso é o que liga os dois seres, por dentro” (BÂ, 1979b, p. 68)⁵⁹.

Observa-se que Petite Nabou não teve muitas escolhas acerca do seu destino. Ela teve que aceitar o casamento com o primo, em reconhecimento ao que a tia fazia por ela e pela família, para conviver nesse casamento que lhe foi imposto. A personagem sequer tem fala na narrativa, sendo apenas mencionada por Ramatoulaye sobre os acontecimentos da sua vida:

Petite Nabou cresceu perto da sua tia, que a tinha prometido como esposa do seu filho Mawdo. Mawdo havia povoado os sonhos de adolescente da Petite Nabou. Habituada a vê-lo, ela se deixava conduzir naturalmente para ele, sem choque. Seus cabelos grisalhos não o ofuscavam; seus traços reforçados eram tranquilizadores para ela (BÂ, 1979b, p. 90)⁶⁰.

Contudo, a protagonista observa grande diferença entre ela e Binetou. Para ela, Petite Nabou, pela sua profissão é: “Responsável e consciente, é a Petite Nabou, como você, como eu! Mesmo se ela não é minha amiga, nossas preocupações frequentemente se igualam” (BÂ, 1979b, p. 92)⁶¹.

Já Binetou é descrita da seguinte maneira por Ramatoulaye:

Quanto à Binetou, ela cresceu com completa liberdade, em um meio onde a sobrevivência comanda. Sua mãe era mais preocupada em fazer ferver a panela do que com a educação. Bela, brincalhona, bom coração, inteligente, Binetou tinha acesso fácil a muitas famílias abastadas nas quais evoluíam suas amigas, tinha plena consciência daquilo que ela sacrificava com o seu casamento. Vítima, ela pretendia ser opressora. Exilada no mundo dos adultos que não era o seu, ela queria que sua prisão fosse dourada. Exigente, ela atormentava. Vendida, ela aumentava a cada dia o seu valor. Suas renúncias, que antes tinham sido a seiva da sua vida e que ela enumerava com amargura, reclamavam compensações exorbitantes, que Modou se extenuava a satisfazer. Alcançavam-me amplificadas ou amputadas, conforme o visitante, os ecos da sua vida. A sedução da idade madura, das têmporas de grisalhas, era desconhecida por Binetou (BÂ, 1979b, p. 92 - 93)⁶².

⁵⁹ "Tu comprends... Une femme doit comprendre une fois pour toutes et pardonner; elle ne doit pas souffrir en se souciant des ' trahisons' charnelles. Ce qui importe, c'est ce qu'il y a là, dans le cœur; c'est ce qui lie deux êtres, au-dedans".

⁶⁰ "La petite Nabou avait grandi à côté de sa tante, qui lui avait assigné comme époux son fils Mawdo. Mawdo avait donc peuplé les rêves d'adolescence de la petite Nabou. Habitée à le voir, elle s'était laissée entraîner naturellement, vers lui, sans choc. Ses cheveux grisonnants ne l'offusquaient pas; ses traits épaissis étaient rassurants pour elle".

⁶¹ "Responsable et consciente, la petite Nabou, comme toi, comme moi! Si elle n'est pas mon amie, nos préoccupations se rejoignent souvent".

⁶² "Quant à Binetou, elle avait grandi en toute liberté, dans un milieu où la survie commande. Sa mère était plus préoccupée de faire bouillir la marmite que d'éducation. Belle, enjouée, bon cœur, intelligente, Binetou qui avait accès à beaucoup de familles aisées où évoluaient ses amies, avait une conscience

Nesse sentido, Petite Nabou e Binetou são vítimas, como já dito anteriormente, mas possuem uma conduta diferente diante das situações que lhes são impostas, agindo a segunda de forma consciente e a primeira sendo levada pelas imposições sociais gananciosas.

Uma outra personagem feminina também bastante mencionada na obra é Farmata, vizinha de Aïssatou e Griote⁶³. Ela aparece em vários momentos da vida de Ramatoulaye dando conselhos, prevendo o futuro ou encorajando a protagonista em alguma questão específica: “Minha vizinha griote Farmata entrou correndo, atrás dele, empolgada. Ela estava sempre procurando o futuro com seus búzios, e as mínimas concordâncias das suas previsões com a realidade a exaltavam” (BÂ, 1979b, p. 123)⁶⁴.

Farmata opina sobre a vida de Ramatoulaye e tem as suas ponderações respeitadas pela protagonista. Farmata representa uma espécie de ponto racional da personagem principal que age, em diversas partes, emocionalmente, fazendo um importante papel de amiga próxima a ela: “ela nunca era participante dos meus problemas, apenas era informada, como uma ‘conhecida vulgar’, queixava-se” (BÂ, 1979b, p. 126)⁶⁵.

É Farmata quem conversa com Ramatoulaye sobre o então pretendente Daouda. Para ela, a protagonista deve se casar com ele:

Quem você pensa que é? Aos cinquenta anos! Você se atreveu a quebrar o ‘woleré’. Você despreza a sua sorte: Daouda Dieng, um homem rico, deputado, médico, da sua idade, com apenas uma mulher. Ele lhe oferece segurança, amor e você recusa! Muitas mulheres, mesmo da idade de Daba, gostariam de estar no seu lugar [...] Você quer escolher um marido como uma menina de dezoito anos.

aiguë de ce qu'elle immolait dans son mariage. Victime, elle se voulait oppresseur. Exilée dans le monde des adultes qui n'était pas le sien, elle voulait sa prison dorée. Exigeante, elle tourmentait. Vendue, elle élevait chaque jour sa valeur. Ses renoncements, qui étaient jadis la sève de sa vie et qu'elle énumérait avec amertume, réclamaient des compensations exorbitantes que Modou s'exténua à satisfaire. Me parvenaient, amplifiés ou amputés, selon le visiteur, les échos de leur vie. La séduction de l'âge mûr, des tempes poivre et sel était inconnue de Binetou”.

⁶³ “Dotados de memória prodigiosa, os griôs são artesãos da palavra [...] Considerados verdadeiras bibliotecas vivas, esses homens e mulheres, cuja profissão é hereditária, são capazes de narrar, com emoção e riqueza de detalhes, os feitos [...] há também os que [...] anunciam novidades de interesse geral para as famílias, medeiam conflitos entre pessoas ou famílias [...]” (MACHADO *et al.*, 2012, p. 129-130). Essa é uma importante tradição cultural africana que é inserida na narrativa de Bâ e convive com os aspectos atuais em Dacar.

⁶⁴ “Ma voisine griote Farmata entra en trombe, après lui, excitée. Elle était toujours à la recherche du futur avec ses cauris et les moindres concordances de ses prédictions avec la réalité l'exaltaient”.

⁶⁵ “elle n'était jamais intervenante dans mes problèmes, seulement informée, comme une ‘vulgaire connaissance’, se plaignait-elle”.

A vida lhe prepara uma surpresa dessas e então, Ramatoulaye, você vai se arrepender (BÂ, 1979b, p. 129 - 130)⁶⁶.

Farmata acredita que Ramatoulaye deveria aceitar o pedido de casamento de Daouda, pensando no que ele pode proporcionar a ela, pois a protagonista já tem doze filhos, 50 anos e é viúva.

Ter um marido, na cultura apresentada em *“Une si longue lettre”*, seria importante para inseri-la novamente nessa sociedade patriarcal. Assim, ela sofreria menos preconceito pelas questões mencionadas, sobretudo pelo fato de ser mulher.

É Farmata também que prevê a gravidez da filha de Ramatoulaye, também chamada Aïssatou, e por essa razão, precisa do apoio da mãe.

Farmata insistia cada dia um pouco mais na ‘moça grávida’ dos seus búzios. Ela me mostrava. Ela sofria com o seu estado. A sua atitude era eloquente: ‘Olhe! Mas olhe aqui! Esse búzio isolado, com a cavidade para cima. Olhe esse outro búzio que se adapta, a face branca para cima: como uma panela e sua tampa. A criança está no ventre. Ela faz um só corpo com a mãe. O grupo dos dois búzios está isolado: trata-se de uma menina sem laços, ou seja, uma moça sem marido. Mas como os búzios são pequenos, é mesmo de uma moça que se trata’ (BÂ, 1979b, p. 150)⁶⁷.

A Griote auxilia Ramatoulaye nesse momento tão emblemático da narrativa. Na verdade, a filha solteira está grávida e a protagonista não sabe como agir para proteger socialmente Aïssatou dessa situação.

Quanto a esse assunto, Ibrahima Sall, o pai do bebê pede a filha de Ramatoulaye em casamento. A situação é intermediada por Farmata, quem conversa sobre o matrimônio e a vida futura dos dois. Eles são estudantes e será a avó paterna quem deve auxiliar a cuidar da criança, até eles terminarem os estudos.

A última personagem feminina que será aqui analisada é Jacqueline, mulher casada com Samba Diack. Ela desobedece aos seus pais protestantes para se casar

⁶⁶ *“Pour qui te prends-tu? À cinquante ans! Tu as osé casser le “woleré” Tu piétines ta chance: Daouda Dieng un homme riche, député, médecin, de ton âge, avec une femme seulement. Il t’offre sécurité, amour et tu refuses! Bien des femmes, même de l’âge de Daba, souhaiteraient être à ta place [...] veux choisir un mari comme une fille de dix-huit ans. La vie te garde une de ces surprises et alors, Ramatoulaye, tu te mordras les doigts”.*

⁶⁷ *“Farmata insistait chaque jour un peu plus sur ‘la jeune fille enceinte’ de ses cauris. Elle me la montrait. Elle souffrait de son état. Son attitude était éloquente: ‘Regarde ! Mais regarde donc. Ce cauri isolé, creux en l’air. Regarde cet autre cauri qui s’y adapte, face blanche en haut : comme une marmite et son couvercle. L’enfant est dans le ventre. Il fait corps avec sa mère. Le groupe des deux cauris est isolé: il s’agit d’une femme sans attache donc une jeune femme sans mari. Mais comme les cauris sont menus, c’est bien d’une jeune fille qu’il s’agit”.*

com Samba, um mulçumano. Vinda da Costa do Marfim, ela aos poucos adapta-se às questões subjacentes ao Senegal, apresentadas na narrativa.

Samba é um marido infiel e Jacqueline, ao descobrir isso, acredita estar ficando fisicamente doente. No entanto, a sua enfermidade é, na verdade, psicológica, advinda da disfuncionalidade da relação do casal:

E um dia, Jacqueline reclamou ter um caroço incômodo no peito, sob o seio esquerdo; ela disse que sentiu como se tivesse sido penetrada por uma ponta que cavava a carne até as costas. Ela estava choramingando. Mawdo a auscultou: nada no coração, ele disse. Ele receitou um calmante. Jacqueline tomou ansiosamente seus comprimidos, atormentada por uma dor insidiosa. Com o pote vazio, ela notou que a bola permanecia no mesmo lugar; o sofrimento a atormentava com a mesma agudeza (BÂ, 1979b, p. 82 - 83)⁶⁸.

Posteriormente, a personagem se arrepende de ter contrariado seus pais e escreve para eles uma carta de desculpas. Esse retorno ao passado para um reconforto no presente é importante que seja analisado. Nessa perspectiva, Jacqueline deseja buscar uma redenção, como uma espécie de perdão, para um possível recomeço.

A sua escrita também pode representar uma morte simbólica dessa situação, ao findar com o ciclo iniciado pelo conflito entre os pais e ela, na escolha do marido. Ainda que tenha sido necessária psicologicamente essa tentativa de busca das suas origens para um reconforto atual, Jacqueline⁶⁹ não consegue se desvencilhar da dor que sente, fato esse responsável por levar a jovem à loucura.

‘Sra. Diack, eu garanto a saúde da sua cabeça. As radiografias não detectaram nada, nem os exames de sangue. Você está deprimida, isso é ... está infeliz. As condições de vida que você deseja diferem da realidade e isso é razão de tormento para você. Além disso, os seus partos se sucederam muito seguidamente; o organismo perde seus fluidos vitais, que não têm tempo para serem substituídos. Em resumo, a senhora não tem nada que comprometa a sua vida. É preciso reagir, sair, encontrar razões para viver. Tome coragem. Lentamente, você

⁶⁸ "Son mari, qui revenait de loin, passait ses loisirs à pourchasser les Sénégalaises 'fines', qu'il appréciait, et ne prenait pas la peine de cacher ses aventures, ne respectant ni sa femme ni ses enfants. Son absence de précautions mettait sous les yeux de Jacqueline les preuves irréfutables de son inconduite: mots d'amour, talons de chèques portant les noms des bénéficiaires, factures de restaurants et de chambre d'hôtel. Jacqueline pleurait, Samba Diack 'noçai'. Jacqueline maigrissait. Samba Diack 'noçait' toujours. Et un jour, Jacqueline se plaignit d'avoir une boule gênante dans la poitrine, sous le sein gauche; elle disait avoir l'impression d'être pénétrée là par une pointe qui fouillait la chair jusqu'au dos. Elle geignait. Mawdo l'auscultait: rien au cœur, dit-il. Il prescrivit un calmant. Jacqueline prit avec ardeur ses comprimés, tenaillée par la douleur insidieuse. Le flacon vide, elle constata que la boule demeurait à la même place; la souffrance la harcelait avec la même acuité".

⁶⁹ A personagem Jacqueline de "Une si longue lettre" se assemelha, em certa medida, à Mireille, a protagonista de "Un chant écarlate" (1981), uma vez que a personagem principal da segunda obra de Bâ também possui outra religião e se casa, a contragosto dos pais, com Ousmane. Após o casamento do seu marido com uma segunda esposa, Mireille enlouquece ao final da narrativa.

trunfará. Nós lhe daremos uma série de choques, com anestesia, que a relaxarão. Em seguida, a senhora poderá ir' (BÂ, 1979b, p. 87)⁷⁰.

A partir da análise desenvolvida anteriormente, observa-se as diferentes condutas e identidades individuais femininas constitutivas na narrativa de *“Une si longue lettre”*. Entende-se, a partir disso, que a multiplicidade de identidades femininas são representações simbólicas tidas a partir do contexto no qual tais personagens se inserem:

Identidades, por sua vez, constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individualização. Embora [...] as identidades também possam ser formadas a partir de instituições dominantes, somente assumem tal condição quando e se os atores sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização [...] (CASTELLS, 1999, p. 23).

Nesse sentido, de acordo com o citado e inserido no contexto de *“Une si longue lettre”*, as mulheres, apesar de viverem na mesma sociedade, com os costumes tradicionais patriarcais arraigados, não pensam da mesma forma sobre o amor ou o casamento, conforme foi aqui analisado.

Para além disso, há dicotomias trabalhadas em *“Une si longue lettre”*, que se refletem na narrativa e, principalmente, nas personagens. O embate entre o direito do homem versus o da mulher, o direito a frequentar a escola e as tradições que cerceiam essa possibilidade, o casamento e o divórcio, a monogamia e a poligamia, dentre outras dualidades são verificadas na obra e afetam as personagens a todo momento na narrativa.

Nessa bipartição, as personagens femininas (conforme demonstrado nesta seção) ou sucumbem ao peso da tradição e aceitam os valores a elas estipulados ou se contrapõem a essas imposições.

Assim, pode-se perceber que as mulheres são formas simbólicas sociais que evidenciam uma sociedade, demonstrada por Mariama Bâ na sua narrativa. Elas fazem parte de um sistema opressor que inferioriza a mulher, de forma a não deixar

⁷⁰ "Madame Diack, je vous garantis la santé de votre tête. Les radios n'ont rien décelé, les analyses de sang non plus. Vous êtes simplement déprimée, c'est-à-dire... pas heureuse. Les conditions de vie que vous souhaitez diffèrent de la réalité et voilà pour vous des raisons de tourments. De plus vos accouchements se sont succédé trop rapidement; l'organisme perd ses sucs vitaux qui n'ont pas le temps d'être remplacés. Bref, vous n'avez rien qui compromette votre vie. Il faut réagir, sortir, vous trouver des raisons de vivre. Prenez courage. Lentement, vous triompherez. Nous allons vous faire une série de chocs sous curare qui vous détendront. Vous pourrez partir ensuite".

brechas para seguirem os seus próprios rumos e tomarem as suas próprias atitudes. Em resumo, no caso de Ramatoulaye, Aïssatou e Daba, a força de vontade delas, além de uma grande abnegação e luta de viés social travada consigo mesmas a tornam libertas. Outras, no entanto, como Binetou, Dame Belle-Mère, Tante Nabou, Petite Nabou e Jacqueline, não conseguem sair da trama patriarcal, que há séculos oprime as mulheres.

1.2.2.2 A representação feminina na obra de Mariama Bâ em um contexto islâmico

Instrumentos de uns, iscas para outros, respeitadas ou desprezadas, sempre amordaçadas, todas as mulheres têm quase o mesmo destino que as religiões ou as legislações abusivas cristalizaram (BÂ, 1979b, p. 163 - 164)⁷¹.

O islamismo aparece na obra de Mariama Bâ, por diversas vezes, como uma forma de menção aos ritos da religião ou como uma contestação da condição feminina e/ou poligâmica.

A maior parte da narrativa gira em torno de um momento religioso, denominado como *Mirasse*, que pode ser entendido como o período de 40 dias após a morte de uma pessoa, momento reservado para se recordar de quem acabou de falecer, rememorando quem ela foi:

O 'Mirasse' ordenado pelo Alcorão requer contar os segredos mais íntimos de um indivíduo morto. Ela entrega, assim, a outrem o que foi cuidadosamente dissimulado. As descobertas explicam abruptamente uma conduta. Eu percebo, com medo, a extensão da traição de Modou (BÂ, 1979b, p. 26)⁷².

Para Ramatoulaye, esse período de clausura requerido pela religião é um momento de libertação. Ela consegue refletir sobre todas as questões referentes ao casamento, à sociedade e a si mesma como mulher e sobre a nova conduta que resolve adotar.

Reforçando isso, Mortimer (2007) afirma que o *Mirasse* é um momento de luto de Ramatoulaye, para a sociedade, no qual ela mantém a paz e até aceita (mesmo que isso a incomode muito) a coesposa na sua casa no momento do velório. Ao mesmo tempo, representa uma quebra relativa do silêncio quando está sozinha,

⁷¹ "Instruments des uns, appâts pour d'autres, respectées ou méprisées, souvent muselées, toutes les femmes ont presque le même destin que des religions ou des législations abusives ont cimenté".

⁷² "Le 'Mirasse', ordonné par le Coran nécessite le dépouillement d'un individu mort de ses secrets les plus intimes. Il livre ainsi à autrui ce qui fut soigneusement dissimulé. Des découvertes expliquent crûment une conduite. Je mesure, avec effroi, l'ampleur de la trahison de Modou".

quando escreve a carta para Aïssatou, revelando as suas angústias, os seus medos e as suas superações.

Esse período serve, para Ramatoulaye, como um tempo necessário para assimilar o turbilhão de acontecimentos ocorridos com ela, em um curto período. Tudo isso é demonstrado ao leitor na sua narração para Aïssatou:

[...] ela se apropria de um espaço de silêncio (confinamento) para quebrar o seu silêncio. Pelo ritual islâmico do Mirasse, o confinamento desenha uma linha entre falantes e ouvintes/observadores. Isso simultaneamente se insere no seu discurso e na sua contenção [...] Ouvir o mirasse do seu esposo fornece impulso para que ela (re)mova não apenas os mortos, mas também os vivos. Com ultrage na sua voz, Ramatoulaye se priva de contar histórias individuais e coletivas. Em um gesto de narrativa, ela renomeia a decepção e traição do seu esposo como ela ouviu na sala de estar e narra a sua própria história, bem como Aïssatou e Jacqueline no contexto nacional com conflitos de gênero, conflitos políticos, de classe, econômicos e ideológicos. O sucesso de Ramatoulaye está em reinventar a si mesma e conta com a sua capacidade de retrabalhar uma prática religiosa ao possuí-la e subvertê-la (NNAEMEKA, 1997. p. 170)⁷³.

Conforme se depreende pelo supracitado, a religião possui um espaço importante na narrativa, pois é a base dos preceitos culturais aos quais Ramatoulaye vive e se insere, fazendo-se presente a sua menção em diversas partes da obra.

É por esse tempo imposto religiosamente que se percebe os reais sentimentos de Ramatoulaye. Nesse período, ela descobre o desastre financeiro da vida de Modou no seu casamento com Binetou; revive, ainda, momentos da infância, da separação de Aïssatou com Mowdo e se torna independente cultural e economicamente, quando subverte o que lhe é imposto e decide sobre a conduta que deve tomar.

Ainda sobre a religião, o islamismo se faz presente desde as suas primeiras memórias, de quando era criança e dos preceitos religiosos seguidos nesse tempo:

⁷³ “[...] she appropriates a space of silence (confinement) to break her silence. Through the Islamic ritual of Mirasse, confinement draws the line between speakers and listeners/observers. It simultaneously inscribes speech and its containment [...] Listening to her husband's Mirasse provides the impetus for her to (re)strip not only the dead but also strip the living. With outrage in her voice, Ramatoulaye collapses the telling of individual and collective histories. In one narrative gesture, she renames her husband's life of deception and betrayal as she had heard it in her living room, and narrates her own story as well as Aïssatou's and Jacqueline 's in the context of the collective national history with its gender politics and economic, class, and ideological conflicts. Ramatoulaye's success at reinventing herself lies in her ability to rework a religious practice by possessing it, not rejecting it; in other words, she rejects the practice by possessing and subverting it”.

“Meu coração se alinha aos requisitos religiosos. Alimentada, desde a infância, sem as suas fontes rígidas, acredito que não falharei” (BÂ, 1979b, p. 25)⁷⁴.

Nessa perspectiva, faz-se mister entender o Islã para se adentrar no papel da mulher na religião islâmica. Assim, analisa-se as inferências realizadas por Ramatoulaye, no que concerne aos aspectos religiosos mencionados.

O islamismo advém da Arábia e pauta os seus preceitos religiosos no Alcorão, escrito por Maomé⁷⁵, profeta a quem Deus se revela para o registro do livro sagrado⁷⁶.

O islão teve origem na Arábia e ainda hoje está intimamente relacionado à cultura árabe. Entre outras razões, porque o livro sagrado dos muçumanos, o *Corão* ou *Alcorão*, foi escrito em árabe. Em consequência, o elemento árabe é importante no islã, embora hoje só uma minoria dos muçumanos seja árabe. O islã está amplamente difundido em vastas religiões da África e da Ásia, e é praticado por uma sétima parte da população do mundo (por volta de 15%). Atualmente é a segunda maior religião do planeta depois do cristianismo, e grandes levas de imigrantes asiáticos e africanos o transformaram também na maior religião de minorias étnicas na Europa (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2005, p. 127).

No que tange à religião islâmica, que embasa os preceitos morais e os valores de “*Une si longue lettre*”, o livro se encontra, hoje, difundido pelo mundo, porém, é mais centralizado em países asiáticos e africanos, conforme se pode verificar no mapa a seguir, sobre o percentual do islamismo difundido nas nações.

⁷⁴ “*Mon cœur s'accorde aux exigences religieuses. Nourrie, dès l'enfance, à leurs sources rigides, je crois que je ne faillirai pas*”.

⁷⁵ “[...] Durante cerca de três anos, as primeiras mensagens divinas foram comunicadas somente a Khadija e a alguns amigos íntimos [...] Foi após uma visão em 612, a qual lhe ordenava que tornasse publicas suas revelações, que Maomé deu início a seu postulado” (ELIADE, 2011, p. 72- 73).

⁷⁶ A respeito da escrita e Maomé sobre o Alcorão: “[...] O Corão foi revelado a Maomé pouco a pouco, linha por linha, versículo por versículo ao longo de 23 anos [...] Tinha de ouvir com atenção as palavras divinas, esforçando-se para entender seu significado” (ARMSTRONG, 2008, p. 185).

Figura 12: O Islamismo no Mundo



Fonte: Ruthven (2012)

Como se pode inferir pelo mapa, o Senegal (país em que se passa no enredo de *“Une si longe lettre”*) possui um percentual populacional grande de adeptos ao islamismo (50 - 90%). É por esse aspecto que a religião se torna um fator de grande importância para a narrativa, permeando toda a história de Ramatoulaye: “Com uma população Muçulmana estimada em mais de 85% dos seus 5 milhões e 600.000 habitantes, o Senegal é um dos países mais islamizados da África negra. A religião do Profeta marca profundamente as relações entre os indivíduos” (FALL, 1987, p. 24)⁷⁷.

Os valores culturais se entrelaçam aos político-sociais e determinam um modo de ser senegalês e islâmico específico de Dacar, entremeando a religião às questões culturais já perpetradas ali:

O Estado entendeu e tenta canalizar ou quebrar a hegemonia de direito (porque ela existe de fato) modificando a sua política muçulmana. Isso também vai no sentido de uma integração ideológica do Islã na sua construção política. A disseminação dos valores morais

⁷⁷ “Avec une population mulsumane estimée à plus de 85% de ses 5 millions 600.000 habitants, le Sénégal est l’un des pays les plus islamisés de l’Afrique noire. La religion du Prophète marque profondément les relations entre les individus”.

e religiosos pelo Estado se organiza em torno de um 'Islã Senegalês' (FALL, 1987, p. 34 - 35)⁷⁸.

Em relação a essa adaptação islâmica à cultura senegalesa, Gomez-Perez discute: "O islamismo no Senegal parece não ter ainda uma cultura de tomada do poder político, embora o seu discurso tenha se adaptado ao contexto e enuncie mais claramente um programa social, político e econômico" (GOMEZ-PEREZ, 1994, p. 89)⁷⁹.

No que tange ao islamismo no continente africano, Denise Paulme (1996, p. 31) data a sua chegada no continente: "Vindo da Arábia, o Islão invade a África a partir do século VII [...]". Quanto à difusão da religião, de fato, a autora afirma que: "Até a chegada dos Europeus, a África islamizada nunca se integrou verdadeiramente no mundo mulçumano. Hoje, embora predomine, a influência europeia também facilitou as comunicações entre a África Ocidental e o Oriente" (PAULME, 1996, p. 46).

Sobre o significado da terminologia islamismo Gaarden, Hellern e Notaker (2005, p. 127) definem:

A palavra árabe *islām* significa 'submissão'. É um significado forte. Percebe-se na raiz do nome algo essencial nessa religião: o homem deve se entregar a Deus e se submeter a Sua vontade em todas as áreas da vida. Trata-se da condição para ser *mulçumano* (GAARDEN; HELLERN; NOTAKER, 2005, p. 127).

Submeter-se à religião se torna, portanto, um preceito do islamismo. Os fiéis, então, seguem os ensinamentos do Alcorão, cuja nomenclatura significa recitar ou declamar, tendo sido, segundo os preceitos religiosos, soprados por Alá aos ouvidos de Maomé. Os islâmicos vivem conforme, nesse sentido, o que lhes é ordenado nos textos sagrados.

Ainda sobre a terminologia, Armstrong revela que:

A religião de Maomé acabou recebendo o nome de islām, o ato de entrega existencial a Alá que se espera de cada convertido: *muslim* é o homem ou a mulher que entregou todo o seu ser ao Criador [...] Em termos práticos, *islām* significa que os mulçumanos têm o dever de criar uma sociedade justa e igualitária, na qual os pobres e fracos sejam tratados dignamente (ARMSTRONG, 2008, p. 189).

⁷⁸ "L'État l'a bien compris que essaie de canaliser ou de briser l'hégémonie de droit (parce qu'elle est de fait) en modifiant sa politique mulsumane. Ceci va aussi dans le sens d'une intégration idéologique de l'islam dans sa construction politique. La diffusion des valeurs morales et religieuses par l'État d'organise autour d'in 'islam sénégalais'".

⁷⁹ "L'islamisme au Sénégal ne parait pas encore avoir une culture de prise du pouvoir politique, bien que son discours se soit adapté au contexte et énonce plus clairement un programme social, politique et économique".

Essa entrega a Alá é uma característica presente e tratada na narrativa de Mariama Bâ. Por diversas vezes, menciona-se na obra a presença da religião na vida das personagens, de um Deus que os guia e do Alcorão, como palavra consoladora do momento difícil, no qual a protagonista vive.

E chega reconfortante a leitura do Alcorão; palavras divinas, recomendações celestes, impressionantes promessas de castigo ou de deleites, exortações ao bem, alerta contra o mal, exaltação da humildade, da fé. Arrepios me percorrem. Minhas lágrimas escorrem e minha voz se une baixinho aos 'Améns' fervorosos que mobilizam o ardor da multidão, a cada versículo (BÂ, 1979b, p. 19)⁸⁰.

O conforto encontrado nas palavras do Alcorão traz à Ramatoulaye força para continuar a viver o seu período do *Mirasse* e encontrar a si mesma na narrativa. A protagonista se apoia no texto religioso, emociona-se com os seus dizeres e, além dela, as pessoas ali presentes exortam o que foi proferido.

A protagonista vive um paradoxo, nesse sentido, pois ao mesmo tempo em que ela se sente bem lendo o Alcorão, o livro sagrado também é uma cartilha que reconhece como autêntica a poligamia e, em alguns casos, a subserviência feminina.

A mulher no contexto da obra é negligenciada, seja nas práticas religiosas ou nas sociais, o que é relatado por Ramatoulaye, conforme mencionado na epígrafe de abertura desta seção: "Instrumentos de uns, isca para os outros, respeitados ou desprezados, geralmente amordaçadas, todas as mulheres têm quase o mesmo destino que as religiões ou a legislação abusiva sedimentaram" (BÂ, 1979b, p. 163 - 164)⁸¹.

Assim, a protagonista denuncia as práticas religiosas e legislativas abusivas em relação à mulher e, por isso, tornam-se amordaçadas, como evidencia Ramatoulaye.

Ramatoulaye serve, nesse sentido, como uma porta-voz de outras vozes silenciadas ou negligenciadas socioculturalmente em nome de uma interpretação do Alcorão ou social que se fez dele:

Discutir que as condições modernas buscam um fim nas provisões discriminatórias do Alcorão é desafiar o dogma que o texto é

⁸⁰ "Et monte, reconfortante la lecture du Coran; paroles divines, recommandations célestes, impressionnantes promesses de châtiement ou de délices, exhortations au bien, mise en garde contre le mal, exaltation de l'humilité, de la foi. Des frissons me parcourent. Mes larmes coulent et ma voix s'ajoute faiblement aux 'Amen' fervents qui mobilisent l'ardeur de la foule, à la chute de chaque verset".

⁸¹ "Instruments des uns, appâts pour d'autres, respectées ou méprisées, souvent muselées, toutes les femmes ont presque le même destin que des religions ou des législations abusives ont cimenté".

eternamente fixo. Autoras feministas são forçadas pela lógica da sua posição a dissociarem o texto do espírito em favor de uma doutrina flexível, que leva à inevitável recontextualização do livro sagrado do islã. A questão dos direitos das mulheres é alcançada nesse problema do modernismo. Como os modernistas o veem, o Alcorão foi revelado em um período e contexto social específicos. A sua tarefa é reinterpretar o espírito das provisões à luz das realidades modernas. A dificuldade em encarar o modernismo é que aqueles que tomam o texto com determinado valor, recusando a desconstruí-lo para encaixá-lo em modismos atuais, estão normalmente mais perto de seu significado e propósito originais (RUTHVEN, 2012, p. 103 - 104)⁸².

Ao se deparar com as questões religiosas, a personagem esbarra em um campo sedimentado e pouco discutido socialmente, pois o conteúdo do Alcorão já é interpretado há muito tempo e não se altera. Ainda assim, alguns preceitos são denunciados e se observa, por outro lado, os sentimentos da mulher em relação a tais imposições. No caso da poligamia, por exemplo, é entendida como traição, fato que não é um ponto pacífico para grande parte das personagens femininas da obra.

Mariama Bâ exprime, em *“Une si longue lettre”*, um retrato social do que é estabelecido e imposto culturalmente e como as mulheres reagem a isso. Ndiaye revela que:

A evocação exata e dolorosa do seu tempo e da sua vida confere à obra todo o seu valor autêntico. Ela eloquentemente revela, embora os personagens sejam de papel, como as elites da sua geração (muitas delas, de qualquer maneira) sofriam com as restrições impostas pelas convicções rígidas, bastante inclinadas a marginalizá-las, e os duros golpes que tiveram que sofrer daquelas que eram fortes o suficiente para pagarem o preço pela sua revolta (NDIAYE, 2007, p. 50)⁸³.

No islamismo, à mulher é relegado um papel distinto dos homens, elas não são tratadas de forma igual a eles. Segundo o livro sagrado islâmico:

Os homens são os protetores das mulheres, porque Deus dotou uns com mais (força) do que as outras, e pelo

⁸² “To argue that modern conditions demand an end to the Quran’s discriminatory provisions is to challenge the dogma that the text is fixed for eternity. Feminist writers are forced by the logic of their position to de-couple the text from the spirit in favour of a flexible doctrine that leads inevitably to the recontextualization of Islam’s holy book. The issue of women’s rights is inexorably caught up in the issue of modernism. As modernists see it, the Quran was revealed at a specific time and in a specific social context. Their task is to reinterpret the spirit of its provisions in the light of modern realities. The difficulty facing modernist is that those who take the text at face value, refusing to deconstruct it to suit current social trends or fashions, are often closer to its original meaning and purpose”.

⁸³ “C’est l’évocation exacte et douloureuse de son temps et sa vie qui donne à l’ouvrage toute sa valeur authentique. Elle révèle avec éloquence, bien que les personnages soient de papier, comment les élites de sa génération (bon nombre d’entre elles en tout cas) souffraient des contraintes imposées par des convictions rigides plutôt portées à les marginaliser, et les coups durs que devaient subir celles qui étaient assez fortes pour payer le prix de leur révolte”.

seu sustento do seu pecúlio. As boas esposas são as devotas, que guardam, na ausência (do marido), o segredo que Deus ordenou que fosse guardado (ALCORÃO, [S.D.]).

Pode-se notar, pelo trecho acima, que à mulher é destinado o papel de obediência ao marido e temente a Deus. Diferentemente, o texto declara que ao homem cabe proteger as mulheres, por ser mais “forte” do que elas. Por essa passividade requerida à mulher, oposta à atividade (de cuidar da mulher e financeiramente da casa) masculina, pode-se observar a disparidade de tratamento quanto ao gênero.

No trecho a seguir, percebe-se novamente tal submissão ao ser requerido à mulher que ela perdoe o marido, caso ele lhe seja indiferente:

Se uma mulher notar indiferença ou menosprezo por parte de seu marido, não há mal em se reconciliarem amigavelmente, porque a concórdia é o melhor, apesar de o ser humano, por natureza, ser propenso à avareza (ALCORÃO, [S.D.]).

Armstrong aponta a predominância interpretativa quanto às palavras do Alcorão, de modo a beneficiar o homem em detrimento das mulheres:

Infelizmente, como no cristianismo, os homens acabaram monopolizando a religião e interpretando os textos de forma negativa para as mulçumanas. O Corão não prescreve véu para todas as devotas, mas só para as esposas de Maomé, como sinal de seu status. Assim, o islamismo assumiu seu lugar no mundo civilizado, porém, os mulçumanos adotaram os costumes do *oikumene* que relegavam as mulheres a uma condição inferior. Passaram a vê-las e isolá-las em haréns [...] Hoje, as feministas islâmicas exortam os homens a retomar o espírito original do Corão (ARMSTRONG, 2008, p. 207).

Concernente à disparidade do tratamento entre homens e mulheres, Soares indaga sobre a igualdade proposta na época de criação do islamismo:

Afinal, se o Islã de Maomé pregava a igualdade, baniu toda ideia de controle e se baseava na responsabilidade individual, como se explicam as revelações de versículos que preconizam a superioridade do homem sobre a mulher, as diferenças de direitos entre eles (cf. a poligamia, a distribuição da herança, etc.), a obediência devida pela mulher ao marido, enfim, a instituição do véu? (SOARES, 1998, p. 170).

O véu⁸⁴ perpassou uma questão apenas religiosa e por uma interpretação já realizada do Alcorão foi incorporado à identidade feminina. Armstrong explica sobre a polêmica do véu - relacionado ao papel da mulher no islamismo:

O uso do véu não é original nem fundamental no islã. O Alcorão não ordena que todas as mulheres cubram a cabeça, e o hábito de velá-las e isolá-las nos haréns só se difundiu no mundo islâmico cerca de três gerações após a morte do Profeta, quando os muçulmanos começaram a imitar os cristãos de Bizâncio e os zoroastristas da Pérsia, que desde longa data tratavam suas mulheres dessa forma. Nem todas, porém usavam o véu [...] o véu passou a simbolizar a autenticidade islâmica para muitos muçulmanos, enquanto para muitos ocidentais era e ainda é a 'prova' da inextirpável misoginia do Islã (ARMSTRONG, 2001, p. 193).

Sobre a tradição do uso do véu na religião islâmica, Gaarder, Hellern e Notaker afirmam que:

Nem mesmo a tradição de usar véu, ou *chador*, deriva do Corão, mas ele se difundiu por amplas áreas geográficas, independentemente da religião. Em sua origem, tal moda se limitava às classes superiores, não tendo penetração na sociedade agrícola, onde as mulheres deviam trabalhar no campo. A luta contra o véu vem sendo uma questão predominante na modernização de muitas nações árabes; entretanto, o reavivamento islâmico dos anos recentes também fortaleceu o apoio ao véu (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2005, p. 144).

Quanto ao véu, mencionado acima, tal peça de vestuário perpassou uma questão apenas religiosa, de uma interpretação dada ao Alcorão e, por essa razão foi incorporado à identidade feminina⁸⁵.

A desigualdade e a posição da mulher na religião islâmica, ainda são abordadas na obra de Ruthven, quando explica que:

[...] existem versículos que testemunham a inferioridade legal das mulheres. Uma irmã divide apenas a metade da parte dos irmãos nas leis de herança do Alcorão - assumindo que o marido a manterá. Um marido pode castigar fisicamente uma esposa desobediente como um último recurso quando outras medidas falharem. Em processos legais, o testemunho da mulher tem metade do valor do testemunho do homem: assume-se que ela não é familiarizada com assuntos de negócios e ela irá precisar de um amigo para ajudar na sua lembrança. [...] Escritoras feministas são forçadas, pela lógica da sua posição, a

⁸⁴ Na obra *“Une si longue lettre”*, o uso do véu não é mencionado, possivelmente por questões culturais do uso do turbante, por exemplo, utilizado na cabeça pelas mulheres senegalesas.

⁸⁵ Sobre a questão do véu que cobre por inteiro as mulheres - a burca - ele é uma peça proibida no Senegal. Segundo o ACN (2016): “Assim, por exemplo, foi proibido o uso da burca, o véu muçulmano que cobre totalmente a mulher”. De acordo com o presidente senegalês Macky Sall, este véu total não corresponde “nem à nossa tradição nem ao nosso entendimento do Islamismo”. Sall acrescentou que: “Não podemos aceitar que as pessoas nos imponham normas de vestuário estrangeiras”.

dissociarem o texto do espírito em favor de uma doutrina flexível que leve à inevitável recontextualização do livro sagrado do islã. A questão dos direitos das mulheres é envolvida na questão do modernismo (RUTHVEN, 2012, p. 103)⁸⁶.

Tal qual ao papel relegado à mulher mencionado no trecho acima, é retomado também o feminino na sociedade senegalesa de religião islâmica, conforme contextualizado em *“Une si longue lettre”*. Isso pode ser observado na obra quando a mulher é rechaçada ao sair sozinha, sem uma companhia masculina: “Eu me livrava da minha timidez para enfrentar as salas de cinemas sozinha; sentava-me no meu lugar, com cada vez menos vergonha, ao longo dos meses. Olhavam para a mulher madura sem companheiro. Eu fingia ser indiferente [...]” (BÂ, 1979b, p. 99)⁸⁷.

O tratamento destinado à mulher não é equiparável ao tratamento masculino, ainda que ela seja, de certa forma, contemplada legalmente no casamento:

O contraste no tratamento de homens e mulheres é visível numa série de áreas da vida social, sobretudo nas leis relativas ao casamento. Mas, como muitos estudiosos islâmicos já indicaram, há também uma série de leis que protegem as mulheres dentro do casamento. Quando o contrato de casamento é assinado, o homem paga um dote que permanece propriedade da esposa e não pode ser usado sem o consentimento dela (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2005, p. 144).

Essa questão do dote também é mencionada em *“Une si longue lettre”*, quando é dado à Binetou, por Modou, um dote bastante volumoso, mesmo que para isso, a família de Ramatoulaye pague “esse alto preço” (pelo abandono financeiro por ele realizado com seus filhos e sua primeira esposa):

Encoste-se. O motivo do ‘inventário: a origem da mansão SICAP, alto nível, quatro quartos, dois banheiros rosa e azul, vasto salão, apartamento de três cômodos construído às suas expensas do fundo do segundo pátio para a Dame Belle-mère. E os móveis da França para a sua nova mulher e os móveis dos ebanistas locais para Dame Belle-mère. Essa residência e o seu chique conteúdo foram adquiridos graças a um empréstimo bancário concedido sob forma de hipoteca da mansão ‘Faaléen’, onde eu moro. Essa mansão, cujo título

⁸⁶ “[...] there are particular verses which testify to the legal inferiority of women. A sister shares only half the portion of her brothers under the Quranic laws of inheritance – the assumption being that husband will maintain her. A husband may physically chastise a recalcitrant or disobedient wife as a final resort when other measures have failed. In certain legal proceedings a woman’s testimony is only worth half that of a man: it is assumed that she will be unfamiliar with business matters and that she will need a friend to jog her memory. [...] Feminist writers are forced by the logic of their position to de-couple the text from the spirit in favour of a flexible doctrine that leads inevitably to the recontextualization of Islam’s holy book. The issue of women’s rights is inexorably caught up in the issue of modernism”.

⁸⁷ “Je me débarrassais de ma timidité pour affronter seule les salles de cinéma; je m’asseyais à ma place, avec de moins en moins de gêne, au fil des mois. On dévisageait la femme mûre sans compagnon. Je feignais l’indifférence”.

fundamental consta no seu nome, também é mais um bem comum adquirido com as nossas economias. Que audácia na sua escalada! Ele, aliás, continuava depositando mensalmente para a SICAP 75 mil francos. Esses depósitos deveriam durar dezenas de anos para que a casa lhe pertencesse. Quatro milhões emprestados com facilidade, tendo em vista a sua situação privilegiada, o que tornara possível à Dame Belle-mère ao seu esposo adquirirem os títulos de Hadja e de El Hadji em Meca; que permitiram igualmente as mudanças continuadas dos 'Alfa Romeus' de Binetou, à mínima avaria. [...] E depois, tendo retirado Binetou do circuito escolar, ele lhe depositava um subsídio de cinquenta mil francos, como um salário devido [...] Ele concordou com todas as condições da ave de rapina 'Dame Belle-mère', e chegou até a assinar um documento no qual ele se comprometia a depositar todos os meses aquela soma. Dame Belle-mère brandia no ar esse papel, pois acreditava que esses depósitos deveriam continuar, mesmo na morte de Modou, incluídos na herança (BÂ, 1979b, p. 27 - 28)⁸⁸.

Todos esses agrados à família de Binetou são motivos de lamento para Ramatoulaye. Na verdade, no seu casamento com Modou, não lhe fora dado dote algum, além do fato de a cerimônia ter sido realizada sem qualquer luxo, diferente da forma como ocorreu com a nova esposa: "Nosso casamento se fez sem dote, sem luxo, sob os olhares desaprovadores do meu pai, diante da indignação dolorosa de minha mãe frustrada, sob os sarcasmos das minhas irmãs surpresas, na nossa cidade muda de espanto" (BÂ, 1979b, p. 39)⁸⁹.

Apesar de no Alcorão estar previsto o fornecimento do dote para a mulher que o homem se casa, não é isso que ocorre com Ramatoulaye. Esse talvez seja um dos motivos de sua frustração: "Concedei os dotes que pertencem às mulheres e, se for

⁸⁸ "Adosse-toi. Le clou du 'dépouillement': la provenance de la villa SICAP, grand standing, quatre chambres à coucher, deux salles de bains rose et bleue, vaste salon, appartement de trois pièces construit à ses frais au fond de la deuxième cour, pour Dame Belle-mère. Et des meubles de France pour sa nouvelle femme et des meubles d'ébénistes locaux pour Dame belle-mère. Ce logement et son chic contenu ont été acquis grâce à un prêt bancaire consenti sur une hypothèque de la villa 'Falène' où j'habite. Cette villa, dont le titre foncier porte son nom, n'en est pas moins un bien commun acquis sur nos économies. Quelle audace dans l'escalade! Il continuait d'ailleurs à verser mensuellement à la SICAP soixante-quinze mille francs. Ces versements devaient durer une dizaine d'années pour que la maison lui appartienne. Quatre millions empruntés avec facilité, vu sa situation privilégiée, et qui avaient permis d'envoyer Dame Belle-mère et son époux acquérir les titres de Hadja et de El-Hadj à la Mecque; qui permettaient également les changements continus des 'Alfa Roméo' de Binetou, à la moindre bosse. [...] Et puis, ayant retiré Binetou du circuit scolaire, il lui versait une allocation mensuelle de cinquante mille francs, comme un salaire dû. [...] Il acquiesça donc à toutes les conditions de la rapace 'Dame Belle-mère', et avait même signé un papier où il s'engageait à verser tous les mois la dite somme. Dame Belle-mère brandissait ce papier car elle croyait ferme que ces versements devaient continuer, même à la mort de Modou, sur l'héritage".

⁸⁹ "Notre mariage se fit sans dot, sans faste, sous les regards désapprobateurs de mon père, devant l'indignation douloureuse de ma mère frustrée, sous les sarcasmes de mes sœurs surprises, dans notre ville muette d'étonnement".

da vontade delas conceder-vos algo, desfrutai-o com bom proveito” (ALCORÃO, [s.d.]).

Apesar das questões acima analisadas, no contexto islâmico, as mulheres partícipes de um casamento poligâmico, devem ser tratadas de maneira igual.

Contudo, não é isso que ocorre com Ramatoulaye, pois ela é totalmente deixada pelo marido, assim como os dois filhos do casal. Modou não provê mais a família com um suporte afetivo, tampouco financeiro: “A partir daí, minha vida mudou. Eu estava preparada para uma partilha justa, de acordo com o Islã, no campo poligâmico. Nada me foi concedido” (BÂ, 1979b, p. 88)⁹⁰. Ramatoulaye ainda revela:

Eu sobrevivia. Além das minhas antigas despesas eu assumia as de Modou. A compra de alimentos básicos me mobilizava todo fim do mês. Eu me virava para não faltar tomate ou óleo, batatas ou cebolas nos períodos em que eram escassos no mercado; eu armazenava os sacos de arroz ‘siam’ que os senegaleses adoram. Meu cérebro se exercitava em uma ginástica financeira. As datas limites de pagamento das faturas de eletricidade ou de água solicitavam a minha atenção. Eu era, muitas vezes, a única mulher na fila de espera (BÂ, 1979b, p. 98)⁹¹.

Ramatoulaye declara o seu desgaste emocional pelo abandono do marido e pelas dificuldades financeiras que a deixaram em uma situação, por vezes, desconfortáveis socialmente, por exemplo, quando ela precisa entrar na fila sozinha, conforme relatado no trecho acima; fato que, por uma questão cultural, seria um atributo do homem nessa sociedade.

Quem a ajuda também nesse período é sua amiga Aïssatou, ao presentear Ramatoulaye com um carro. Isso ocorre, quando é deixada pelo marido, ficando desprovida de recursos financeiros até para o seu transporte.

Nunca esquecerei a sua reação, minha irmã. Nunca esquecerei a minha alegria e surpresa quando, convocadas à concessionária da Rat, disseram-me para escolher um carro que você pagou na íntegra. Meus filhos proferiram gritos de alegria quando souberam o fim próximo das suas provações (BÂ, 1979b, p. 102 - 103)⁹².

⁹⁰ "Dès lors, ma vie changea. Je m'étais préparée à un partage équitable selon l'Islam, dans le domaine polygamique. Je n'eus rien entre les mains".

⁹¹ "Je survivais. En plus de mes anciennes charges, j'assumais celles de Modou. L'achat des denrées alimentaires de base me mobilisait toutes les fins de mois ; je me débrouillais pour n'être pas à court de tomates ou d'huile, de pommes de terre ou d'oignons aux périodes où ils se raréfaient sur les marchés; j'emmagasinai des sacs de riz 'siam' dont les Sénégalaises raffolent. Mon cerveau s'exerçait à une nouvelle gymnastique financière. Les dates extrêmes de paiement des factures d'électricité ou d'eau sollicitaient mon attention. J'étais souvent la seule femme dans une file d'attente".

⁹² "Je n'oublierai jamais ta réaction, toi, ma sœur. Je n'oublierai jamais la joie et la surprise qui furent miennes, lorsque, convoquée chez la concessionnaire de Rat, on me dit de choisir une voiture que tu

A inequidade no tratamento do casamento com Modou, e do modo como ele trata Binetou deixa a protagonista muito infeliz, inferência aceitável se considerado o preceito religioso, pois garante a equidade na relação do marido com suas esposas, conforme proposto pelo Alcorão:

Se temerdes ser injustos no trato com os órfãos, podereis desposar duas, três ou quatro das que vos aprouver, entre as mulheres. Mas, se temerdes não poder ser eqüitativos para com elas, casai então, com uma só, ou conformai-vos com o que tender à mão. Isso é o mais adequado, para evitar que cometais injustiças (ALCORÃO, [s.d]).

A poligamia é uma questão de reflexão que também permeia a narrativa, bem como atinge várias personagens de uma forma negativa. A propósito, esses casos são denunciados por Ramatoulaye:

A religião muçulmana ensina às mulheres africanas docilidade, passividade e total submissão ao marido. Imersa nessas qualidades, ela é incapaz de desempenhar um papel construtivo na sociedade em que vive. Ela sofre uma alienação séria. A mulher africana pertencente ao sistema poligâmico e não tem a possibilidade de dar sentido à sua vida e se expandir completamente, porque a sociedade em que vive limita as suas esperanças e as suas aspirações (IJERE, 1987, p. 44)⁹³.

Ramatoulaye se opõe completamente à prática da poligamia, contudo, pelo amor que sente por Modou, resolve aceitar a conduta do marido por acreditar, no início, que ele a trataria de forma igual à outra esposa, como se pode notar a seguir:

Eu chorava todos os dias. A partir de então, a minha vida mudou. Eu estava preparada para uma partilha justa de acordo com o Islã, no campo poligâmico. Eu fiquei sem nada nas mãos. Meus filhos, que contestavam a minha opção, aborreceram-se comigo. Em relação a mim, eles representavam uma maioria que eu devia respeitar. - Você não está no fim da sua dor, previu Daba. O vazio me cercava. E Modou fugia de mim. Tentativas amigáveis ou familiares, para trazê-lo de volta, foram em vão. Uma vizinha do novo casal me explicou que a 'pequena' entrava em transe, cada vez que Modou pronunciava o meu nome ou expressava o desejo de ver os filhos dele. Ele nunca mais

te chargeais de payer intégralement. Mes enfants poussèrent des cris joyeux en apprenant la fin proche de leur calvaire".

⁹³ "La religion musulmane enseigne à la femme africaine la docilité, la passivité et la soumission totale à son mari. Imbibée de ces qualités, elle est incapable de jouer un rôle constructif dans la société où elle évolue. Elle souffre d'une sérieuse aliénation. La femme africaine appartenant au système polygamique n'a pas la possibilité de donner un sens à sa vie et de épanouir complètement parce que la société où elle vit limite ses espoirs et ses aspirations".

voltou; a sua nova felicidade encobriu pouco a pouco a nossa lembrança. Ele nos esqueceu (BÂ, 1979b, p. 88 - 89)⁹⁴.

Ainda que para ela isso não seja aceitável, Ramatoulaye tolera a situação por ser um preceito religioso pregado pelo islamismo. No entanto, é Modou quem não cumpre com tais regras quando abandona a sua primeira família, após se casar com uma segunda esposa.

Ramatoulaye critica em diversas partes da obra a poligamia, que segundo a protagonista, seria uma justificativa para a traição: “Eu fiquei ofendida. Ele pediu compreensão. Mas entender o quê? A supremacia do instinto? O direito à traição? A justificativa para o desejo de mudança? Eu não podia ser aliada dos instintos poligâmicos. Então, entender o quê? ...” (BÂ, 1979b, p. 68 - 69)⁹⁵.

A personagem principal, ainda que não diga o que sente sobre a poligamia para o marido ou para os demais na narrativa, revela à Aïssatou os seus sentimentos de rejeição a essa prática permitida na religião islâmica.

Ainda sobre a prática poligâmica e sobre o desrespeito à palavra da mulher, no contexto da narrativa, Ramatoulaye recebe diversas propostas de casamento após a morte de Modou, uma delas é do seu cunhado. A cultura islâmica permite que a viúva se torne esposa do cunhado para não ficar sozinha:

Tamsir fala, pleno de segurança, invoca (ainda) meus anos de casamento, depois conclui: ‘Depois da sua ‘saída’ (no que se entende: do luto), eu a esposo. Você me convém como mulher e depois você continuará a morar aqui, como se Modou não tivesse morrido. Geralmente, é o irmão mais novo que herda a esposa deixada pelo mais velho. Nesse caso, é o contrário. Você é a minha sorte. Eu te esposo. Prefiro você à outra, magra demais, jovem demais. Eu tinha desaconselhado esse casamento a Modou’ (BÂ, 1979b, p. 108 - 109)⁹⁶.

⁹⁴ “Je pleurais tous les jours. Dès lors, ma vie changea. Je m’étais préparée à un partage équitable selon l’Islam, dans le domaine polygamique. Je n’eus rien entre les mains. Mes enfants qui contestaient mon option me boudaient. Face à moi, ils représentaient une majorité que je devais respecter. - Tu n’es pas au bout de tes peines, prédisait Daba. Le vide m’entourait. Et Modou me fuyait. Les tentatives amicales ou familiales, pour le ramener au bercail, furent vaines. Une voisine du nouveau couple m’expliqua que la ‘petite’ entraînait en transes, chaque fois que Modou prononçait mon nom ou manifestait le désir de voir ses enfants. Il ne vint jamais plus ; son nouveau bonheur recouvrit petit à petit notre souvenir. Il nous oublia”.

⁹⁵ “J’étais offusquée. Il me demandait compréhension. Mais comprendre quoi? La suprématie de l’instinct? Le droit à la trahison? La justification du désir de changement? Je ne pouvais être l’alliée des instincts polygamiques. Alors, comprendre quoi?...”.

⁹⁶ “Tamsir parle, plein d’assurance; il invoque (encore) mes années de mariage, puis conclut: ‘Après ta “sortie” (sous entendu : du deuil), je t’épouse. Tu me conviens comme femme et puis, tu continueras à habiter ici, comme si Modou n’était pas mort. En général, c’est le petit frère qui hérite de l’épouse laissée par son aîné. Ici, c’est le contraire. Tu es ma chance. Je t’épouse. Je te préfère à l’autre, trop légère, trop jeune. J’avais déconseillé ce mariage à Modou”.

Percebe-se no discurso de Tamsir que a proposta é, na verdade, uma espécie de imposição, uma vez que o tom da fala parte do pressuposto que Ramatoulaye vá se casar com ele e que esse é apenas um comunicado para que tal evento se realize com a sua cunhada.

Sobre esse repentino pedido de casamento do cunhado, Ramatoulaye o refuta com veemência. Ela externaliza tudo aquilo que rejeita, em relação a esses preceitos sociais estabelecidos, bem como os religiosos que permitem a poligamia. Dessa maneira, a protagonista deixa clara a sua discordância com os valores sociais estipulados. Ela declara possuir o poder para fazer as escolhas da sua vida, indo contra tudo isso:

Dessa vez, eu vou falar. Minha voz conheceu trinta anos de silêncio, trinta anos de humilhação. Ela explode, violenta, por vezes sarcástica, por vezes desdenhosa. '[...] Ah! sim: você calculou ficar à frente de todos os possíveis pretendentes, ficar à frente de Mawdo, o amigo fiel que tem mais trunfos que você e que, igualmente, segundo o costume, também pode herdar a mulher. Você esquece que eu tenho um coração, uma razão, que eu não sou um objeto que se passa de mão em mão. Você ignora o que se casar significa para mim: é um ato de fé e amor, um presente total para o ser que se escolhe e que escolheu você.' (Insisti no verbo escolher). 'E suas esposas, Tamsir? Sua renda não cobre nem as necessidades delas nem as das dezenas de filhos que você tem. Para ajudá-lo a complementar os seus deveres financeiros, uma das suas esposas faz um trabalho de pintura, a outra vende frutas, a terceira gira incansavelmente a manivela da máquina de costura. Você, você se refestela como um senhor reverenciado [...] Eu nunca serei o complemento da sua coleção. A minha casa nunca será o oásis cobijado por você: sem custos adicionais; todos os dias eu serei seu 'tour'; você estará aqui na limpeza e no luxo, na abundância e na calma. [...] - Tamsir, vomite os seus sonhos de conquistador. Eles duraram quarenta dias. Eu nunca serei a sua esposa' (BÂ, 1979b, p. 109 - 110)⁹⁷.

⁹⁷ "Cette fois, je parlerai. Ma voix connaît trente années de silence, trente années de brimades. Elle éclate, violente, tantôt sarcastique, tantôt méprisante [...] 'Ah! oui: ton calcul, c'est devancer tout prétendant possible, devancer Mawdo, l'ami fidèle qui a plus d'atouts que toi et qui, également, selon la coutume, peut hériter de la femme. Tu oublies que j'ai un cœur, une raison, que je ne suis pas un objet que l'on se passe de main en main. Tu ignores ce que se marier signifie pour moi: c'est un acte de foi et d'amour, un don total de soi à l'être que l'on a choisi et qui vous a choisi. (J'insistais sur le mot choisi.) 'Et tes femmes, Tamsir? Ton revenu ne couvre ni leurs besoins ni ceux de tes dizaines d'enfants. Pour te suppléer dans tes devoirs financiers, l'une de tes épouses fait des travaux de teinture, l'autre vend des fruits, la troisième inlassablement tourne la manivelle de sa machine à coudre. Toi, tu te prélasses en seigneur vénéré [...] Je ne serai jamais le complément de ta collection. Ma maison ne sera jamais pour toi l'oasis convoitée : pas de charges supplémentaires; tous les jours, je serai de "tour"; tu seras ici dans la propreté et le luxe, dans l'abondance et le calme. [...] - Tamsir, vomis tes rêves de conquérant. Ils ont duré quarante jours. Je ne serai jamais ta femme".

Ramatoulaye, nesse trecho, dá voz às mulheres silenciadas e subjugadas socialmente. Ela, ainda que seja repreendida (“O Imã tomava a Deus por testemunha: - Que palavras profanas e com roupas de luto!” (BÂ, 1979b, p. 111))⁹⁸, consegue, nesse momento, externalizar todo o seu repúdio e indignação pela prática poligâmica e pelo casamento sem amor.

A protagonista revela, na sua fala, aspectos importantes para esta análise, tangentes aos valores que permeiam o casamento. Se por um lado o matrimônio, no contexto da narrativa, pode ser algo arranjado familiarmente, para Ramatoulaye ele deve se dar por amor, conforme ocorre quando ela se casa com Modou, indo contra sua família e, por outro lado, quando rejeita Tamsir por não o amar.

Outro aspecto importante no discurso de Ramatoulaye se mostra quando a protagonista revela que ele não tem condições financeiras de manter três esposas, quanto mais uma quarta - que passaria pelas mesmas penúrias econômicas das demais. Essa também é uma crítica perpetrada na obra, a respeito da poligamia, pois o marido, para tal, deveria ter a possibilidade de manter financeiramente todas as esposas e filhos de maneira equilibrada - se fosse apenas uma, isso talvez seria possível de forma abundante. Assim, ter muitas esposas requeria uma riqueza que Tamsir não possuía e, nos seus casamentos, ele delegava à mulher o sustento à casa:

No seu livro, Ramatoulaye se opõe a se casar com alguém da família do seu marido. Mas, por quê? Não seria esse o melhor arranjo para a viúva cuidar da família do marido?

‘O problema não é colocado dessa maneira no livro. Sim, há uma tradição que diz que quando um homem morre, seu irmão mais novo se casa com sua viúva. Dessa forma, o círculo familiar não é quebrado, o círculo familiar que acabou de perder um membro. Não, aqui está o irmão que é do mesmo sangue que o do marido que vem para substituí-lo. Bom, mas Ramatoulaye acaba de sofrer a perda do seu marido, entende que não é o irmão mais novo que veio se casar com ela, a viúva, mas um irmão mais velho da família. E ela entende que suas motivações são totalmente diferentes. Ao invés de querer assumir as responsabilidades morais do homem que faleceu, ele quer se casar com ela para os seus próprios propósitos egoístas. Ela, a viúva, criou filhos que estão trabalhando e tem meios financeiros. Então, há o fato de que a viúva tem algum dinheiro. Ele já tem três esposas para as quais não pode fornecer apoio financeiro. Uma delas tem que vender frutas para sustentar a casa, outra faz alguma costura, etc. para compensar o dinheiro que não pode lhes dar. Bom, então, com essa falta de dinheiro, como ele pode vir a esta viúva, Ramatoulaye, para lhe oferecer ajuda? Ele não vem oferecer ajuda. Ele só vem para os seus próprios interesses egoístas, para o seu

⁹⁸ “L’Imam prenait Dieu à témoin: - Quelles paroles profanes et dans des habits de deuil!”.

próprio benefício. É por isso que essa viúva que é tão sentimental, não pode conceber a vida de casada sem amor, porque ela amava, sofreu, foi paciente e foi abandonada, mas não se divorciou... bem, como você quer que ela enxergue esse homem que quer se casar com ela sem amor?' (BÂ, 1981, p. 10 - 11)⁹⁹.

Posteriormente a isso, a protagonista recebe outro pedido de casamento, o de Daouda - o antigo pretendente que Ramatoulaye rejeitou para se casar com Modou. A personagem principal recusa o pedido de casamento de Daouda, uma vez que não compactua com a poligamia, ainda que seja religiosamente permitida:

Você acha simples o problema da poligamia. Aqueles que estão nisso, conhecem as restrições, mentiras, injustiças que fazem pesar a sua consciência pela alegria efêmera de uma troca. Estou certa de que o amor é a sua expressão, um amor que existiu bem antes do seu casamento e que o destino não cumpriu (BÂ, 1979b, p. 128)¹⁰⁰.

Conforme se pode notar, Ramatoulaye recusa a se casar novamente ou de oferecer a sua família uma nova chance, em prol do que acredita ser correto. Nessa mesma carta, a protagonista pondera os sentimentos da primeira esposa de Daouda e apela também para os seus sentimentos em relação à poligamia, acreditando ser ele, um homem correto e justo.

Outra personagem que ainda sofre com essa temática recorrente na obra - a poligamia - é Aïssatou, exemplo de mulher que Ramatoulaye admira e segue. Quando Aïssatou soube que seu marido havia se casado com outra mulher, separou-se de

⁹⁹ "In your book Ramatoulaye objects to marrying someone from her husband's family. But why? Would not this have been the best arrangement for the widow to be taken care of by her husband's family? The problem is not posed that way in the book. Yes, there is a tradition which says that when a man dies, his younger brother marries his widow. In this way the family circle is not broken, the family circle which has just lost a member. No, here is the brother who is from the same blood as the husband who comes to take his place. Good, but Ramatoulaye has just suffered the loss of her husband, understands that it is not the younger brother who has come to marry her, the widow, but an older brother in the family. And she understands his motivations is totally different. Instead of wanting to assume the moral responsibilities of the dead man, he wants to marry her for his own selfish purposes. She, the widow, has grown children who are working and have financial means. Then there is the fact that the widow has some money. He already has three wives for whom he cannot provide financial support. One of them has to sell fruit to support the house, another does some sewing, etc. to make up for the money he cannot give them. Good, so with this lack of money, how can he come to this widow, Ramatoulaye, to offer help? He does not come to offer help. He only comes for his own selfish interests, for his own benefit. That is why this widow who is so sentimental, who cannot conceive of married life without love, who, because she loved, suffered, and was patient, and was abandoned, but did not divorce... well, how do you want her to view this man who wants to marry her without love?"

¹⁰⁰ "Tu crois simple le problème polygamique. Ceux qui s'y meuvent connaissent des contraintes, des mensonges, des injustices qui alourdissent leur conscience pour la joie éphémère d'un changement. Je suis sûr que l'amour est ton mobile, un amour qui exista bien avant ton mariage et que le destin n'a pas comblé".

Mawdo e foi embora com os seus filhos para os Estados Unidos, conforme previamente mencionado.

Mawdo, que era casado com Aïssatou, casa-se com outra mulher, por uma imposição da sua mãe, atribuindo somente a ela tal feito:

E porque a sua mãe havia marcado a data para a noite nupcial, Mawdo teve então a coragem de te dizer o que cada mulher sussurrava: você tinha uma coesposa. 'Minha mãe está velha. Os choques da vida e as decepções tornaram o seu coração frágil. Se eu desprezar esta menina, ela morrerá. É o médico que fala, não o filho. Pense então, a filha do seu irmão, criada pelos seus cuidados, rejeitada pelo seu filho. Que vergonha diante da sociedade!' (BÂ, 1979b, p. 62)¹⁰¹.

A justificativa de Mawdo para contrair um segundo casamento está relacionada com questões familiares, não se tratando de um desejo dele de ter outro matrimônio, mesmo que pudesse escolher não se casar com a prima.

Obviamente, Aïssatou não aceitou a justificativa do marido e escreveu para ele uma carta de despedida:

Você [Aïssatou] escolheu a ruptura, uma ida sem volta com os seus quatro filhos, deixando bem à vista, sobre a cama que foi de vocês, essa carta destinada à Mawdo, cujo conteúdo eu me lembro exatamente:

Mawdo,

Os príncipes dominam os seus sentimentos, para honrarem os seus deveres. 'Os outros' curvam os seus pescoços e aceitam em silêncio a sorte que os humilha. Aqui está, esquematicamente, a regra interior da nossa sociedade com as suas divisões insanas. Eu não me submeterei. A felicidade que foi nossa, eu não posso substituir por essa que você me propõe hoje. Você quer dissociar o Amor e o amor físico. Eu te contesto que a comunhão carnal não pode ocorrer sem a aceitação do coração, por menor que seja. Se você pode procriar sem amar, somente para satisfazer o orgulho de uma mãe decadente, eu o acho vil. Portanto, você cai do nível superior, da respeitabilidade em que eu sempre o alcei. O seu raciocínio que cinde é inadmissível: de um lado eu, 'sua vida, seu amor, sua escolha', do outro 'a pequena Nabou, suportada por dever'. Mawdo, o homem é uno: grandeza e animalidade confundidas. Nenhum gesto da sua parte é de pureza ideal. Nenhum gesto de sua parte é de pura bestialidade. Eu me despojo do seu amor, do seu nome. Vestida com o único traje válido da dignidade, eu seguirei o meu caminho. Adeus. Aïssatou (BÂ, 1979b, p. 65)¹⁰².

¹⁰¹ "Et parce que sa mère avait pris date pour la nuit nuptiale, Mawdo eut enfin le courage de te dire ce que chaque femme chuchotait: tu avais une co-épouse. 'Ma mère est vieille. Les chocs de la vie et les déceptions ont rendu son cœur fragile. Si je méprise cette enfant, elle mourra. C'est le médecin qui parle, non le fils. Pense donc, la fille de son frère, élevée par ses soins, rejetée par son fils. Quelle honte devant la société!'"

¹⁰² "Tu [Aïssatou] choisis la rupture, un aller sans retour avec tes quatre fils, en laissant bien en vue, sur le lit qui fut vôtre, cette lettre destinée à Mawdo et dont je me rappelle l'exact contenu:"

Sob uma perspectiva religiosa, é o homem quem tem o direito de pedir o divórcio. Quando a mulher o faz, ela perde direitos, como os do dote: “O esposo tem o direito de divórcio pela talaq – declaração de repúdio e unilateral [...] Se a esposa iniciar o divórcio, um processo conhecido como khul, ela sacrifica seu mahr, ou dote” (RUTHVEN, 2012, p. 108 - 109)¹⁰³.

Sob uma perspectiva legal, no Senegal, o Código da Família é o que rege o país:

O Código da Família do Senegal (CF) (1973) foi que introduziu as reformas substanciais relativas ao estatuto das mulheres. É verdade, o padrão religioso continua a ser uma fonte central do NCF enquanto ele é marginalizado no código senegalês. No entanto, em ambos os casos, a lei islâmica é tal que o Estado a define. Em outras palavras, é o Estado que estabelece o conteúdo do padrão religioso e que decide o lugar a lhe concedido na regulação dos assuntos familiares (N'DIAYE, 2017, p. 92).

Sobre o divórcio, o Código da Família (do Senegal) normatiza:

PRIMEIRA SEÇÃO - DIVÓRCIO POR CONSENTIMENTO MÚTUO

Artigo 158 - Condições dos recursos

O consentimento de cada um dos cônjuges só é válido se emanar de uma vontade livre, esclarecida e isenta de vícios. Esse consentimento deve tratar não apenas do rompimento do vínculo matrimonial, mas também da situação dos ex-cônjuges, no que diz respeito aos bens que possuem e ao destino dos filhos do casamento. Os cônjuges são livres para dirimir essas questões, respeitando a ordem pública e os bons costumes. São considerados como relevantes na ordem pública todas as disposições relativas ao interesse da criança, tais como as obrigações que cabem aos pais quanto à manutenção, guarda, educação, segurança e moralidade dos filhos (SENEGAL, 1978, p. 29)¹⁰⁴.

Mawdo, Les princes dominant leurs sentiments, pour honorer leurs devoirs. Les 'autres' courbent leur nuque et acceptent en silence un sort qui les brime. Voilà, schématiquement, le règlement intérieur de notre société avec ses clivages insensés. Je ne m'y soumettrai point. Au bonheur qui fut nôtre, je ne peux substituer celui que tu me proposes aujourd'hui. Tu veux dissocier l'Amour tout court et l'amour physique. Je te rétorque que la communion charnelle ne peut être sans l'acceptation du cœur, si minime soit-elle. Si tu peux procréer sans aimer, rien que pour assouvir l'orgueil d'une mère déclinante, je te trouve vil. Dès lors, tu dégringoles de l'échelon supérieur, de la respectabilité où je t'ai toujours hissé. Ton raisonnement qui scinde est inadmissible : d'un côté, moi, 'ta vie, ton amour, ton choix », de l'autre, 'la petite Nabou, à supporter par devoir'. Mawdo, l'homme est un : grandeur et animalité confondues. Aucun geste de sa part n'est de pur idéal. Aucun geste de sa part n'est de pure bestialité. Je me dépouille de ton amour, de ton nom. Vêtue du seul habit valable de la dignité, je poursuis ma route. Adieu. Aïssatou”.

¹⁰³ “The husband has the right of divorce by talaq – repudiation or unilateral declaration [...] If the wife initiates divorce, a procedure known as khul, she sacrifices her mahr, or dowry”.

¹⁰⁴ “SECTION PREMIERE - DU DIVORCE PAR CONSENTEMENT MUTUEL
Article 158 - Conditions de fonds

Conforme estipulado legalmente, fica a critério do casal a guarda dos filhos, no caso da personagem Aïssatou, eles ficam com a mãe conforme aprovação do pai. Contudo, ainda que Aïssatou não tenha mais o suporte financeiro, ela sai de casa com os seus quatro filhos e, quando ela tem uma oportunidade de trabalho como intérprete nos Estados Unidos, leva-os com ela, abdicando dos preceitos familiares e culturais para buscar algo novo e melhor para si e para a sua família, sem Mawdo.

Esse ato de coragem de Aïssatou marca Ramatoulaye, a ponto de ela se lembrar exatamente do conteúdo escrito na carta de despedida da amiga para o ex-marido. Assim, Aïssatou é um exemplo de personagem feminina que opta por romper com os preceitos sociais em prol do que acredita ser o casamento, ainda que, para tanto, destitua-se dos valores sociais.

Faz-se mister esclarecer que, muitas vezes, não são somente e propriamente os preceitos religiosos que são colocados em evidência e criticados em *“Une si longue lettre”*, mas também uma interpretação masculina social e repressora, que faz da mulher uma figura sem voz socialmente.

A respeito disso, Ruthven esclarece que as:

Feministas muçulmanas discutem que não é o islã, mas sim as interpretações dos homens de fé que são equivocadas ao justificarem atitudes patriarcais. Como sugerido anteriormente, a lógica dessa posição vai contra certas provisões discriminatórias no contexto divino do Alcorão (RUTHVEN, 2012, p. 122)¹⁰⁵.

Com todo o exposto, não é possível afirmar que *“Une si longue lettre”* tenha provocado uma mudança de cunho estrutural social, pois sob do ponto de vista religioso e legal, as normativas seguidas ainda permanecem as mesmas. Contudo, a obra de Bâ é relevante, pois aponta e discute aspectos pertinentes às percepções, pelo viés das personagens, sobre as imposições à mulher e como tais personagens femininas reagem diante de tais determinações, conforme verificado nesta seção.

Le consentement de chacun des époux n'est valable que s'il émane d'une volonté libre, éclairée et exempte de vice. Ce consentement doit porter non seulement sur la rupture du lien conjugal mais aussi sur la situation des anciens époux quant aux biens qu'ils possèdent et sur le sort réservé aux enfants issus du mariage. Les époux ont toute liberté pour régler de ces questions sous réserve du respect dû à l'ordre public et aux bonnes mœurs. Sont considérés comme relevant de l'ordre public toutes les dispositions concernant l'intérêt de l'enfant telles que les obligations qui incombent aux parents quant à l'entretien, la garde, l'éducation, la sécurité et la moralité des enfants”.

¹⁰⁵ “Muslin feminists argue that it is not Islam as such, but rather reactionary male interpretations of the faith that are invoked to justify patriarchal attitudes. As suggested earlier the logic of this position inevitably comes up against certain discriminatory provisions in the divine text of the Quran”.

Nesse tópico, portanto, é possível depreender o papel da mulher sob um ponto de vista religioso na obra *“Une si longue lettre”*.

1.2.2.3 A literatura de autoria feminina: teoria e pressupostos

“Meu coração fica em festa a cada vez que uma mulher emerge das sombras. Sei o quanto é instável o terreno das aquisições, difícil a sobrevivência das conquistas quando as restrições sociais e o egoísmo masculino ainda resistem” (BÂ, 1979b, p. 163)¹⁰⁶.

A crítica à escrita de autoria feminina marcou uma época de inovação na literatura, no sentido da sua legitimação, que até então era predominantemente realizada num campo masculino.

Havia, portanto, uma dominação masculina analisada por Bourdieu sob o viés social, que corrobora e torna essa dominação sedimentada culturalmente, conforme se verifica no trecho a seguir:

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. Por conseguinte, a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas (BOURDIEU, 2012, p. 45).

Para resolver essa questão, Bourdieu destaca a importância de ações no âmbito político, que rompam com as afirmações equivocadas de diferenças pautadas no gênero.

Só uma ação política que leve realmente em conta todos os efeitos de dominação que se exercem através da cumplicidade objetiva entre as estruturas incorporadas (tanto entre as mulheres quanto entre os homens) e as estruturas de grandes instituições em que se realizam e se produzem não só a ordem masculina, mas também toda a ordem social (a começar pelo Estado, estruturado em torno da oposição entre sua “mão direita”, masculina, e sua “mão esquerda”, feminina, e a

¹⁰⁶ “*Mon coeur est en fête chaque fois qu’une femme émerge de l’ombre. Je sais mouvant le terrain des acquis, difficile la survie des conquêtes: les contraintes sociales boujourstoujours et l’égoïsme mâle résiste*”.

Escola, responsável pela reprodução efetiva de todos os princípios de visão e de divisão fundamentais, e organizada também em torno de oposições homólogas) poderá, a longo prazo, sem dúvida, e trabalhando com as contradições inerentes aos diferentes mecanismos ou instituições referidas, contribuir para o desaparecimento progressivo da dominação masculina (BOURDIEU, 2012, p. 138 - 139).

O trabalho da crítica se estabelece em um sentido de revisionismo da sociedade patriarcal, imprimindo traços sociais também no âmbito literário, tendo as literaturas africanas, em geral, uma forte ligação com o referente político e histórico.

Nessa perspectiva, a literatura ganha um outro olhar/identidade, do ponto de vista das escritoras, e isso se reflete também nas personagens e, para além disso, em uma nova análise crítica.

O movimento de mulheres pela libertação é antigo, mesmo antes de conhecermos a palavra feminismo. No entanto, um olhar mais expressivo para a mulher ocorre na década de 60, em um movimento ocidental, no qual emerge o pensamento feminista, colocando a mulher como centro do estudo (ZOLIN, 2005, p. 182). Dessa forma:

As palavras 'feminista' ou 'feminismo' são rótulos políticos que indicam apoio aos objetivos do novo movimento de mulheres [...]. A 'crítica feminista', então, é um tipo específico de discurso político: uma prática crítica e teórica comprometida à luta contra o patriarcado e o sexismo [...] (MOI, 1989, p. 117)¹⁰⁷.

Nesse sentido, com um movimento de busca por um espaço mais concreto na sociedade, em que as mulheres fossem respeitadas efetivamente - a procura por uma melhoria nas questões sociais, bem como, trabalhistas/salariais e por direitos iguais, por exemplo -, surge um período de mudança de conduta e luta, propriamente.

Ainda que isso não tenha tido um efeito imediato, as ideias plantadas nessa época (1970) tiveram grande importância para as mudanças ocorridas, embora de maneira tímida, generalizada e não perpetrada em toda a sociedade:

No decorrer de toda a década de 1970 o Feminismo ultrapassou as fronteiras dos Estados Unidos e da França, os dois países onde primeiro surgiu, e espalhou-se pelo mundo, fazendo-se ouvir em todas as esferas da vida pública e privada e em todos os níveis sociais, ainda que de maneira bastante distinta em cada uma dessas esferas e em cada um desses níveis. O movimento ganhou tanta força e repercussão que a Organização das Nações Unidas decretou 1975

¹⁰⁷ "The words 'feminist' or 'feminism' are political labels indicating support for the aims of the new women's movement which emerged in the late 1960s. 'Feminist criticism', then, is a specific kind of political discourse: a critical and theoretical practice committed to the struggle against patriarchy and sexism [...]".

como o Ano Internacional da Mulher, o primeiro ano da Década da Mulher instituída pelo mesmo órgão. Entretanto, é ilusório pensar que as mudanças pregadas por esse movimento ocorreram de imediato, ou mesmo que ocorreram. Na dinâmica de todo e qualquer rompimento de paradigma sócio-político-econômico e histórico, o processo iniciado em 1969 ainda hoje se encontra em desenvolvimento não tendo, por exemplo, atingido de modo efetivo as camadas menos favorecidas da população e tendo só muito tangencialmente chegado ao Oriente. Uma das razões que contribuíram e contribuem para isso, em particular para que o Feminismo permaneça 'elitizado', é a reação patriarcal ao seu surgimento (ROSSI, 2011, p. 91).

Dialogando com o excerto de Rossi, concernente à emergência do feminismo e a não implementação concreta nem imediata dos pressupostos difundidos, Nye declara:

Quanto à maioria, as mulheres nos países ocidentais são agora 'livres': livres para votar, livres para concorrer a cargos públicos, livres segundo leis trabalhistas para trabalhar onde e como preferirem. O que isso significa, porém, é que não há barreiras legais para fazer quaisquer dessas coisas. Discriminação pelo empregador, hostilidade dos companheiros de trabalho, socialização na família, estereótipos culturais que convencem as mulheres de que elas são objetos sexuais, responsabilidades de família - são barreiras fora da lei. [...] Embora umas poucas mulheres excepcionais possam ocupar posições de poder, a grande maioria permanece enclausurada em profissões mal pagas, subordinadas (NYE, 1995, p. 38).

Apesar dessas lacunas de cunho sociopolítico e cultural mencionadas, o feminismo trouxe à baila a importância de se falar da mulher, bem como evidenciou uma literatura de autoria feminina, até então marginalizada, mas que ganha destaque nesse período.

Nos anos de 1970, a crítica literária dá voz a essas escritoras até então silenciadas, possibilitando que se tornem mais evidentes numa perspectiva social:

A visibilidade feminina se constitui a partir da década de 70, através de pesquisas e estudos, legitimando-se nas instituições e possibilitando a discussão da construção cultural do sujeito de gênero e sua representação simbólica, questionando aspectos logo e etnocêntricos fundamentados na episteme ocidental moderna (ZINANI, 2006, p. 29).

Novos valores são questionados, revisitados e analisados, considerando, agora, a mulher como centro do estudo. Quebra-se, assim, com os paradigmas já convencionados e a produção literária de autoria feminina passa a ser observada com outro olhar.

A literatura de autoria feminina analisada sob uma outra perspectiva, contrapõe-se ao mencionado cânone literário masculino: “O estudo de uma literatura produzida por mulheres torna-se objeto de duplo interesse, uma vez que possibilita resgatar uma experiência de um mundo peculiar e questionar o cânone estabelecido” (ZINANI, 2006, p. 11).

A desconstrução de um discurso patriarcal possibilita à literatura escrita por mulheres emergir e (re)visitar temas e lugares escritos por elas. Assim, rompe-se, de certa maneira, com padrões sociais refletidos/repetidos nesse período.

No momento em que a mulher se apropria da narrativa, externando seu ponto de vista, passa a questionar as formas institucionalizadas, promovendo uma reflexão sobre a história silenciada e instituindo um espaço de resistência contra as formas simbólicas de representação por meio da criação de novas formas representacionais. Dessa maneira, as mulheres promovem uma ruptura com a tradição patriarcal, por meio da utilização de um discurso do qual emerge um novo sujeito com outras concepções sobre si mesmo e sobre o mundo (ZINANI, 2006, p. 29).

Segundo Zizani (2006), com o rompimento do patriarcalismo literário estabelecido, emerge uma literatura escrita por mulheres, que imprimem questões importantes para esse público e, por essa razão, devem ser discutidas e analisadas.

O olhar se volta, especificamente, para a literatura de autoria feminina, quebrando com a análise unicamente masculina. Busca-se, nesse novo contexto, entender as mulheres, as suas dores e os aspectos a ela subjacentes. Agora, ela é o foco, como se pode notar na citação abaixo:

Os debates feministas contemporâneos sobre o essencialismo colocam de outra maneira a questão da universalidade da identidade feminina e da opressão masculina. As alegações universalistas são baseadas em um ponto de vista epistemológico comum ou compartilhado, compreendido como consciência articulada, ou como estruturas compartilhadas de opressão, ou como estruturas ostensivamente transculturais de feminilidade, maternidade, sexualidade e/ou da *écriture feminine* (BUTLER, 2012, p. 34).

Sobre o movimento feminista, o feminismo negro:

[...] começou a ganhar força a partir da segunda onda do feminismo, entre 1960 e 1980, por conta da fundação da National Black Feminist, nos Estados Unidos, em 1973, e porque feministas negras passaram a escrever sobre o tema, criando uma literatura feminista negra (RIBEIRO, 2018, p. 34).

O movimento feminista negro busca criar uma identidade e essas autoras e suas temáticas começam a ganhar voz. Espera-se que a luta não centralize somente nas questões reivindicadas pela teoria feminista da época, mas de modo a expor, para além disso, os aspectos subjacentes à mulher negra, quanto às suas necessidades e aos seus anseios.

Ainda sobre a questão da literatura escrita por mulheres, agora numa perspectiva de análise africana, Volet (1992) afirma que a literatura francófona africana de autoria feminina passou por uma fase de negligência da crítica literária:

A batalha conduzida pelas mulheres escritoras da África negra francófona para sair do anonimato foi dura. Esquecidas até o início dos anos 80, porque os comentários mais comuns eram que 'não exist[ia] mulher [...] que tivesse ideia da sua própria condição e dada à sua reflexão à forma de ficção romanesca' [...] e negligenciadas pelas críticas literárias sob o pretexto que 'elas ficavam em desvantagem em relação à literatura 'masculina' [...], essas romancistas permaneceram amplamente desconhecidas até hoje. Entretanto, as suas contribuições à literatura francesa no percurso desses últimos vinte anos está longe de ser negligenciável. No final da década de 1990, a literatura feminina de expressão francesa da África negra já conta com cerca de cinquenta romances. Uma meia dúzia desses últimos foram traduzidos para a língua inglesa (VOLET (1992, p. 765)¹⁰⁸.

No sentido de contextualização da literatura africana escrita por mulheres, em consequência do movimento feminista que eclodia na África - com a finalidade de rompimento com a hegemonia da escrita masculina, Haacker afirma que:

A literatura feminina africana de expressão francesa emergiu nos anos 70, quando as mulheres africanas começaram a questionar as suas próprias condições de existência e as exprimirem sob a forma de ficções romanescas. O feminismo na África esteve frequentemente submisso a uma crítica a respeito da questão da falta de poder das mulheres e da falta de crítica da dominação dos homens na vida pública, na economia, na política e na sociedade. Não existe uma definição única para descrever o feminismo: ela muda conforme a época e a sociedade (HAACKER, 2013)¹⁰⁹.

¹⁰⁸ "La bataille menée par les femmes de lettres de l'Afrique noire francophone pour sortir de l'anonymat a été rude. Oubliées de l'intelligentsia jusqu'au début des années quatre-vingt parce que le bruit courait qui 'il n'exist[ait] pas de femme [...] qui ait pensé sa propre condition et donné à sa réflexion la forme d'une fiction romanesque' [...] et négligées par les critiques littéraires sous prétexte qu'elles rest[aient] en retrait par rapport à la littérature 'masculine' [...], ces romancières sont demeurées largement méconnues jusqu'à aujourd'hui. Pourtant leur apport à la littérature française au cours de ces vingt dernières années est loin d'être négligeable. Au seuil de la décennie 1990, la littérature féminine d'expression française d'Afrique noire compte déjà une cinquantaine de romans. Une demi-douzaine de ces derniers ont été traduits en anglais".

¹⁰⁹ "La littérature féminine africaine d'expression française a émergé dans les années 70 quand les femmes africaines ont commencé à mettre en question leurs propres conditions d'existence et à les exprimer sous formes de fictions romanesques. Le féminisme en Afrique a souvent été soumis à une critique en ce qui concerne la question de l'absence de pouvoir des femmes et le manque de critique

As temáticas abordadas refletem o que é tema recorrente dessa sociedade e a poligamia emerge como um assunto importante para reflexão: “A importância dada à poligamia não impede que outros temas se repitam sem cessar no universo romanesco da maioria das escritoras africanas francôfonas” (VOLET, 1992, p. 767)¹¹⁰.

Na obra *“Une si longue lettre”* esse é um tema fundamental, perpassando toda a narrativa:

No seu primeiro romance, ‘Une si longue lettre’ (publicado em 1979, ganhador do Prêmio Noma em 1980 e traduzido em inglês em 1981 com o título *So long a letter*), Mariama Bâ mostra que dentre o número de costumes que desrespeitam os direitos da mulher, a poligamia ocupa um lugar preponderante. Ela é um grande obstáculo no caminho da melhoria da condição feminina. A heroína de ‘Une si longue lettre’ acaba de perder o seu esposo. Ela reflete sobre a sua condição de mulher, sua profissão como professora, os anos passados ao lado do seu marido e a traição dolorosa sofrida quando ele escolhe ter uma segunda esposa (VOLET, 1992, p. 767)¹¹¹.

Ainda sobre o contexto da escrita de autoria feminina, Brahimi e Trevarthen (1998) teorizam que esse movimento surge como uma reação aos abusos contra a mulher, sendo rico, abundante e variado, mas revelam que é uma escrita ainda pouco lida. Conforme a análise das autoras, no contexto de escrita das mulheres na literatura africana, as escritoras projetam o desejo de melhorarem a condição em que vivem, criando modelos bem diferentes dos canônicos estabelecidos.

É nessa perspectiva que as autoras mencionadas no parágrafo anterior realizam um percurso temporal da literatura africana de autoria feminina. Primeiramente, é apresentada a época colonial, em que as mulheres eram vítimas (no sentido de submissas, propriamente), por serem dependentes (material e afetivamente). O fim desse período foi marcado pela luta contra a opressão. A segunda fase dessa escrita se relaciona à independência. Nesse tempo, de

de la domination des hommes dans la vie publique, dans l'économie, dans la politique et dans la société. Il n'y a pas une définition unique pour décrire le féminisme: elle change selon l'époque et la société”.

¹¹⁰ “L'importance donnée à la polygamie n'empêche pas que d'autres thèmes reviennent sans cesse dans l'univers romanesque de la majorité des romancières africaines francophones”.

¹¹¹ “Dans son premier roman, *“Une si longue lettre”* (publié en 1979, doté du Prix Noma en 1980 et traduit en anglais en 1981 sous le titre *So long a Letter*), Mariama Bâ montre qu'au nombre des coutumes qui bafouent les droits de la femme, la polygamie occupe une place de choix. Elle est un obstacle de taille sur le chemin de l'amélioration de la condition féminine. L'héroïne d'‘Une si longue lettre’ vient de perdre son époux. Elle réfléchit à sa condition de femme, à son métier d'enseignante, aux années passées aux côtés de son mari et à la trahison douloureuse de ce dernier lorsqu'il prend une seconde épouse”.

mobilização social, as escritoras descreviam e valorizavam o cotidiano. Apesar de ser frágil a liberdade, as mulheres não eram fracas, pelo contrário, mostravam-se mais fortes, rebeldes e revoltadas, utilizando a literatura como um instrumento de denúncia. A última fase relatada é a contemporânea, em que as mulheres retomam temáticas do período anterior, que subsistem, como a poligamia, e analisam as questões históricas, sociais e políticas, projetando nesse contexto, um imaginário feminino africano (BRAHIMI; TREVARTEN, 1998).

Nesse percurso realizado pelas supracitadas autoras, a obra *“Une si longe lettre”* se insere no período de independência, como um romance realista. As autoras citam a obra de Mariama Bâ, uma vez que ela é um ataque feminista à poligamia e exprime, pelas personagens Ramatoulaye e Aïssatou o rompimento, em certa medida, com os padrões sociais a elas impostos. Torna-se evidente, afinal, uma luta contra esses pressupostos arraigados socioculturalmente. A narrativa situa com precisão o momento histórico e transparece a decepção feminina no que tange aos novos tempos e a geração a qual pertencem (BRAHIMI; TREVARTEN, 1998).

Ainda realizando um percurso histórico da literatura africana de autoria feminina, Haaker afirma que:

Até os anos 70, os primeiros escritos produzidos pelas mulheres eram autobiográficos e giravam em torno da vida cotidiana. A maior parte dos romances escritos pelas mulheres mostravam a importância da família. Mas em meados dos anos 80, os escritos das mulheres africanas mudam de orientação e passam dos temas da sua marginalização pela tradição e pelo colonialismo, a outros temas. As mulheres escritoras abordam igualmente os temas que as preocupam, tais como: a maternidade, o casamento, a relação mãe/filho, a educação da mulher, a luta pela equidade, a mulher no mercado de trabalho, a independência econômica e as estratégias feministas de resistência a toda forma de opressão. Hoje, as escritoras da África se interessam pelos problemas sociais, políticos e econômicos. Elas reivindicam uma mudança social e as suas obras ajudam a transformar a realidade na qual elas vivem (HAAKER, 2013, p. 14 - 15)¹¹².

¹¹² "Jusqu'aux années 70, les premiers écrits produits par les femmes étaient plutôt autobiographiques et tournaient autour de la vie quotidienne. La plupart des romans écrits par les femmes montrent l'importance de la famille. Mais vers les années 80, les écrits des femmes africaines changent d'orientation et passent des thèmes de leur marginalisation par la tradition et le colonialisme, à d'autres thèmes. Les femmes écrivaines abordent également les thèmes qui les préoccupent, tels que: la maternité, le mariage, la relation mère-enfant, l'éducation de la femme, la lutte pour l'équité, la femme au travail, l'indépendance économique et les stratégies féminines de résistance à toute forme d'oppression. Aujourd'hui, les écrivaines d'Afrique s'intéressent aux problèmes sociaux, politiques et économiques. Elles revendiquent un changement social et leurs oeuvres deviennent un aide pour transformer la réalité dans laquelle elles vivent".

Baseado na teoria de Haaker, sem levar em conta propriamente uma determinação rígida do período evidenciado, uma vez que *“Une si longue lettre”* foi escrita em 1979 (entre os dois primeiros períodos analisados), Mariama Bâ transita em uma narrativa que reflete uma vida cotidiana e todas as temáticas (também do dia a dia) abordadas nos anos 80 e mencionadas pela autora.

Sobre o feminismo africano, Goredema o classifica em cinco categorias presentes nessa discussão:

O feminismo africano volta a categorias icônicas que destacam, inicialmente, as diferenças entre os feminismos africanos e ocidentais. São os seguintes: 1.) Cultura/Tradição, 2.) Questões socioeconômicas e sócio-políticas, 3.) O papel dos homens, 4.) Raça e 5.) Sexo e/ou sexualidade. Essas categorias são fundamentais, porque são o cimento que sustenta o discurso do feminismo africano. [...] Essas categorias são explicadas como opressões (GOREDEMA, [s.d], p. 35)¹¹³.

A narrativa *“Une si longue lettre”*, do ponto de vista da classificação de Goredema sobre as categorias do discurso feminista africano, apresenta aspectos da cultura/tradição, sob a perspectiva do oprimido, nesse caso, a mulher.

No Senegal, mais especificamente, o movimento que é problematizado e possui atuações de ONGs requer, segundo Guéye:

No Senegal, para enfrentar a feminização da pobreza, as ações visam aumentar a sua produtividade, oferecendo-lhes oportunidades de emprego ou atividades geradoras de renda. Essa perspectiva é apoiada por uma abordagem de ‘eficácia’, que considera que o potencial das mulheres é subutilizado. Era preciso, portanto, lutar por uma melhor participação econômica dessas na economia e utilizar a sua ‘capacidade’ [...] É a estratégia de responsabilidade comunitária que se baseia nas decisões e soluções preconizadas pelas populações, apoiadas por funcionários locais eleitos para resolverem os problemas socioeconômicos enfrentados pelas mulheres, de acordo com as suas necessidades e capacidades. A questão do desenvolvimento passa a levar em consideração dimensões vinculadas às desigualdades de gênero e sociais (GUÉYE, 2013, p. 31 - 32)¹¹⁴.

¹¹³ “African feminism returns to iconic categories that put a spotlight on the differences between African and Western Feminisms initially. They are the following: 1.) Culture/Tradition, 2.) Socio-economic and socio-political issues, 3.) The role of men, 4.) Race, and 5.) Sex and/or sexuality. These categories are fundamental because they are the cement that hold the discourse of African feminism. [...] These categories are explained as oppressions”.

¹¹⁴ “Au Sénégal, pour faire face à la féminisation de la pauvreté, les actions vont dans le sens de l'accroissement de leur productivité en leur proposant des possibilités d'emploi ou des activités génératrices de revenus. Cette perspective est appuyée d'une démarche 'efficacité' qui considère que les potentialités des femmes sont sous utilisées. Il fallait lutter, par conséquent, pour une meilleure participation économique de celles-ci à l'économie et utiliser leur "capability" [...] C'est la stratégie de la

Ainda no sentido dos motivos de luta das organizações em prol da mulher, Guéye afirma:

Algumas aprenderam muito com os movimentos feministas dos anos 1960, como o Yewwu Yewwi. Essas diferentes experiências forjaram a sua personalidade e permitiram que adquirissem a liderança necessária para dirigir organizações de mulheres. O desejo de defender os direitos das mulheres, explica algumas lideranças de grupos, vem da sua indignação com a feminização da pobreza e das desigualdades de gênero. Eles foram sensíveis à natureza hierárquica da sociedade senegalesa, que excluía certas categorias sociais ou etnias, etc. Elas também foram confrontadas com práticas discriminatórias ou opressivas em diferentes níveis: político, sindical, profissional, social, econômico, etc (GUÉYE, 2013, p. 38)¹¹⁵.

No que concerne aos aspectos abordados da questão cultural e da tradição, um tema relevante e exposto em “*Une si longue lettre*” é a questão de esse romance ser uma escrita pós-colonial, explicado logo adiante, de autoria feminina. O fato da obra de Bâ ser traduzida para diversas línguas, possibilita uma explicação para as temáticas das mulheres, no que tange ao lugar ocupado por elas nesse momento histórico:

Em um contexto também instável e conflituoso, que é o contexto pós-colonial no qual o acesso ao conhecimento sempre representou uma possibilidade de participação nessa ‘luta de identificações’, que está na base de toda mudança histórica e política no centro das sociedades, o campo artístico aparece como um espaço importante de construção e de negociação dos múltiplos modelos de identificação de ações na sociedade africana contemporânea. Em particular, a emergência, nos anos oitenta, de uma geração de mulheres escritoras que desafiaram o silêncio cultural no qual as africanas tinham sido confinadas desde o período colonial teve um papel fundamental no movimento de reapropriação por parte das mulheres de uma presença ativa no espaço público africano. As africanas que se tornaram artistas, intelectuais, escritoras, tiveram um papel fundamental na sociedade: pelas suas obras, suas pesquisas e seu pensamento, eles

responsabilisation communautaire qui se fonde sur les décisions et solutions préconisées par les populations, appuyées par les élus locaux pour résoudre les problèmes socioéconomiques auxquelles les femmes sont confrontées en fonction de leurs besoins et de leurs capacités. La problématique du développement prend désormais en compte les dimensions liées au genre et aux inégalités sociales".

¹¹⁵ "Certains ont beaucoup appris des mouvements féministes des années 60, comme le Yewwu Yewwi. Ces différentes expériences ont forgé leur personnalité et leur ont permis d'acquérir le leadership nécessaire pour diriger les organisations de femmes. Le désir de défendre les droits des femmes, nous explique quelques dirigeantes de groupement, vient de leur indignation face à la féminisation de la pauvreté et aux inégalités de genre. Elles ont été sensibles au caractère hiérarchique de la société sénégalaise qui excluait certaines catégories sociales ou ethnies etc. Elles ont été aussi confrontées à des pratiques discriminatoires ou d'oppression à différents niveaux: politique, syndical, professionnel, social, économique, etc".

negociaram a construção de uma sociedade diferente, contribuindo para mudar o equilíbrio de poder entre os gêneros, senão no nível diretamente material, pelo menos no nível das representações (TAGLIACOZZI, 2007, p. 33)¹¹⁶.

Tem-se, portanto, um período com o objetivo de destacar temáticas recorrentes à sociedade pós-colonial que agora ganha um novo olhar:

A literatura 'negro-africana' formava uma coleção de obras escritas em idiomas europeus (francês, inglês, português) e fazia parte da história da descolonização. Ela formou escolas, manteve relações de influência ou oposição, em suma, constituía um todo dinâmico e coerente que um número bastante grande de críticos, principalmente os africanos, começou a estudar; primeiro de uma perspectiva ideológica bastante dogmática, depois de uma perspectiva mais flexível (KESTELOOT 2001, p. 303)¹¹⁷.

Os estudos pós-coloniais, segundo Bonnici (2005), ganham proeminência em 1970, mesma década da escrita de "*Une si longue lettre*". Logo, evidenciam-se alguns resquícios do debate dessa temática na narrativa de Bâ:

Sonho de assimilação do colonizador que atraía [...] o nosso pensamento e nossa maneira de ser [...] A História caminhava, inexorável. O debate sobre a via correta justa agitava a África ocidental. Os homens corajosos conheceram a prisão; nos seus rastros, outros prosseguiram a obra esboçada. Privilégio da nossa geração, elo entre dois períodos históricos, um de dominação, outro de independência, permanecemos jovens e eficazes, tínhamos projetos. Com a independência adquirida, assistíamos à eclosão de uma República, ao nascimento de um hino e à implantação de uma bandeira. Eu escutava dizer que todas as forças vivas do país deveriam se mobilizar. E dizíamos que acima das inclinações inevitáveis por tal ou tal partido, ou tal e tal modelo de sociedade, necessitava-se de uma unidade nacional. Muitos dentre nós juntavam ao partido dominante, o dando-lhe sangue novo. Ser produtivo na

¹¹⁶ "Et dans un contexte aussi instable et conflictuel que le contexte postcolonial où l'accès au savoir a toujours représenté une possibilité de participation à cette 'struggle of identifications' qui est à la base de tout changement historique et politique au sein des sociétés, le champ artistique apparaît comme un espace important de construction et de négociation des multiples modèles d'identification d'actions dans la société africaine contemporaine. En particulier, l'émergence, dans les années quatre-vingts, d'une génération de femme écrivains qui ont défié le silence culturel dans lequel les Africaines avaient été confinées depuis la période coloniale, a joué un rôle fondamental dans le mouvement de réappropriation de la part des femmes d'une présence active dans l'espace public africain. Les Africaines devenues artistes, intellectuelles, écrivaines, ont eu et ont à ce jour un rôle fondamental dans leur société : par leurs oeuvres, leur recherches et leur pensée, elles ont négocié la construction d'une société différente, contribuant à changer les équilibres de pouvoir entre genres, sinon au niveau directement matériel, au moins au niveau des représentations".

¹¹⁷ "La 'Littérature négro-africaine' formait un ensemble d'oeuvres écrites en langues européennes (français, anglais, portugais) et s'inscrivait dans l'histoire de la décolonisation. Elle avait formé des écoles, entretenu des rapports d'influence ou d'opposition, bref constituait un tout dynamique et cohérent qu'un nombre assez important de critiques, surtout africains, avaient commencé d'étudier; d'abord dans une perspective idéologique assez dogmatique, puis dans une optique plus souple".

confusão valia mais do que cruzar os braços ou se proteger atrás de ideologias importadas (BÂ, 1979b, p. 53)¹¹⁸.

Tudo isso possibilita um enfoque dado pelo olhar da mulher, no caso aqui estudado por Bâ, sobre essa sociedade. Assim, rompe-se o olhar patriarcal perpetrado, propiciando uma revisão no âmbito da escrita, também sobre essa temática: “Quase vinte anos de independência! Quando virá a primeira mulher ligada às decisões que orientam o futuro do nosso país? [...] A mulher alçou mais de um homem ao poder” (BÂ 1979, p. 115)¹¹⁹.

Em um contexto geral, tal revisitação ocorrida na literatura foi um marco para que as mulheres registrassem, pela escrita, um lugar antes timidamente reconhecido e habitado. Com isso, as temáticas sofreram alteração e, sob um ponto de vista mais questionador e revolucionário, buscaram um local de direito (e não imposto às mulheres) e ganharam mais força representativa nessa sociedade, conforme se nota a seguir:

Como a mulher historicamente conheceu a si mesma através do que leu nos textos escritos por homens, - que negam o que ela sabe e sente de si -, o revisionismo dos textos patriarcais visa a uma leitura crítica desses textos de modo que os estereótipos do feminino possam ser superados por elas em sua criação artística. A luta das escritoras contra o silêncio imposto é seguida da revisão dos textos patriarcais (SOUZA, 2019, p. 76).

Ainda segundo Souza (2019), os textos de autoria feminina ganham evidência e são revistos os valores socioculturais arraigados no âmbito literário, possibilitando à mulher ter voz, diferente do que ocorria no cânone estabelecido. Agora as mulheres podem, pela literatura, denunciar aspectos consagrados em determinadas culturas. Ainda que isso não seja, por vezes, possível na realidade, ao subverter tais contextos, elas têm um olhar crítico específico lançado para tal escrita.

¹¹⁸ "Rêve assimilationniste du colonisateur, qui attirait dans son creuset [...] notre pensée et notre manière d'être [...] L'Histoire marchait, inexorable. Le débat à la recherche de la voie juste secouait l'Afrique occidentale. Des hommes courageux connurent la prison; sur leurs traces, d'autres poursuivirent l'œuvre ébauchée. Privilège de notre génération, charnière entre deux périodes historiques, l'une de domination, l'autre d'indépendance. Nous étions restés jeunes et efficaces, car nous étions porteurs de projets. L'indépendance acquise, nous assistions à l'éclosion d'une République, à la naissance d'un hymne et à l'implantation d'un drapeau. J'entendais répéter que toutes les forces vives du pays devaient se mobiliser. Et nous disions qu'au-dessus des inclinations, inévitables, pour tel ou tel parti, tel ou tel modèle de société, il fallait l'unité nationale. Beaucoup d'entre nous ralliaient le parti dominant, lui infusant du sang nouveau. Être productif dans la mêlée valait mieux que se croiser les bras ou s'abriter derrière des idéologies importées".

¹¹⁹ "Presque vingt ans d'indépendance! À quand la première femme ministre associée aux décisions qui orientent le devenir de notre pays? [...] La femme a hissé plus d'un homme au pouvoir".

Nesse sentido, Schmidt analisa a proposta da crítica feminista:

Resumindo, o que a crítica feminista propõe, no território dos estudos literários, é uma epistemologia reumanizada. Alicerçando-se nessa tríade inegociável - interesse + conhecimento + agenciamento - a crítica feminista promete uma nova tradição de pesquisa. Nova porque seus pressupostos e sua política possibilitam uma intersecção de estratégias - política, pessoal teórica e filosófica - que fazem convergir, no ato da cena da enunciação, vozes que não têm presença no discurso científico tradicional (SCHIMIDT, 1994, p. 31).

Schmidt caracteriza a proposta dessa crítica como uma nova maneira de pesquisa, que descontinua os valores tradicionais patriarcais de análise e observa a mulher e a sua realidade. Assim, a crítica constrói um olhar analítico para esse novo contexto estabelecido, de modo a destoar-se dos preceitos sociais da literatura, perpetrados anteriormente.

No que concerne a essa forma de escrita, Showalter realiza uma categorização do percurso literário de autoria feminina. Segundo a autora:

Primeiro, há um estágio de **imitação** prolongada dos modos predominantes da tradição dominante e de **internalização** dos padrões de arte e das visões nos papéis sociais. Segundo, há um estágio de **protesto** contra esses padrões e valores, **advocacia** de direitos e valores das minorias, incluindo uma procura por autonomia. Por fim, há um estágio de **autodescobrimento**, uma virada interior libertada de alguma dependência, uma busca por identidade. Uma terminologia apropriada para as escritoras é chamar esses estágios de: **Feminina**, **Feminista** e **Fêmea**. Obviamente não são categorias rígidas, separadas distintamente pelo tempo, para as quais as autoras podem ser designadas com total certeza. Os estágios se sobrepõem; há características femininas na escrita feminista e vice-versa. É possível perceber os três estágios na carreira de um único autor. Não obstante, é importante destacar os períodos de crise em que uma virada nos valores literários ocorreu. Neste livro eu identifico a primeira onda como sendo a época desde o surgimento do pseudônimo masculino em meados de 1840 até a morte de George Eliot em 1880; a segunda onda de 1880 até 1920 ou o direito de voto; e a terceira onda de 1920 até o presente, mas entrando em uma nova fase de autoconhecimento a partir de 1960 (SHOWALTER, 1994, p. 13)¹²⁰.

¹²⁰ "First, there is a prolonged phase of **imitation** of the prevailing modes of the dominant tradition, and **internalization** of its standards of art and its views on social roles. Second, there is a phase of **protest** against these standards and values, **advocacy** of minority rights and values, including a demand for autonomy. Finally, there is a phase of **self-discovery**, a turning inward freed from some of the dependency of opposition, a search for identity. An appropriate terminology for women writers is to call these stages, **Feminine**, **Feminist**, and **Female**. These are obviously not rigid categories, distinctly separable in time, to which individual writers can be assigned with perfect assurance. The phases overlap; there are feminist elements in feminine writing, and vice versa. One might also find all three phases in the career of a single novelist. Nonetheless, it seems useful to point to periods of crisis when a shift of literary values occurred. In this book I identify the Feminine phase as the period from the appearance of the male pseudonym in the 1840s to the death of George Eliot in 1880; the Feminist

Pode-se depreender que a escrita de Mariama Bâ seja, predominantemente, classificada na última fase de autoconhecimento, uma vez que a personagem principal faz um percurso, durante a sua longa carta, de descoberta de si mesma, da sua força, buscando uma identidade própria, mesmo destoante da coletiva a ela imposta.

Mesmo assim, a protagonista perpassa pelas demais fases, quando no início da obra ela aceita os preceitos sociais estabelecidos já internalizados, tolerando a questão da poligamia de uma forma mais pacífica ou quando denuncia os padrões sociais vigentes. Assim, Bâ dá voz, pela personagem Ramatoulaye, a alguns valores sociais:

Mas como exprimir o silêncio? Somente através de um outro silêncio: a escritura, forma de expressão vedada à mulher-árabe-muçumana. No entanto, para a romancista, sua escritura ao se fazer na língua do outro deixa de ser silêncio e se transforma em voz, na voz que se propõe a romper com múltiplos silêncios (SOARES, 1998, p. 47).

Nessa perspectiva, observa-se a importância de todo o contexto feminista que culmina na necessidade de um olhar crítico para a literatura escrita por mulheres, considerando as autoras, as personagens, bem como a influência de aspectos sociais refletidos e analisados nesse contexto.

No que tange às personagens femininas de Mariama Bâ construídas como submissas à ideologia vigente, em um primeiro momento, elas passam a ser conscientes, representando os valores efervescentes da época, conforme se pode observar na análise de Zolin:

[...] personagens femininas tradicionalmente construídas como submissas, dependentes, econômica e psicologicamente do homem, reduplicando o estereótipo patriarcal, passam, paulatinamente, a ser engendradas como sendo conscientes de sua condição de inferioridade e como capazes de empreender mudanças em relação a esse estado de objetificação. Ou, de outro lado, passam a ser inseridas em contextos que, de alguma forma, trazem à baila discussões acerca dessa problemática (ZOLIN, 2005, p. 185).

Nesse sentido, a exaltação dos preceitos do feminismo se reflete no olhar crítico literário de análise dessas obras, bem como na construção de um outro modelo de personagem feminina.

phase as 1880 to 1920, or the winning of the vote; and the Female phase as 1920 to the present, but entering a new stage of self-awareness about 1960".

Em *“Une si longue lettre”*, a personagem principal (apesar de passar por momentos que demonstram tal submissão, quando Ramatoulaye sucumbe à tradição e aceita ficar casada com Modou em um casamento poligâmico), na juventude, transgride as questões sociais que não podem ser alteradas, como o fato de estudar ou escolher o seu marido. Em um momento posterior, esse rompimento com os preceitos também é realizado pela protagonista ao preferir a viuvez, a se casar novamente. Por esses exemplos se pode analisar Ramatoulaye por um viés também feminista nesse contexto patriarcal, que suprime a vontade feminina, mas a protagonista o subverte, uma vez que se aparta do consagrado e consegue, de certo modo, libertar-se dessas amarras.

Por outro lado, algumas personagens secundárias são vistas como aproveitadoras (como é o caso de Binetou e da mãe dela) ou louca, no caso da personagem Jacqueline - amiga de Ramatoulaye, em decorrência da poligamia e por não ter conseguido conviver com tal situação, conforme analisado anteriormente nesta tese.

O antagonismo de personalidade feminina das personagens poderia ser verificado, em *“Une si longue lettre”*, como um reflexo social ainda estabelecido. Conforme se pode observar, todo o enredo e as características das personagens decorrem da questão central da obra, referente à poligamia. Tudo isso no romance analisado poderia ser compreendido como um reflexo social, uma forma de denúncia da situação presente, que é por Bâ revelado.

No sentido representativo das personagens, pautando-se em aspectos sociais, a filha de Mariama Bâ, Mame Coumba Ndiaye, na obra sobre a vida da sua mãe, chama atenção para o fato de que:

Ela revela com eloquência, embora as personagens sejam de papel, como as elites da sua geração (em todo caso um bom número entre elas) sofriam com as restrições impostas pelas convicções rígidas, inclinadas à marginalizá-las e os duros golpes aos quais deveriam se submeter àquelas que eram fortes o suficiente para pagarem o preço da sua revolta (NDIAYE, 2007, p. 50)¹²¹.

Ndiaye explica que os papéis sociais são bem apresentados na narrativa de Mariama Bâ, pois revelam as dores sofridas pelas mulheres dessa sociedade, bem

¹²¹ "Elle révèle avec éloquence, bien que les personnages soient de papier, comment les élites de sa génération (bon nombre d'entre elles en tout cas) souffraient des contraintes imposées par des convictions rigides plutôt portées à les marginaliser, et les coups durs que devaient subir celle qui étaient assez fortes pour payer le prix de leur révolte".

como reafirmam os valores sentidos em contraposição com os vividos (de maneira impositiva) socialmente.

Nesse mesmo sentido, de abordar assuntos pertinentes ao mundo feminino, no contexto de sua obra, Mariama Bâ, em Frankfurt, em 1980, sobre a função política das literaturas africanas, relata que:

O escritor retrata as figuras femininas como as personagens que mais sofriam, as primeiras vítimas de uma sociedade onde tudo beneficia para que o homem mantenha os costumes em nome dos quais as mulheres eram naturalmente esposas traídas, mães repudiadas ou abandonadas. Assim, ela construía as tramas familiares, as uniões desfeitas, com o apoio do homem, pelo fato de outras mulheres que não eram estranhas às práticas sociais que ela denunciou (NDIAYE, 2007, p. 115)¹²².

Bâ, no que diz respeito à maneira de identificação feminina com a sua obra, por tratar também de assuntos pertinentes às mulheres, esclarece:

Parecia que essas mulheres, que não tinham mais o direito de falar, por tanto que sofriam com seu anonimato, haviam encontrado no livro um fórum aberto para se expressar diante do mundo. Todas notaram, surpresas, que era a vida delas que ela descrevera e lhe expressavam sua gratidão por ela ter definido tão bem os contornos da sua existência cotidiana (NDIAYE, 2007, p. 130)¹²³.

Diante de todo o exposto, pôde-se compreender como as questões femininas e feministas, o que também se desdobrou no âmbito literário, são debatidas por Mariama Bâ em "*Une si longue lettre*" em meio à efervescência de tal movimento. Uma importante observação, nesse sentido, é que autora trata de assuntos pertinentes à mulher, em um contexto patriarcal, discutindo na sua narrativa valores culturais sedimentados, tornando-os evidentes numa perspectiva global, pela sua obra e as diversas traduções a ela atribuída.

Atualmente, algumas mudanças quanto ao papel da mulher na sociedade senegalesa ocorreram, como a posse no cargo de primeira-ministra de Dacar, de Aminata Touré (de 2013 a 2014). Entretanto, ainda há um longo caminho para

¹²² "L'écrivain campait les figures féminines comme les personnages qui en souffraient le plus, les premières victimes d'une société où il est tout bénéfice pour l'homme d'entretenir ces coutumes au nom auxquelles les femmes étaient naturellement des épouses trahies, des mères répudiées ou abandonnées. Elle dressait ainsi les frames familiaux, les unions brisées avec l'appui de l'homme, par le fait d'autre femmes qui n'étaient pas étrangères aux pratiques sociales qu'elle dénonçait".

¹²³ "On avait l'impression que ces femmes qui n'avaient plus le droit à la parole, tant elles souffraient de leur anonymat, avaient trouvé dans le livre une tribune ouverte pour s'exprimer à la face du monde. Elles constataient toutes, avec stupéfaction, que c'était leur vie qu'elle avait décrite et lui exprimaient leur reconnaissance d'avoir si bien cerné les contours de leur existence quotidienne".

assegurar plenamente o direito da mulher, tendo ela maior visibilidade no país aqui estudado. Na tentativa de luta por tais direitos, os grupos senegaleses de apoio à mulher têm um importante papel, e buscam diminuir as desigualdades de gênero existentes. Contudo, ainda há muitos desafios pela frente.

É importante destacar que as mulheres sempre se mobilizaram para melhorar as suas condições de vida. Mas, especialmente em formas associativas. Ao se agruparem, de acordo com a afiliação social, profissional ou de bairro, as mulheres puderam encontrar a expressão do seu ativismo e da sua experiência cidadã [...]. Em outros casos, eles estão ligados por afinidades étnicas, econômicas ou religiosas. Graças à crise que abalou o país a partir do final da década de 1970, as associações de mulheres se multiplicaram. De fato, diante dos desafios globais e dessa crise multifacetada, as experiências associativas possibilitaram às mulheres serem atrizes do seu destino e viverem a sua cidadania no seu espaço local. Da esfera privada, onde estiveram confinadas por muito tempo, elas investiram no espaço público. [...] ainda existem muitos desafios que as organizações de mulheres enfrentam no Senegal. No plano sociodemográfico, a taxa de mortalidade materna é de 510 óbitos por 100.000 nascidos vivos. 78% das mulheres são donas de casa, a taxa de analfabetismo é de 50,4% segundo estatísticas da ANDS (SES, Situação econômica e social do Senegal, 2007). A Pesquisa de Monitoramento da Pobreza do Senegal (2005-2006) também mostra que 20% das mulheres são chefes de família. [...] no plano político, a representatividade das mulheres continua irrisória, mesmo que as eleições locais de 22 de março de 2009 tenham permitido uma maior visibilidade das mulheres no campo político, em comparação com os anos anteriores. Dos 45 grandes municípios e 121 municípios distritais, as mulheres conquistaram apenas sete cargos. [...] Atualmente, são oito mulheres nomeadas para a equipe do governo com responsabilidades tradicionalmente atribuídas às mulheres (sociais, familiares, relativas às mulheres, etc). O seu número é mais representativo no Senado, em que constituem 37% da força de trabalho. No plano social, algumas questões, como a poligamia e o parentesco conjunto, ainda não foram resolvidas, devido a fortes pressões sociais, culturais e religiosas (ofensiva dos islamitas, em particular do Coletivo Islâmico para a reforma do Código da família dos Senegal (Circofs). No entanto, uma das grandes vitórias das organizações femininas foi a votação na Assembleia Nacional da lei da paridade absoluta entre homens e mulheres em todas as instituições total ou parcialmente eletivas, no dia 14 de maio de 2010. [...] Diante desses avanços, vozes têm se levantado para contestar a legitimidade da lei da paridade que seria inconstitucional e exigir a sua revogação. Um dos maiores desafios do movimento de mulheres senegalesas é a questão da manutenção da lei (GUÉYE, 2013, p. 15-16)¹²⁴.

¹²⁴ "Il faut souligner que les femmes se sont toujours mobilisées pour améliorer leurs conditions de vie. Mais, c'est surtout sous des formes associatives. En se regroupant selon l'appartenance sociale, professionnelle ou de quartier, les femmes ont pu trouver l'expression de leur militantisme et de leur vécu citoyen. [...] Dans d'autres cas, elles sont liées par des affinités ethniques, économiques ou religieuses. A la faveur de la crise qui a secoué le pays à partir de la fin des années 70, les

Diante do exposto, pode-se verificar que mudanças ainda necessitam ocorrer no campo da igualdade de gênero. Apesar da obra de Bâ ter sido escrita na década de 70, ela possui uma temática atual, que carece de discussão e estudos e capazes de colocar em xeque a mulher na sociedade e o papel a ela atribuído, debatido em “*Une si longue lettre*”.

associations de femmes se sont multipliées. En fait, face aux enjeux globaux et à cette crise aux multiples facettes, les expériences associatives ont permis aux femmes d'être actrices de leur destinée et de vivre leur citoyenneté à partir de leur espace local. De la sphère privée où elles ont été pendant longtemps cantonnées, elles ont investi l'espace public. [...] de nombreux défis interpellent les organisations de femmes au Sénégal. Sur le plan sociodémographique, le taux de mortalité maternelle est de 510 décès pour 100 000 naissances vivantes. 78% de femmes sont au foyer, le taux d'analphabétisme est de 50,4% selon les statistiques de l'ANDS (SES, Situation économique et social du Sénégal, 2007). L'Enquête de Suivi de la Pauvreté au Sénégal (2005-2006) montre également que 20% des femmes sont des chefs de famille. [...] Sur le plan politique, la représentativité des femmes reste négligeable même si les élections locales du 22 mars 2009 leur ont permis une plus grande visibilité des femmes dans le champ politique, comparée aux années précédentes. Sur 45 grandes communes et 121 communes d'arrondissement, les femmes n'ont gagné que sept sièges. [...] Les femmes sont actuellement huit à être nommées dans l'attelage gouvernemental avec des charges qui leur sont traditionnellement attribuées aux femmes (le social, la famille, les femmes, etc.). Leur nombre est plus représentatif au Sénat où elles constituent 37% de l'effectif. Sur le plan social, certaines questions, telles que la polygamie et la parenté conjointe ne sont toujours pas résolues, à cause de fortes pressions sociales, culturelles et religieuses (offensive des Islamistes, notamment du Collectif islamique pour la réforme du Code de la famille du Sénégal (Circofs)). Néanmoins, l'une des grandes victoires des organisations de femmes a été le vote à l'Assemblée nationale de la loi sur la parité absolue homme-femme dans toutes les institutions totalement ou partiellement électives, le 14 mai 2010. [...] Face à ces avancées, des voix se sont élevées pour contester la légitimité de la loi sur la parité qui serait anticonstitutionnelle et demande son abrogation. La question du maintien de la loi constitue l'un des plus grands défis du mouvement féminin sénégalais”.

CAPÍTULO 2: A ESCRITA DE SI NA OBRA “*UNE SI LONGUE LETTRE*” DE MARIAMA BÂ

“O processo de escrever sempre revela a personalidade profunda do escritor. Às vezes, ao transpor os seus desejos secretos para os seus personagens, ele também tenta resolver as suas próprias contradições” (NDIAYE, 2007, p. 149)¹²⁵.

O presente capítulo tem como objetivo analisar a presença ou não de uma autoficção na obra “*Une si longue lettre*”, averiguando a possibilidade de pontos de contato da vida de Mariama Bâ com a personagem principal da sua narrativa.

“*Une si longue lettre*” possui, no seu enredo, temas que permeiam a vida das mulheres, em especial, as senegalesas, contexto que Mariama Bâ escolheu como espaço para desenvolver a sua narrativa. Temáticas como o casamento poligâmico ou o papel destinado à mulher sob uma perspectiva cultural, por exemplo, podem ser analisadas como representações de questões sociais que precisam ser refletidas. Esses aspectos, trabalhados na obra de Bâ, incomodam a autora, cujas declarações em entrevistas, tornam-se evidentes nos diversos projetos que a autora participa em prol das mulheres no seu país.

Nesse prisma, é relevante verificar se em “*Une si longue lettre*” estão presentes aspectos estritamente relacionados à vida da autora ou se, na narrativa, são desenvolvidas questões mais culturais, ligadas ao contexto social em que se desenvolve a obra.

Antes, contudo, são necessárias ponderações concernentes às diversas nomenclaturas conceituais que poderiam ser utilizadas para a abordagem desses pontos de contato existentes entre a vida da autora e “*Une si longue lettre*”. Desse modo, é importante traçar uma diferenciação entre termos, como: “Escrita de si”, “Autobiografia” e “Autoficção”, para se verificar a efetivação de tais características ou não no contexto que se pretende observar na obra de Bâ.

¹²⁵ “Les processus de l’écriture met toujours à nu la personnalité profonde de l’écrivain. Il arrive qu’en transposant ses vœux secrets sur ses personnages, il tente aussi de résoudre ses propres contradictions”.

2.1 Uma questão conceitual - Autobiografia, Escrita de si e Autoficção

Apesar de parecerem semelhantes, os termos autobiografia, escrita de si e autoficção possuem diferenças conceituais importantes, que necessitam ser esclarecidas.

O termo autobiografia foi utilizado por Lejeune na sua obra “O pacto autobiográfico”. Nela, o autor assim a define: “Relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, enfatizando a sua vida individual e, em particular, a história da sua personalidade” (LEJEUNE, 1991, p. 48)¹²⁶.

Para o autor, quando é realizada uma obra declaradamente autobiográfica - que trate de aspectos da vida do autor -, é necessário que haja, como destacado no título do seu livro, um pacto autobiográfico, em que a personagem, o autor e o narrador poderiam ser tomados como um e o leitor deveria aceitar o que dizem como algo verdadeiro (FRAEDRICH, 2016).

Nessa perspectiva, a autobiografia para Lejeune poderia ser depreendida como a vida do autor contada por um personagem. No entanto, quando se aborda essa perspectiva de análise, é preciso questionar-se quanto à veracidade do que foi contado e do que se pretende compartilhar. As memórias podem ser permeadas por outros fatores, como escolhas de um fato em detrimento de outro, esquecimento, lapsos memorialísticos ou uma percepção distinta do que realmente ocorreu. Evidencia-se, portanto, que até mesmo a memória do autor poderia ficcionalizar, mesmo inconscientemente, um evento acontecido com ele.

Dito de outra maneira, a veracidade do que se conta na ficção pode ser contestada, pois a noção de verdade, num viés das reminiscências, pode ser recuperada de modo fragmentado, não tendo, por exemplo, ocorrido da forma como se crê lembrar, propriamente. Após ponderar sobre essas questões, Lejeune (2002, p. 41) pondera:

Sem dúvida que a verdade é inatingível, em particular quando se trata da vida humana, mas o desejo de alcançá-la define um campo de discurso e atos de consciência, um certo tipo de relações humanas, que nada têm de ilusório. A autobiografia inscreve-se tanto no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e de compreender) e no campo da ação (promessa de facultar esse conhecimento aos outros como na área da criação artística).

¹²⁶ “Relato retrospectivo em prosa que una persona real hace de su propia existencia, poniendo énfasis en su vida individual y, en particular, en la historia de su personalidad”.

A nova percepção de que a veracidade da transposição do real é de difícil alcance na literatura permeia uma outra tentativa de definição para o autor, uma vez que bastaria a tentativa de realização dessa transferência do real para o ficcional para que a obra seja classificada como autobiográfica.

Desse modo, em uma tentativa de (re)definição de autobiografia, Lejeune aborda essa terminologia, agora em uma perspectiva ficcional:

A autobiografia [...] é uma ficção que ignora sê-lo, uma ficção ingênua ou hipócrita, que não tem consciência de ser ficção ou que não aceita sê-lo, e que, por outro lado, pelas restrições absurdas que se impõe, se priva dos únicos recursos criativos que podem conduzir, num outro plano, a uma forma de verdade (LEJEUNE, 2002, p. 40).

Nessa reformulação conceitual da sua proposta, Lejeune pondera que ao tentar escrever uma autobiografia, o autor se recusaria a defini-la assim. Desse modo, ele renuncia aos elementos fictícios que poderiam auxiliar na narrativa, como tentativa de pautar-se apenas no que acredita ser a verdade dos fatos que ocorreram com ele.

No que concerne à impossibilidade da veracidade na sua totalidade na autobiografia, Duque-Estrada pondera:

Talvez a maneira mais apropriada de abordar o tema da autobiografia seja afirmando positivamente aquilo que ela não é e não pode ser, afirmando a sua impossibilidade de cumprir a sua mais profunda promessa: apresentar a verdade de uma vida reunida numa trama narrativa (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 17).

Por ser um tema de complexa delimitação, pela questionável concretude da noção de transposição da veracidade - considerando que a memória ficcionalizaria para o próprio indivíduo o que ele imaginava ser real na sua totalidade - surgiram outras terminologias, na tentativa de explicar, de outra forma, como isso poderia ser compreendido na literatura.

Assim, não sendo talvez essa terminologia suficiente para resolver uma questão literária, de ficção propriamente, Doubrovsky utiliza o termo autoficção para conceituar esse tipo de literatura. Para o autor:

[...] fundiu-se dois gêneros contraditórios, cuidadosamente distinguidos pelo eminente teórico Philippe Lejeune, o autobiográfico e o romanesco. O primeiro conta a vida do seu autor com toda a verdade, de acordo com um diagrama histórico, a segunda encena personagens imaginários de acordo com o modo narrativo escolhido

pelo escritor. A autoficção para mim reuniria esses dois gêneros antitéticos (DOUBROVSKY, 2013)¹²⁷.

Doubrovksy, com essa nova terminologia, possibilita uma reflexão sobre o campo ficcional, permitindo ao autor escrever sobre a sua vida e realizar, a partir dela, uma ficção de si, das suas experiências, mas não pautadas tão somente nela e não exigindo uma “veracidade”, mas uma representação.

Nesse sentido, Gonçalves analisa a autoficção no sentido de ficcionalizar eventos, não necessitando que se paute no real, propriamente. Cabe ao leitor a inferência dessas aproximações da vida com a obra:

A autoficção não é uma recapitulação cronológica do passado. Seu compromisso é com o presente e sua atualização se dá por intermédio das experiências pessoais que são descritas de forma isolada, com pequenas nuances de memórias espalhadas, fixadas por meio de um ou outro momento que merece uma atenção especial. O que observamos, então, é o completo afastamento do autor, ao conceber o texto sem a pretensão de se tornar dono dele, muito menos, de fazer desse texto um espelho de suas carências e emoções mal resolvidas. Sua expectativa está no leitor e nas semelhanças que este encontrará no texto (GONÇALVES, 2020, p. 27).

Para Manuel Alberca, o sentido de autoficção se revela de forma confusa para o leitor, quando comparado o autor com o seu personagem, uma vez que pautados no real, são revestidos de ficcionalidade.

As autoficções partem, como já falei, de algum tipo de identificação nominal do autor com o protagonista do relato, mas insinuam, de maneira confusa e contraditória, que esse personagem é e não é o autor. Essa identidade ambígua, calculada ou espontânea, irônica ou autocomplacente, segundo os casos, constitui-se como uma das fontes da fecundidade do gênero, pois, apesar de que o autor e personagem são a mesma pessoa, o texto não postula quase nunca uma exegese autobiográfica explícita, toda vez que o real se apresenta como uma simulação novelesca sem camuflagem apenas com alguns elementos fictícios (ALBERCA, 2006, p. 10)¹²⁸.

¹²⁷ “[...] fusionnait deux genres contradictoires, soigneusement distingués par l’éminent théoricien Philippe Lejeune, l’autobiographique et le romanesque. Le premier relate la vie de son auteur en toute véracité, selon un schéma historique, le second met en scène des personnages imaginaires selon le mode narratif choisi par l’écrivain. L’autofiction pour moi réunirait ces deux genres antithétiques”.

¹²⁸ “Las autoficciones parten, como ya he dicho, de algún tipo de identificación nominal del autor con el protagonista del relato, pero insinúan, de manera confusa y contradictoria, que ese personaje es y no es el autor. Esta identidad ambigua, calculada o espontánea, irónica o autocomplaciente, según los casos, constituye una de las fuentes de la fecundidad del género, pues, a pesar de que autor y personaje son la misma persona, el texto no postula casi nunca una exégesis autobiográfica explícita, toda vez que lo real se presenta como una simulación novelesca sin camuflaje apenas o con algunos elementos ficticios”.

Desse modo, a autoficção não tem a pretensão de ser o real, mas uma ficcionalização de alguns eventos, sem necessitar de uma linearidade ou submissão ao que realmente se crê ter ocorrido de fato.

Ademais dessas nomenclaturas, a “escrita de si” também aparece, na tentativa de alinhar essa modalidade de tipologia textual. Para Foucault (1992), a escrita de si estaria associada ao indivíduo, adicionada a uma noção de performance e se tornaria limiar a separação do que concerne à vida e do que é ficcionalizado, precisamente (KINGLER, 2006; GONÇALVES, 2020).

O léxico “limiar” utilizado nessa definição poderia ser também questionado, pois mesmo que se tente dizer sobre si, como mencionado anteriormente na análise sobre a autobiografia de Lejeune, se tem diversas variantes que não permitem à memória fidedignidade ao que se propõe contar sobre a verdade, rompendo então com essa possibilidade.

Além da noção adotada por Foucault, Kingler (2006, p. 41) adiciona outros elementos à compreensão de tal nomenclatura, tomando-a na sua tese, como uma: “‘escrita de si’, que compreende não somente os discursos assinalados por Foucault, mas também outras formas modernas, que compõem uma certa ‘constelação autobiográfica’: memórias, diários, autobiografias e ficções sobre o eu” (KINGLER, 2006, p. 41).

Arfuch, na sua obra “O espaço biográfico”, afirma que o plano de identificação biográfica estaria pautado na percepção do leitor, com inferência aos aspectos em comum da vida e da obra do autor:

Se o valor biográfico adquire sua maior intensidade nos gêneros classificáveis como tais, é possível inferir seu efeito de sentido quanto ao ordenamento das vidas no plano da recepção. São laços identificatórios, catarses, cumplicidades, modelos de herói, ‘vidas exemplares’, a dinâmica mesma da interioridade e sua necessária expressão pública que estão em jogo nesse espaço peculiar onde o texto autobiográfico estabelece com seus destinatários/leitores uma relação de diferença: a vida como uma ordem, como um devir da experiência, apoiado na garantia de uma existência ‘real’ (ARFUCH, 2010, p. 71).

Nesse sentido, caberia à recepção verificar as aproximações existentes entre a vida e a obra dos escritores, deduzindo o que compartilha sobre as suas experiências.

Ainda em relação a tal temática, para Rago haveria, na escrita de si, uma outra possibilidade de constituição identitária, a partir de uma pluralidade de questões externas ao escritor, compostas nesse processo.

[...] a escrita de si, não se trata de um dobrar-se sobre o eu objetivado, afirmando a própria identidade a partir de uma autoridade exterior. Trata-se, antes, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita, em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é, escapando às formas biopolíticas de produção do indivíduo. Assim, o eu de que se trata não é uma entidade isolada, mas um campo aberto de forças; entre o eu e o seu contexto não há propriamente diferença, mas continuidade [...] (RAGO, 2013, p. 52).

Dito de outro modo, o indivíduo é um elemento pertencente a um conjunto social mais complexo, não sendo possível, assim, essa escrita de si, mas uma escrita múltipla, possível de se observar a si como outro(s).

Ainda no sentido de um trabalho de cunho biográfico, mas em uma perspectiva social, que revele ao leitor, além de elementos biográficos, questões sociais que permeiam esse “eu” construído e pautado no autor, Goldenberg (2004, p. 43) declara: “A utilização do método biográfico em ciência sociais é uma maneira de revelar como as pessoas universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem”.

Dessa maneira, além de se pensar nessa (im)possibilidade da ficção transposta diante da experiência vivida, deve-se também considerar o autor (e possivelmente o personagem pautado nele) como um produto social atuante, mesmo inconscientemente, ou como um revelador das condições socioculturais na literatura mantendo-se ou opondo-se ao que foi narrado, pertencendo, sobretudo, a tal contexto que pretendeu ficcionalizar.

A partir do supracitado, pode-se verificar a dificuldade de delimitação terminológica e classificatória sobre o processo de escrever a respeito de aspectos que se pautem na própria vida dos autores.

No entanto, para a nomeação desse processo, será adotada nesta tese, a autoficção, por abarcar na sua conceituação, um espaço que se abre para uma possibilidade de ficcionalização de eventos reais. Não há a necessidade de verificação precisa da veracidade em todos os aspectos narrados. Portanto, esse termo aqui será adotado como uma representação de fatos que ocorreram e serviram como inspiração para a escrita da protagonista, cabendo ao leitor averiguar esses pontos de contato que poderiam existir, nesse sentido.

2.2A possibilidade de autoficcionalização na análise de *Ramatoulaye*

Este tópico pretende verificar os pontos de contato existentes entre Mariama Bâ e a sua protagonista *Ramatoulaye*, para posteriormente avaliar se é pertinente ou não denominar essa aproximação como autoficção.

Sobre Bâ e *Ramatoulaye*, Ndiaye compara a força em comum delas: “Duas mulheres enérgicas, com a mesma força, cuja natureza se sobrepõe a muitas facetas da sua personalidade” (NDIAYE, 2007, p. 149)¹²⁹.

A força de Mariama Bâ e de *Ramatoulaye* mencionada por Ndiaye é inegável. Elas são mulheres que vivem sob valores sociais consolidados, mas subvertem de diversos modos a maneira de se portar diante das situações apresentadas. *Ramatoulaye* é uma porta-voz, escrita por Mariama Bâ, de múltiplas vozes sociais e mesmo de uma voz particular, da própria escritora, como será neste tópico analisado.

Do mesmo modo que a autora, *Ramatoulaye* também vive em Dacar. O local de pertencimento de Mariama Bâ, onde nasceu e cresceu, foi também a cidade escolhida para a narrativa. A capital do Senegal foi eleita por Bâ para ser o local em que se passam os acontecimentos de *Ramatoulaye*, ao mesmo tempo em que foi o lugar onde Bâ viveu toda a sua história.

Regressar ao local de pertencimento permite que Mariama Bâ aborde um lugar conhecido por ela, em relação aos aspectos culturais e às questões femininas aí inseridas e expostas em “*Une si longue lettre*”. *Ramatoulaye* conta também sobre as questões naturais/físicas de Dacar, mesma cidade compartilhada pela autora da narrativa:

Nós contornamos a costa de Dacar, uma das mais belas da África Oeste, verdadeira obra de arte da natureza. As rochas arredondadas ou pontiagudas, negras ou ocre dominam o Oceano. A vegetação, verdadeiros jardins suspensos florescendo sob o claro céu (BÂ, 1979b, p. 46 - 47)¹³⁰.

Além do lugar, as duas também compartilham a religião, professam a fé muçumana e seguem os preceitos estabelecidos pelo Alcorão. Ndiaye afirma sobre a mãe que: “Nessas orações que regulavam a ordem dos seres e das coisas, onde Deus

¹²⁹ “*Deux femmes énergiques, de même force, dont la nature se superpose sur bien des facettes de leur personnalité*”.

¹³⁰ “*Nous longions la corniche dakaroise, l’une des plus belles de l’Afrique de l’Ouest, véritable œuvre d’art de la nature. Des rochers arrondis ou pointus, noirs ou ocre dominaient l’Océan. De la verdure, parfois de véritables jardins suspendus s’épanouissaient sous le ciel clair*”.

falava diretamente ao coração, residia a força quase exclusiva da fé de Mariama Bâ, que nada mais poderia abalar [...]” (NDIAYE, 2007, p. 25)¹³¹.

Em paralelo a essa crença, a protagonista Ramatoulaye fala sobre o que sente com o Alcorão, demonstrando a sua fé ao se emocionar com o que diz o livro sagrado da sua religião:

E, a reconfortante leitura do Alcorão; palavras divinas, recomendações celestes, impressionantes promessas de castigo ou de deleites, exortação do bem, alerta contra o mal, exaltação da humildade, da fé. Os arrepios me percorrem. As minhas lágrimas escorrem e a minha voz se junta baixinha aos ‘Améns’ fervorosos que mobilizam o ardor da multidão, a cada versículo dito (BÂ, 1979b, p. 19)¹³².

Além dessas similaridades, tanto Ramatoulaye quanto Bâ tiveram a oportunidade de estudar, o que seria um diferencial para a época, pois as meninas não possuíam esse direito. Em uma entrevista, transcrita na obra de Ndiaye, Mariama Bâ afirmou: “Tive a sorte de frequentar a escola graças aos repetidos pedidos do meu pai que, nas suas férias, pedia aos meus avós que concedessem esse favor a ele. Eu fui a primeira a mudar o caminho. Desde então, primos e primos seguiram meus passos” (NDIAYE, 2007, p. 29)¹³³.

Esse é um ponto de contato da autora com a personagem, que também tem a oportunidade de frequentar o colégio. Ramatoulaye se lembra dos detalhes sobre o espaço físico do local em que estudou: “Nossa escola, recordemos juntas, verde, rosa, azul, amarela, verdadeiro arco-íris: verde, azul e amarelo, cores das flores que invadiam o pátio; rosa: cor dos dormitórios em que ficavam as camas impecavelmente arrumadas” (BÂ, 1979b, p. 37)¹³⁴.

No âmbito escolar, tanto Ramatoulaye quanto Bâ tiveram uma positiva influência da diretora do colégio que frequentavam:

Aïssatou, nunca esquecerei a mulher branca que foi a primeira a querer um destino ‘fora do comum’ para nós. [...] Nos tirar da estagnação das tradições, superstições e costumes; nos fazer

¹³¹ “En ces prières qui réglaient l’ordonnance des êtres et des choses, où Dieu parlait directement au cœur, résidait la force quasi exclusive de la foi de Mariama Bâ que plus rien n’arrivait à ébranler [...]”.

¹³² “Et monte, reconfortante la lecture du Coran; paroles divines, recommandations célestes, impressionnantes promesses de châtiement ou de délices, exhortations au bien, mise en garde contre le mal, exaltation de l’humilité, de la foi. Des frissons me parcourent. Mes larmes coulent et ma voix s’ajoute faiblement aux ‘Amen’ fervents qui mobilisent l’ardeur de la foule, à la chute de chaque verset”.

¹³³ “J’ai eu la chance de fréquenter l’école grâce aux instances répétées de mon père qui, à chacun de ses congés, priait mes grands-parents de lui accorder cette faveur. Je fus la première à changer de voie. Depuis, des cousins et cousines ont suivi mes pas”.

¹³⁴ “Notre école, revoyons-la ensemble, verte, rose, bleue, jaune, véritable arc-en-ciel: verte, bleue, et jaune, couleurs des fleurs qui envahissaient la cour; rose: couleur des dortoirs aux lits impeccablement dressés”.

apreciar várias civilizações sem renegar a nossa; elevar a nossa visão do mundo, cultivar a nossa personalidade, reforçar as nossas qualidades, reprimir as nossas falhas; fazer com que os valores da moralidade universal dessem frutos em nós; essa é a tarefa que a admirável diretora se propôs. A palavra 'amor' tinha uma ressonância especial nela. Ela nos amava sem paternalismo, com nossas tranças em pé ou dobradas, nossas *camisoles*, nossos *pagnes*. Ela sabia como descobrir e apreciar nossas qualidades. Como eu penso nela! Se sua memória resiste vitoriosamente à ingratidão do tempo, agora que as flores não mais estão tão perfumadas quanto antes, que o amadurecimento e o reflexo esvaziam os sonhos maravilhosos, é porque o caminho escolhido para a nossa formação e o nosso desenvolvimento não foi por acaso. Ele se encaixa nas opções profundas da Nova África para promover as mulheres negras (BÂ, 1979b, p. 37)¹³⁵.

Em uma entrevista, transcrita na biografia da vida de Bâ, realizada por Ndiaye, a autora de *"Une si longue lettre"* descreve:

Essa 'senhora branca' era Madame Germaine Le Goff, a admirável diretora que reinou sobre as letras e fascinou a juventude. 'Mulher impregnada de ternura e senso', Germaine Le Goff ajudara sua jovem aluna a tomar consciência da sua beleza negra. [...] ela a fez apreciar melhor o molde dado ao corpo pelo *pagne* africano [...] (NDIAYE, 2007, p. 38 - 39)¹³⁶.

Bâ acrescenta sobre a professora que: "Ela nutriu nosso amor pela África" (NDIAYE, 2007, p. 39)¹³⁷.

Pontos de contato podem ser inferidos observando-se as duas diretoras que acompanharam, por um percurso, Bâ e Ramatoulaye. Elas conscientizam as suas alunas sobre a beleza da mulher negra, ressaltam a cultura africana, quando falam sobre o uso do *"pagne"* e, ainda, nutrem na personagem e na escritora um sentimento

¹³⁵ "Aïssatou, je n'oublierai jamais la femme blanche qui, la première, a voulu pour nous un destin 'hors du commun'. [...] Nous sortir de l'enlissement des traditions, superstitions et mœurs; nous faire apprécier de multiples civilisations sans reniement de la nôtre; élever notre vision du monde, cultiver notre personnalité, renforcer nos qualités, mater nos défauts; faire fructifier en nous les valeurs de la morale universelle; voilà la tâche que s'était assignée l'admirable directrice. Le mot 'aimer' avait une résonance particulière en elle. Elle nous aimait sans paternalisme, avec nos tresses debout ou pliées, avec nos *camisoles*, nos *pagnes*. Elle sut découvrir et apprécier nos qualités. Comme je pense à elle! Si son souvenir résiste victorieusement à l'ingratitude du temps, à présent que les fleurs n'encensent plus aussi puissamment qu'autrefois, que le mûrissement et la réflexion dégarnissent les rêves du merveilleux, c'est que la voie choisie pour notre formation et notre épanouissement ne fut point hasard. Elle concorde avec les options profondes de l'Afrique nouvelle, pour promouvoir la femme noire".

¹³⁶ "Cette 'dame blanche', c'était madame Germaine Le Goff, 'l'admirable directrice' qui régnait sur les Lettres et fascinait la jeunesse. 'Femme pétrie de tendresse et de bons sens', Germaine Le Goff avait aidé sa jeune élève à prendre conscience de sa beauté en tant que négresse. [...] elle lui avait fait mieux apprécier le moule que donne au corps le *pagne* africain [...]".

¹³⁷ "Elle nourrissait notre amour pour l'Afrique".

de patriotismo. Talvez por isso, Bâ e a sua protagonista se lembrem com tanto carinho dessas mulheres marcantes nas suas vidas, de uma maneira tão semelhante.

“Foi lá, nos fermentos intelectuais onde ela convivia com tantas ideias, que o destino literário da futura escritora foi definitivamente selado” (NDIAYE, 2007, p. 40)¹³⁸. Desse modo, “*Cette dame blanche*”, assim denominada por Ndiaye, semeia alguns pensamentos colhidos pela autora Bâ, que ainda viriam, demonstrando a sua importância na vida dela - e uma aproximação com uma das suas personagens.

Um outro evento similar, passível de análise como um possível traço de autoficção, seria após o primeiro casamento de Mariama Bâ quando ela se separa. A autora conta em uma carta - gênero adotado também na sua obra - sobre os seus sentimentos e dores, por ser uma mulher separada, de como é vista e luta: “Eu me divorciei, mas continuei sofrendo [...]. Além disso, o meu problema foi aumentado pela pressão social, muito forte em direção à mulher divorciada [...]. Mas eu tinha que viver. Eu tinha escolhido lutar” (NDIAYE, 2007, p. 48)¹³⁹.

Na sua narrativa, além de Aïssatou separada de fato do marido, Ramatoulaye, por um período, “se sente” como uma mulher também divorciada, em razão de ter sido deixada por Modou, como já foi dito no capítulo anterior. Nesse tempo, a personagem necessita lidar com o seu sentimento de dor, sendo também malvista socialmente (quando recusa dois casamentos após ficar viúva) e precisa, do mesmo modo, lutar para se desvencilhar dessa condição (quando vai, por exemplo, ao cinema sozinha, ainda que tenham olhares que a condenem por realizar tal ação): “Eu me livrava da minha timidez para enfrentar as salas de cinemas sozinha [...] Eu media, pelos olhares espantados, a insuficiência da liberdade concedida à mulher” (BÂ, 1979b, p. 99)¹⁴⁰.

Do mesmo modo que Bâ, Ramatoulaye também vive no passado, o momento de independência do Senegal. A protagonista comenta sobre esse momento ser um:

Privilégio da nossa geração, ponte entre dois períodos históricos, de dominação, outro, de independência. [...] Com a Independência conquistada, assistíamos a eclosão de uma República, o nascimento de um hino e a implantação de uma bandeira (BÂ, 1979b, p. 53)¹⁴¹.

¹³⁸ “C’est là, dans les ferments intellectuels où elle côtoyait tant d’idées, que se scella définitivement le destin littéraire du futur écrivain”.

¹³⁹ “J’avais divorcé mais je continuais de souffrir [...] De surcroît, mon problème se trouvait accru par la pression sociale, trop vive à l’endroit de la femme divorcée [...] Mais je devais vivre. J’avais choisi de lutter”.

¹⁴⁰ “Je me débarrassais de ma timidité pour affronter seule les salles de cinéma [...] Je mesurais, aux regards étonnés, la minceur de la liberté accordée à la femme”.

¹⁴¹ “Privilège de notre génération, charnière entre deux périodes historiques, l’une de domination, l’autre d’indépendance. [...] L’indépendance acquise, nous assistions à l’éclosion d’une République, à la naissance d’un hymne et à l’implantation d’un drapeau”.

Do mesmo modo, Bâ tem a oportunidade de ver independente o Senegal: “o mito da independência se espalhou como rastro de pólvora pelo continente [...] Os gritos pediam mais liberdade e, depois, a Liberdade. Novas relações eram exigidas. O vento havia mudado com a onda nacionalista que inflamava a juventude” (NDIAYE, 2007, p. 53)¹⁴².

Segundo Ndiaye (2007), Mariama Bâ, nesse período, posiciona-se como feminista e denuncia a disparidade de níveis de chance, salário, carreira, legislação, maternidade, violência, dentre outros aspectos no tocante à mulher nessa sociedade:

A mulher deve se esforçar para pensar fora da caixa e das crenças milenares em que moldamos o nosso destino. Submissão, restrição, renúncia não são critérios de respeito aos valores tradicionais. Para não ser mais um objeto utilizado, mantido, manipulado e rejeitado, a mulher deve se libertar pela consciência do seu valor, dos seus valores: retornar às fontes profundas de valores universais, com certeza, mas assumir o seu próprio destino no destino nacional, e se inserir, pelo trabalho, no circuito econômico (NDIAYE, 2007, p. 162 - 163)¹⁴³.

Tal aspecto também é abordado na sua obra ficcional, na seguinte fala de Ramatoulaye:

‘Em muitos domínios e sem tensões, nós nos beneficiamos das conquistas não insignificantes vindas de fora, das concessões tiradas das lições da História. Temos direito, o mesmo que o de vocês, à instrução, que pode ser estendida até os limites das nossas possibilidades intelectuais. Temos direito ao trabalho atribuído de forma imparcial e justamente remunerado. O direito de voto é uma arma séria. E agora foi promulgado o Código da família, que restitui, à mais humilde das mulheres, sua dignidade, tantas vezes ignorada. Mas, Daouda, as restrições permanecem; mas Daouda, os velhos conhecimentos renascem; mas Daouda, o egoísmo emerge, o ceticismo desponta quando se trata do domínio político. Caça reservada, com raiva e grunhidos. ‘Quase vinte anos de independência! [...] (BÂ, 1979b, p. 115)¹⁴⁴.

¹⁴² “[...] le mythe de l’indépendance se répandait comme une traînée de poudre à travers le continent [...] Les cris réclamaient plus de libéré, puis la Liberté. De nouveaux rapports étaient exigés. Le vent avait tourné avec la vague nationaliste qui embrasait la jeunesse”.

¹⁴³ “La femme doit s’efforce de sortir des sentiers battus et des creusets millénaires où l’on moule notre destin. Soumission, contrainte, renoncement ne son pas des critères de respect des valeurs traditionnelles. Pour ne plus être un objet utilisé, entretenu, manipulé et rejeté, la femme doit s’affranchir par une prise de conscience de sa valeur, de ses valeurs : retour aux sources profondes des valeurs universelles certes, mais prise en charge de sa destinée propre dans le destin national, insertion par le travail dans le circuit économique”.

¹⁴⁴ “Dans maints domaines et sans tiraillement, nous bénéficions de l’acquis non négligeable venu d’ailleurs, de concessions arrachées aux leçons de l’Histoire. Nous avons droit, autant que vous, à l’instruction qui peut être poussée jusqu’à la limite de nos possibilités intellectuelles. Nous avons droit

Como mãe, Bâ, segundo Ndiaye (2007), cumpria muito bem o seu papel, tendo uma estima enorme pelos filhos, o que era recíproco: “Ela tinha como dom, uma generosidade incalculável. [...] ela era capaz de tudo dar e dava inteiramente o que havia de melhor nela. Ao ganhar a estima dos seus filhos, nós invariavelmente ganhamos a da mãe” (NDIAYE, 2007, p. 70)¹⁴⁵.

Do mesmo jeito, Ramatoulaye é também uma mãe atenciosa que ouve os seus filhos e os aconselha. A protagonista da narrativa aqui analisada, sobre o sentimento de ser mãe, afirma:

[...] somos mãe para compreender o inexplicável. Somos mãe para iluminar as trevas. Somos mães para acalantar, quando os relâmpagos riscam a noite, quando o trovão viola a terra, quando a lama afunda. Somos mães para amar sem começo nem fim (BÂ, 1979b, p. 153)¹⁴⁶.

O amor de Bâ não se restringe somente à sua família, uma vez que ela aceitou o marido de Ndiaye (2007, p. 77) como o seu próprio filho: “Ela me ajudou principalmente, aceitando o meu marido, de imediato, como seu próprio filho”¹⁴⁷. Isso também acontece com a maneira como Ramatoulaye acolhe e trata Abdou, marido de Daba, e Ibrahima Sall, seus genros: “Ibrahima Sall, imperturbável, tenta se adaptar. Procura minha companhia, discute atualidades comigo, me dá as vezes jornais e frutas” (BÂ, 1979b, p. 160)¹⁴⁸.

Uma outra questão relevante nessa discussão, é o fato de que Bâ é adversa à poligamia. Apesar de em nenhum dos seus três matrimônios ela ter vivido um casamento poligâmico, a escritora se manifesta claramente como opositora a essa condição, denunciando essa questão religiosa: “‘A luta pela nossa promoção deve inevitavelmente passar pela luta contra a poligamia’. Um procedimento sem alternativa

au travail impartialement attribué et justement rémunéré. Le droit de vote est une arme sérieuse. Et voilà que l'on a promulgué le Code de la famille, qui restitue, à la plus humble des femmes, sa dignité combien de fois bafouée. Mais, Daouda, les restrictions demeurent; mais Daouda, les vieilles croyances renaissent; mais Daouda, l'égoïsme émerge, le scepticisme pointe quand il s'agit du domaine politique. Chasse gardée, avec rogne et grogne. 'Presque vingt ans d'indépendance! [...]'.

¹⁴⁵ *"Elle recelait des dons de générosité incalculable [...] elle était capable de tout doneer, et donnait entièrement ce qu'elle avait de meilleur en elle. En gagnant l'estime de ses enfants, on gagnait immaquablement celle de la mère".*

¹⁴⁶ *"[...] on est mère pour comprendre l'inexplicable. On est mère pour illuminer les ténèbres. On est mère pour couvrir, quand les éclairs zèbrent la nuit, quand le tonnerre viole la terre, quand la boue enlise. On est mère pour aimer, sans commencement ni fin".*

¹⁴⁷ *"Elle m'avait d'autant plus aidée en acceptant d'emblée mon mari comme son propre fils."*

¹⁴⁸ *"Ibrahima Sall, imperturbable, essaie de s'adapter. Il recherche ma compagnie, discute actualités avec moi, m'apporte parfois des journaux et des fruits".*

para denunciar, sob esse falso requisito religioso, a distorção do princípio corânico no assunto” (NDIAYE, 2007, p. 123)¹⁴⁹.

Do mesmo modo, Ramatoulaye sofre por Modou ter escolhido um casamento poligâmico e, ainda ser, nesse caso específico, rechaçada pelo marido. Posteriormente, ao não aceitar se casar novamente com um antigo pretendente, a protagonista justifica a sua opção ao recusar o pedido. Nesse caso, ela seria a segunda esposa dele e Ramatoulaye não iria permitir que tal fato ocorresse:

E depois, a existência da sua mulher e dos seus filhos complicam mais a situação. Abandonada ontem, por causa de uma mulher, eu não posso me introduzir alegremente entre você e a sua família. Você acredita que é simples o problema da poligamia. Aqueles que o vivem conhecem restrições, mentiras, injustiças que pesam na sua consciência para a alegria efêmera de uma mudança (NDIAYE, 2007, p. 74)¹⁵⁰.

Quanto ao sentimento de Bâ sobre Ramatoulaye, Ndiaye (2007) declara que a autora de *“Une si longue lettre”*:

De sua heroína, ela apreciava sobretudo uma qualidade que nunca fora o seu ponto forte. Ela, para quem a vida parecia ter dado essa graça de realizar quase sempre e imediatamente os seus desejos, aprender a apostar no objetivo do tempo, que, muitas vezes, pode amenizar as dificuldades (NDIAYE, 2007, p. 152)¹⁵¹.

A filha de Bâ ainda afirma que: “[...] todos concordam que ela tinha a mesma concepção de dever que a sua heroína, a sua percepção do casal, a sua nobreza de caráter, o tão aguçado senso de amizade que ela celebrou toda a sua vida” (NDIAYE, 2007, p. 153)¹⁵².

Mesmo existindo tantas aproximações entre os fatos da vida de Bâ e da obra aqui estudada, a própria autora recusa empregar a terminologia autobiográfica para uma análise da sua narrativa. Além disso, *“Une si longue lettre”* não se pauta de maneira linear, ou seja, “do início ao fim” da vida de Bâ, propriamente. O que existe

¹⁴⁹ “La lutte pour notre promotion doit inéluctablement passer par la lutte contre la polygamie”. Une démarche sans alternative pour dénoncer, sous cette fausse exigence religieuse, l’entorse qu’on faisait au principe coranique en la matière”.

¹⁵⁰ “Et puis, l’existence de ta femme et de tes enfants complique encore la situation. Abandonnée hier, par le fait d’une femme, je ne peux allègrement m’introduire entre toi et ta famille. Tu crois simple le problème polygamique. Ceux qui s’y meuvent connaissent des contraintes, des mensonges, des injustices qui alourdissent leur conscience pour la joie éphémère d’un changement”.

¹⁵¹ “De son héroïne, elle appréciait surtout une qualité qui n’avait jamais été son fort. Elle à qui la vie semblait avoir donné cette grâce de combler presque toujours et tout de suite ses désirs, avait appris à miser sur l’objectif du temps qui sait aplanir bien souvent les difficultés”.

¹⁵² “[...] tout s’accordent à dire qu’elle avait la même conception du devoir que son héroïne, sa perception du couple, sa noblesse de caractère, le sens aussi aigu de l’amitié qu’elle célébra tout sa vie”.

são aspectos que podem admitir a acepção, em certa medida, de proximidade de eventos da vida da autora, com alguns também vivenciados por Ramatoulaye.

Contudo, podem ser verificados pontos de contato da autora com aspectos abordados em “*Une si longue lettre*”, em compasso com a protagonista, Ramatoulaye. Conforme dito no tópico anterior, a autoficção poderia “dar conta” de uma classificação para esses aspectos convergentes, uma vez que são inspirações de eventos da vida pessoal da autora que são ficcionalizados. Os acontecimentos semelhantes, assim, não deveriam ser tomados como acontecimentos verídicos, propriamente, mas como representações, na ficção, de alguns fatos.

2.3 *Les allés d'un destin*: a ficção em compasso com a realidade

Mesmo que diversos aspectos se assemelhem, na ficção escrita por Bâ com a vida dela, tanto Bâ quanto Ndiaye negam a presença de uma autobiografia em “*Une si longue lettre*”.

Na introdução à entrevista com Bâ, é revelada a questão autobiográfica na tradução de “*Une si longue lettre*” em alemão. A autora recusa o que é inscrito na obra traduzida: “Mais ofensivos para Mariama Bâ foram os comentários banais e imprecisos na capa, afirmando que o livro era autobiográfico, algo que ela havia negado repetidamente em entrevistas” (BÂ, 1981, p. 01)¹⁵³.

Sobre essa classificação dada de autobiografia para a obra, a sua filha Ndiaye a atribui a uma suposição da imprensa, que a qualificou assim e alguns dos seus leitores aproveitaram do não dito ou não defendido por Bâ, para inferir que alguns aspectos se pautavam na vida da autora:

De qualquer forma, a imprensa, que faz e desfaz os mitos, [...] deu o tom, qualificando o livro como autobiográfico. Atrás dela, o boato se amplificou por sua conta. Atribuíram-lhe uma coesposa, quando ela nunca teve a experiência da poligamia. Uma certa lenda pretendia que ela fosse viúva, pelo menos uma vez. Mas, todos os seus cônjuges sobreviveram. Ela foi retratada como liberal no que havia mostrado ser mais conservadora. Para piorar a situação, aqueles que a tinham conhecido começaram a mal interpretá-la. Perdiam-se em conjecturas, aproveitando-se dos seus silêncios, nas histórias mais improváveis, feitas das reviravoltas mais erráticas. Ter se calado por pudor pela sua família, não adiantou nada, dando, por isso mesmo, credibilidade aos

¹⁵³ “More offensive to Mariama Bâ, were the banal and inaccurate remarks on the cover, stating that the book was autobiographical, something she had repeatedly denied in interviews”.

boatos. 'Quem cala consente', diz o ditado popular (NDIAYE, 2007, p. 131)¹⁵⁴.

Ainda no sentido de rejeição terminológica, Bâ reconhece a força de Ramatoulaye, mas afirma que a sua vida é mais complexa do que a criada para a sua personagem: "Não tenho nem a grandeza da alma, nem as qualidades de Ramatoulaye e minha vida é muito mais densa, muito mais dramática nas aventuras do que a da minha heroína" (NDIAYE, 2007, p. 131)¹⁵⁵.

A filha de Mariama Bâ afirma que se fosse para realmente realizar uma comparação, a mãe teria um comportamento mais pautado em Aïssatou do que em Ramatoulaye, propriamente: "Nisso, ela estava mais próxima de Aïssatou, cujo caráter decidido correspondia mais ao seu temperamento, que a triste resignação de Ramatoulaye" (NDIAYE, 2007, p. 149)¹⁵⁶.

De fato, em "*Une si longue lettre*", Aïssatou se mostra como uma mulher forte que, como já mencionado em capítulo anterior, separa-se e leva os seus filhos para longe, refazendo a sua vida nos Estados Unidos.

E você partiu. Teve a surpreendente coragem de se assumir. Você alugou uma casa e nela se instalou. E, em vez de olhar para trás, você encarou o seu futuro obstinadamente. Você atribuiu a si mesma um objetivo difícil; e mais do que minha presença, meu incentivo, os livros te salvaram. Tornaram-se o seu refúgio, o seu apoio. [...] Eles permitiram que você se alçasse. O que a sociedade lhe recusou, eles lhe concederam: os exames passados com sucesso te levaram também à França. A Escola de Interpretação, de onde você saiu, permitiu a sua nomeação para a Embaixada do Senegal nos Estados Unidos. Você ganha a sua vida amplamente. Você evoluiu na quietude, como as suas cartas me dizem, resolutamente desviada dos que buscam alegrias efêmeras e ligações fáceis (BÂ, 1979b, p. 66)¹⁵⁷.

¹⁵⁴ "En tout cas, la presse, celle qui élabore et défait les mythes [...] en avait donné le ton en qualifiant le livre d'autobiographique. Et derrière elle, la rumeur s'était amplifiée sur son compte. On lui prêta une coépouse alors qu'elle n'avait jamais fait l'expérience de la polygamie. Une certaine légende la voulait veuve, au moins une fois. Or ses conjoints lui avaient tout survécu. On l'avait dépeinte libérée là où elle s'était montrée la plus conservatrice. Et pour comble, ceux qui l'avaient connue se mettaient à mal la connaître. On se perdait en conjecture, tirant parti de ses silences, dans les histoires les plus invraisemblables, faites de rebondissements les plus erratique. Pour s'être tue par pudeur pour sa famille, elle n'avait rien arrangé donnât par-là même crédit à la rumeur 'Qui ne dit mot consent', dit l'adage populaire".

¹⁵⁵ "Je n'ai ni la grandeur d'âme, ni les qualités de Ramatoulaye et ma vie est beaucoup plus dense, beaucoup plus dramatique en péripéties que celle de mon héroïne".

¹⁵⁶ "En cela, elle était plus proche d'Aïssatou dont le caractère décidé répondait mieux à son tempérament que de la triste résignation de Ramatoulaye".

¹⁵⁷ "Et tu partis. Tu eus le surprenant courage de t'assumer. Tu louas une maison et t'y installas. Et, au lieu de regarder en arrière, tu fixas l'avenir obstinément. Tu t'assignas un but difficile; et plus que ma présence, mes encouragements, les livres te sauvèrent. Devenus ton refuge, ils te soutinrent. [...] Ils te permirent de te hisser. Ce que la société te refusait, ils te l'accordèrent: des examens passés avec

Um aspecto que daí se pode depreender de um ponto de contato entre Aïssatou e Bâ é em relação à separação, acontecimento que as duas experimentam. Aïssatou demonstra coragem ao sair de casa com os filhos, o que ocorre com Bâ por duas vezes. De forma semelhante, as duas resolvem se divorciar por não se resignarem ao que é imposto no matrimônio e resolvem sair de uma condição conjugal já insustentável.

Ndiaye (2007) não acredita que Bâ se baseie em Ramatoulaye para a escrita da protagonista, mas parece crer que o embasamento é mais pautado nas mulheres com quem a autora conviveu:

Na realidade, as mulheres que gravitavam ao seu redor nem sempre eram as mais íntimas. Elas procuraram sua companhia por várias razões, principalmente as jovens a quem ela prestava ajuda e conselhos sobre os seus problemas pessoais e que são muito marcadas por isso até hoje (NDIAYE, 2007, p. 149)¹⁵⁸.

Segundo Ndiaye, se houver necessidade de comparar Ramatoulaye com alguém, na vida real, que seja com a irmã de Bâ, que ficou viúva e serviu de inspiração para a construção de Ramatoulaye e em relação a esses aspectos: “A experiência de viuvez da irmã a influenciou bastante no estudo do seu primeiro romance” (NDIAYE, 2007, p. 155)¹⁵⁹.

Uma outra representação de um acontecimento com a sua família e não com Bâ, propriamente, foi a questão da poligamia. Essa temática a incomodava desde a sua infância, quando via a sua avó sofrer em um casamento poligâmico: “Contudo, nessas boas famílias poligâmicas, excelentes caldos de cultura para os problemas do coração, cada um também tinha as suas tristezas, sua parcela de ressentimento e amargura, sem falar do terrível sentimento atribuível ao ciúme” (NDIAYE, 2007, p. 22)¹⁶⁰.

succès te menèrent toi aussi, en France. L'École d'interprétariat, d'où tu sortis, permit ta nomination à l'Ambassade du Sénégal aux États-Unis. Tu gagnes largement ta vie. Tu évolues dans la quiétude, comme tes lettres me le disent, résolument détournée des chercheurs de joies éphémères et de liaisons faciles".

¹⁵⁸ “En réalité, les femmes qui gravitaient autour d'elle n'étaient pas toujours les plus intimes. Elles recherchaient sa compagnie pour diverses raisons, surtout les jeunes à qui elle prodiguait aide et conseils dans leurs problèmes personnelles, et qui en étaient fortement marqués jusqu'à aujourd'hui".

¹⁵⁹ "L'expérience du veuvage de la soeur l'a beaucoup influencée dans l'étude de son premier roman".

¹⁶⁰ "Pourtant dans ces bonnes familles polygames, excellents bouillons de culture pour les problèmes de coeur, chacun avait aussi ses peines, son lot de ressentiment et d'amertume, sans parler du terrible sentiment imputable à la jalousie".

Nesse mesmo viés comparativo, a filha de Mariama Bâ declara que ela também teve grande influência de duas amigas na temática relativa à poligamia:

No entanto, o livro que ela pensava no início não tinha nada a ver com a sua vida pessoal. Une si longue lettre nasceu por acaso das confidências de duas senegalesas, amigas da autora. [...] Esses dois casos não eram exemplos isolados para Mariama Bâ. Ela constatou assim, ao mesmo tempo, a que ponto a poligamia tomava amplitude, causando desastres irreversíveis, apesar da mudança de contexto que justificava a sua existência, o que a desconcertou seriamente. A ponto de se tornar o tema de dois livros ambiciosos sobre mulheres (NDIAYE, 2007, p. 157-158)¹⁶¹.

Nesse sentido, para Ndiaye, a obra *“Une si longue lettre”* não reflete as questões particulares de Bâ, mas uma pluralidade de outras vozes representativas das mulheres da família, das suas amigas e outras vozes femininas, que reverberam na sociedade vivida pela autora e precisavam, de algum modo, ganhar força. A forma que Bâ encontrou para exprimi-la, seria, portanto, pelo viés da escrita.

Segundo Ndiaye, Bâ reconstrói a sociedade na obra e escreve um livro sobre as mulheres: “Ela se dedicou ao que se tornaria todo o seu trabalho. [...] Seja o que for, as lições foram tiradas por quem deveria, no seu próprio estilo, incorporar a luta das mulheres” (NDIAYE, 2007, p. 51)¹⁶².

A obra de Mariama Bâ, portanto, pode ser considerada como uma ficção dos aspectos sociais observados por ela no Senegal e são abordados na sua narrativa, sendo uma porta-voz de múltiplas vozes femininas que ganham um espaço de representação para a discussão de temas que ainda necessitam ser debatidos, quanto aos seus anseios, aos seus sentimentos e às suas realidades vivenciadas pelas mulheres nesse contexto narrativo.

Ponderando um compasso da autora com a personagem, Ndiaye (2007, p. 157) afirma que: “O grande mérito de Mariama Bâ é ter se colocado no centro desse romance, ter coabitado com heroína, cedendo até às tentações da biografia”¹⁶³.

¹⁶¹ “Pourtant le livre auquel elle pensait au départ n’avait rien à voir avec sa vie personnelle. Une si longue lettre était né fortuitement des confidences de deux sénégalaises, amies de l’auteur [...] Ces deux cas n’étaient pas des exemples isolés pour Mariama Bâ. Ainsi constatait-elle dans le même temps à quel point la polygamie prenait de l’ampleur, occasionnant des désastres irréversibles, en dépit du changement de contexte qui justifiait son existence, ce qui la déconcerta sérieusement. Au point de devenir la thématique de deux livre ambitieux sur les femmes”.

¹⁶² “Elle était vouée à ce qui allait devenir toute son oeuvre. [...] Quoi qu’il en fût, les enseignements étaient tirés par celle qui devait, dans son propre style, incarner le combat des femmes”.

¹⁶³ “Le grand mérite de Mariama Bâ, c’est d’être placée au coeur de ce roman, d’avoir cohabité avec l’héroïne jusqu’à céder aux tentations de la biographie”.

Desse modo, para Ndiaye, em razão de Bâ ter se empenhado muito na escrita da sua obra, ela não realizou, portanto, uma autobiografia.

Contudo, mesmo que exista essa crença tanto da filha quanto da mãe, pode-se analisar que “*Une si longue lettre*” possui muitos pontos de contato relevantes e podem ser abordados como aspectos da vida de Bâ, classificados como ficcionalizados.

Assim, diante de todas as contraposições e aproximações entre a vida e a obra da autora, cabe à recepção (ao leitor) inferir se o texto poderia ser ou não classificado como autoficcional e pressupor, ainda, outros pontos de contatos existentes de aspectos ocorridos com Bâ e ficcionalizados em “*Une si longue lettre*”.

CAPÍTULO 3: MEMÓRIA X IDENTIDADE NA OBRA “*UNE SI LONGUE LETTRE*” DE MARIAMA BÂ

A escrita de si tem o poder de elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de totalidade (ARAÚJO, 2011, p. 362).

Este capítulo aborda a longa carta escrita por Ramatoulaye à amiga Aïssatou e ressalta a importância da escolha epistolar no desencadeamento das memórias da personagem principal. A análise contempla, ainda, as reflexões de Ramatoulaye a partir das suas reminiscências e como elas contribuem para a construção identitária da protagonista.

3.1 A escolha epistolar memorialística como manobra narrativa em “*Une si longue lettre*”

Este tópico aborda a longa carta escrita por Ramatoulaye como escolha narrativa adotada em “*Une si longue lettre*” e a importância disso para a recuperação da memória, bem como o processo de formação da identidade da personagem principal.

A utilização das cartas permeou, de certo modo, a história da escrita. A comunicação com o outro, utilizando-se a grafia para se expressar, é marcante também na literatura:

A história das ficções construídas através de cartas se confunde com a própria história de formação da literatura. Assim, revisitar essa história é rever como o desenvolvimento de novos suportes, novos gêneros e novas técnicas narrativas influenciaram, de forma significativa, os rumos das criações literárias (OLIVEIRA, 2020, p. 15).

Joanita Baú de Oliveira (2020), na sua tese, faz um percurso histórico da utilização da escrita epistolar. A autora afirma que os primeiros textos literários usando a correspondência como escolha narrativa, deram-se no Império Romano, passando pela Idade Média. Assim, “a prática de simular a troca de mensagens para criação literária atingiu seu auge [...] por volta dos anos de 1740, costuma-se falar em uma ‘*épidémie épistolaire*’” (OLIVEIRA, 2020, p. 16).

Oliveira (2020) menciona que essa prática na literatura não foi tão comum no Romantismo (em decorrência de outras escolhas narrativas, como o monólogo ou o narrador em terceira pessoa), nem no Realismo (pela utilização dos narradores oniscientes). Para a autora, no século XX, com a facilidade de comunicação, houve

um distanciamento da forma tradicional de escrita, o que se refletiu também na literatura. No século XXI, renova-se a escrita epistolar, com e-mails e outras trocas de mensagens, de forma digital, chegando ao que a autora denomina como e-pistolar - “que recuperam a forma própria do romance epistolar, mediante a incorporação de cartas, bilhetes, diários e outros gêneros da escrita de si, para construir narrativas” (OLIVEIRA, 2020, p. 21).

Nesse sentido, pode-se observar a importância da escrita epistolar, que aparece constantemente na literatura, com representação expressiva em muitos períodos literários. Na obra “*Une si longue lettre*”, a carta é essencial, pois é a manobra narrativa escolhida para contar a história de Ramatoulaye e, em muitos momentos, é empregada para a explicação de outros eventos da narrativa, que serão analisados a seguir.

O romance epistolar é marcado pelo envio de cartas e pelas respostas trocadas, e tem na correspondência pessoal, empregada na literatura, uma forma de evidenciar ao leitor o eu do personagem que se pretende apresentar na narrativa, uma vez que:

A correspondência pessoal, assim como outras formas de escrita de si, expande-se [...] com a afirmação do valor do indivíduo e a construção de novos códigos de relações sociais de intimidade. Tais códigos permitem uma espontaneidade das formas de expressão dos sentimentos como a amizade e amor [...] A escrita de cartas expressa de forma emblemática tais características, com uma articularidade: elas são produzidas tendo, *a priori*, um destinatário. Assim, tal como outras práticas de escrita de si, a correspondência constitui, simultaneamente, o sujeito e seu texto. Mas, diferentemente das demais, a correspondência tem um destinatário específico com quem vai estabelecer relações. Ela implica uma interlocução, uma troca, sendo um jogo interpretativo entre quem escreve e quem lê - sujeitos que se revezam, ocupando os mesmos papéis através do tempo. Escrever cartas é assim ‘dar-se a ver’, é mostrar-se ao destinatário, que está ao mesmo tempo sendo ‘visto’ pelo remetente, o que permite um tête-à-tête, uma forma de presença (física, inclusive) muito especial (GOMES, 2004, p. 19).

De certo modo, a escolha por contar o enredo pelas cartas é um recurso adotado para estreitar os laços, cujo conteúdo, a exemplo dessas narrativas, será exposto ao destinatário e ao leitor. No caso de “*Une si longue lettre*”, Ramatoulaye escreve uma longa carta para Aïssatou, mas não sabemos, em contrapartida, qual será a reação ou a resposta da amiga ao receber a correspondência. Logo, o único a tomar conhecimento do conteúdo abordado é o leitor, que se faz interlocutor da protagonista e conhece, a partir do que é escrito, a história da personagem principal.

De acordo com Harouche-Bouzinac (2016), sobre o conteúdo da carta que o leitor toma conhecimento:

O romance epistolar, por menos que seja escrito e refletido com naturalidade, provoca uma ilusão, porque nos dá a impressão de conversar com a personagem que vos dirige tudo o que diz: ela vos convoca a refletir com ela, a mergulhar em vós mesmo, a sofrer com as fraquezas dela; a vos manter a salvo de vossas próprias fraquezas, pela obrigação que dais às confissões que ela parece fazer à sua revelia; ela vos persegue, interroga-vos, pede-vos conselhos; ao vos confiar as perturbações de seu coração, ela vos comove, ensina-vos a desconfiar das paixões que vos agitam; mas se ela torna pessoal o desespero, faz-vos partilhar deliciosamente sua felicidade, e desperta o vosso interesse por [tais sentimentos] os sentimentos como se fossem vossos (HAROUCHE-BOUZINAC, 2016, p. 209-210).

Infere-se, portanto, que há uma busca por revelar o enredo para o leitor. Assim, ele passa a conhecer a protagonista, de maneira mais próxima, fazendo parte da história dela. O leitor, então, torna-se a personificação do interlocutor e passa a ocupar a posição do remetente ausente da carta escrita por Ramatoulaye.

Nessa perspectiva, a narradora em primeira pessoa contextualiza muitas partes da narrativa, para que o leitor consiga entender o motivo pelo qual aquilo se realizará, como, por exemplo, na chegada de Aïssatou, que se encontrará com Ramatoulaye no final da obra: “Por que os seus filhos não a acompanharão? Ah! os estudos...”¹⁶⁴ (BÂ, 1979b, p. 165). Provavelmente, quando se escreve para alguém, quem o faz não realiza a pergunta e dá a resposta no mesmo parágrafo, demonstrando-se, assim, o que foi supracitado quanto à explicação para o leitor do que foi dito, não propriamente para Aïssatou, necessariamente.

Ramatoulaye parece, em certo momento, até mesmo justificar o motivo pelo qual ela realiza esse percurso de escolha memorialística, que contempla desde o casamento dela com Modou, passa pelo novo matrimônio e morte dele, até o casamento fracassado de Aïssatou:

Contei ao mesmo tempo a minha história e a sua. Disse o essencial, pois a dor, ainda que antiga, faz as mesmas lacerações no indivíduo quando lembrada. A sua decepção foi a minha assim como o meu renegar foi o seu. Desculpe-me mais uma vez se eu remexi a sua ferida. A minha ainda sangra (BÂ, 1979b, p. 105)¹⁶⁵.

¹⁶⁴ “Pourquoi tes fils ne t’accompagneront-ils pas? Ah! les études...”.

¹⁶⁵ “J’ai raconté d’un trait ton histoire et la mienne. J’ai dit l’essentiel, car la douleur, même ancienne, fait les mêmes lacérations dans l’individu, quand on l’évoque. Ta déception fut la mienne comme mon reniement fut le tien. Pardonne-moi encore si j’ai remué ta plaie. La mienne saigne toujours”.

Isso ocorre em diversos outros momentos da narrativa, quando Ramatoulaye, por exemplo, transcreve na íntegra a carta de despedida matrimonial escrita de Aïssatou para o marido Mawdo. Relembrar o conteúdo escrito seria o que, possivelmente, o destinatário faria, mas a transcrição total aparenta ser uma forma de dar ciência ao leitor para saber o que ocorreu. Assim, os sentimentos de Aïssatou de indignação pelo marido contrair um segundo casamento estão ali registrados e conhecidos, com a ressalva do fato de ela tê-lo deixado, detalhe que precisa ser, naquele momento, explicado ao leitor.

Dentro da narrativa, portanto, existem algumas menções a outras cartas:

Ramatoulaye transcreve a sua história [...] no seu apoio, o seu caderno. Em segundo lugar, ela responde à proposta de casamento de Daouda Dieng em uma carta. Em terceiro, Aïssatou informa à Mawdo que ela o está deixando, em uma carta. Quarto, Aïssatou também escreve para Ramatoulaye, mas as suas cartas não estão representadas no texto (LARRIER, 1991, p. 752)¹⁶⁶.

Ademais, além da carta já brevemente analisada, a narrativa se inicia com a menção de Ramatoulaye a uma carta por ela recebida da sua melhor amiga:

Aïssatou,
Recebi a sua carta. A guisa de resposta, eu abro este caderno, ponto de apoio no meu desespero: nossa longa prática me ensinou que a confiança afoga a dor (BÂ, 1979b, p. 11)¹⁶⁷.

O modo como é iniciada a narrativa sinaliza ao leitor que se trata de uma carta, uma vez que se começa pelo vocativo, com o nome do destinatário (informação necessária, pois o leitor precisa entender para quem será destinada a carta e se observa aí o tipo textual que será realizado). Posteriormente, em primeira pessoa (característica também dessa tipologia de texto) - o que é mantido em toda narrativa - a personagem principal informa após receber a carta da amiga, que responderá em um caderno. Esse detalhe demonstra que não será uma carta pequena, mas algo longo, não escrito em uma folha solta, como seria usual.

No trecho inicial da narrativa, outro importante fator é exposto ao leitor: a marca da amizade de anos entre as duas. Quando Ramatoulaye menciona a frase “nossa

¹⁶⁶ “Ramatoulaye transcribes her story [...] in her “point d’appui,” her “cahier”. Second, she responds to Daouda Dieng’s proposal of marriage in a letter. Third, Aïssatou informs Mawdo that she is leaving him, in a letter. Fourth, Aïssatou also writes to Ramatoulaye, but her letters are not represented in the text”.

¹⁶⁷ Aïssatou, J’ai reçu ton mot. En guise de réponse, j’ouvre ce cahier, point d’appui dans mon désarroi: notre longue pratique m’a enseigné que la confiance noie la douleur”.

longa prática me ensinou”, transparece um estreitamento de laços, reafirmado ao leitor ao final da frase, uma vez que a protagonista defende que a “confiança afoga a dor”. Nesse pequeno trecho se dá a entender a relação de amizade estabelecida entre a remetente e a destinatária.

Faz-se mister também destacar que a carta de Aïssatou, a qual Ramatoulaye disse que responderá, não é transcrita na história, tampouco há alusão a ela durante a nova e longa carta escrita pela personagem principal.

A terceira menção a uma carta é a resposta de Ramatoulaye sobre o casamento com o pretendente Daouda,

*‘Daouda,
Você persegue uma esposa que permaneceu a mesma, Daouda, apesar do intenso estrago do sofrimento.
Você que me amou, você que ainda me ama, não duvido -, tente me compreender. Eu não possuo a elasticidade de consciência necessária para aceitar ser a sua esposa enquanto só a estimo, justificada por suas numerosas qualidades, que me aproximam de você.
Eu não posso oferecer nada mais e você merece tudo. A estima não pode justificar uma vida conjugal da qual conheço todas as armadilhas pela minha própria experiência.
E depois, a existência da sua mulher e dos seus filhos complica ainda mais a situação. Abandonada ontem, por causa de uma mulher, eu não posso me introduzir alegremente entre você e a sua família.
Você acredita que é simples o problema da poligamia. Quem nele se encontra conhece as restrições, mentiras, injustiças que pesam na sua consciência para a alegria efêmera de uma mudança. Estou certa de que o amor é que o move, um amor que existiu bem antes do seu casamento e que o destino não cumpriu.
É com uma tristeza infinita e lágrima nos olhos que ofereço minha amizade. Aceite-a, querido Daouda. É com prazer que te acolho na minha casa.
Até breve, não é?
Ramatoulaye’ (BÂ, 1979b, p. 127 - 128)¹⁶⁸.*

¹⁶⁸ “Daouda,

*Tu poursuis une femme qui est restée la même, Daouda, malgré les ravages intenses de la souffrance. Toi qui m’as aimée, toi qui m’aimes encore – je n’en doute pas –, essaie de me comprendre. Je n’ai pas l’élasticité de conscience nécessaire pour accepter d’être ton épouse alors que seule l’estime, justifiée par tes nombreuses qualités, me tend vers toi. Je ne peux t’offrir rien d’autre, alors que tu mérites tout. L’estime ne peut justifier une vie conjugale dont je connais tous les pièges pour avoir fait ma propre expérience. Et puis, l’existence de ta femme et de tes enfants complique encore la situation. Abandonnée hier, par le fait d’une femme, je ne peux allègrement m’introduire entre toi et ta famille. Tu crois simple le problème polygamique. Ceux qui s’y meuvent connaissent des contraintes, des mensonges, des injustices qui alourdissent leur conscience pour la joie éphémère d’un changement. Je suis sûr que l’amour est ton mobile, un amour qui exista bien avant ton mariage et que le destin n’a pas comblé. C’est avec une tristesse infinie et des larmes aux yeux que je t’offre mon amitié. Accepte-la, cher Daouda. C’est avec plaisir que je t’accueille dans ma maison. À bientôt, n’est-ce pas?
Ramatoulaye”.*

A carta transcrita de Ramatoulaye dentro de outra longa carta dela é sinalizada ao leitor, no início, com a marcação de uma menção, que se dá pelo uso das aspas, demarcando o começo e o final do conteúdo enviado.

Daouda responde à carta de Aïssatou com um pequeno bilhete: “Tudo ou nada. Adeus.” (BÂ, 1979b, p. 129)¹⁶⁹, dando a entender que ele não aceita apenas a amizade e se despede com um adeus, sinalizando que não a verá mais. O bilhete, ao invés de enviar igualmente uma carta como resposta, demonstra a decepção sentida por ele, que pretende agora cortar relações, o que pode ser feito de uma forma breve.

As três cartas acima abordadas mostram a relevância em “*Une si longue lettre*” desse gênero escolhido, o epistolar. Tal forma de escrita faz transparecer o que sentem as personagens e como se portam diante das situações impostas. Sob essa perspectiva, as cartas retomam a escrita de si para atestar ao leitor a veracidade narrada pela protagonista. No que concerne a isso, Foucault explicita:

A carta faz o escritor ‘presente’ àquela a quem dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas actividades, dos seus sucessos e fracassos das suas venturas ou infortúnios; presente de uma espécie e presença imediata e quase física [...] Escrever é pois ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro [...] O trabalho que a carta opera sobre o destinatário, mas que também é efectuado sobre o escritor pela própria carta que envia, implica pois uma ‘introspecção’; mas há que entender esta menos como uma decifração de si por si mesmo do que como uma abertura de si mesmo que se dá ao outro (FOUCAULT, 1992, p. 150 - 151).

Ramatoulaye escreve para uma remetente distante, fazendo com que os acontecimentos que se passam no momento da escrita sejam compreendidos pelo leitor como um fato passado, evidenciando um diapasão entre tempo e espaço, uma vez que ela escreve sozinha para alguém que está longe. Em concordância a isso, Harouche-Bouzinac afirma: “A distância dos corpos se acrescenta a do tempo de envio da correspondência, que faz do espaço temporal epistolar um lugar dilatado [...] A duração do envio produz uma defasagem” (HAROUCHE-BOUZINAC, 2016, p. 111).

Ainda no sentido de distanciamento do espaço-temporal entre o destinatário e o remetente, Gomes expressa:

A escrita epistolar envolve o envio e o recebimento de mensagens entre indivíduos e uma observação básica é a que ressalta os múltiplos distanciamentos constitutivos dessa prática cultural. O primeiro a ser notado é o da distância no espaço e no tempo entre as ações de

¹⁶⁹ “*Tout ou rien. Adieu*”.

escrever e ler cartas: a distância entre os correspondentes que se encontram nesse lugar, físico e afetivo, construído pelas cartas. Outro é o distanciamento entre o autor da carta e todos os acontecimentos narrados, principalmente os que têm nele mesmo o principal personagem. Ou seja, no momento da escrita, os acontecimentos/personagens narrados experimentam tempos variados, que podem se situar no passado ('ontem aconteceu...', 'você se lembra quando?'), no presente ('estou escrevendo esta carta [...]') ou no futuro, nos projetos anunciados e planejados em conjunto (GOMES, 2004, p. 20).

Assim, a carta é capaz de aproximar Aïssatou dos acontecimentos vividos com Ramatoulaye, fazendo com que o tempo e o espaço sejam, então, suprimidos pelo ato da escrita, como se nota pelo trecho abaixo:

A carta se diferencia de manifestação oral por ser um fenômeno resultivo, visando ao destinatário de um modo intencional e atravessando o tempo e o espaço. Entre a redação e a leitura se coloca, portanto, um componente temporal e espacial que resulta do processo de transmissão epistolar (JANKOWSKY, 1976, p. 26).

Escolher uma carta para contar à Aïssatou o que ocorreu faz com que Ramatoulaye, de um certo modo, escreva para si mesma e reflita sobre tudo o que aconteceu com ela. É nesse sentido que Harouche-Bouzinac afirma que:

[...] as próprias condições de diálogo exigem um movimento de retorno de si. Encontrar seu lugar na relação, pensar em si mesmo e ao mesmo tempo assumir o papel que a amizade determina são questões preliminares indispensáveis [...] escrever uma carta obriga a pensar em si para se posicionar e imitar a comunicação (HAROUCHE-BOUZINAC, 2016, p. 128 - 129).

Além dessa contextualização feita para Aïssatou e para o leitor, é provável que Ramatoulaye também escreva para ela mesma, de forma catártica, analisando a si como "personagem" da história que ela irá relatar.

Além de usar o recurso memorialístico da lembrança para contar à Aïssatou com mais detalhes o que lhe aconteceu, Ramatoulaye também o faz para o leitor e, acima de tudo, realiza isso para si mesma, como um modo de, pelas palavras, conseguir "digerir" aos poucos, escrevendo tudo o que se passou em um curto período da sua vida. A protagonista consegue, então, se (re)organizar e (re)viver o que aconteceu, de certo modo, pela escrita "terapêutica", como valida Gomes:

Escrever cartas exige tempo, disciplina, reflexão e confiança. Há sempre uma razão ou razões para fazê-lo: informar, pedir, agradecer, desabafar, rememorar, consolar, estimular, comemorar, etc. A escrita de si também a escrita epistolar podem ser (e são com frequência)

entendidas como um ato terapêutico, catártico, para quem escreve para quem lê. O ato de escrever para si e para os outros atenua as angústias da solidão desempenhando o papel de um companheiro, ao qual quem escreve expõe, dando uma 'prova' de sinceridade [...] Escrevendo, é possível estar junto, próximo ao 'outro' através e no objeto carta, que tem marcas que materializam a intimidade e, com a mesma força, evidenciam a existência de normas e protocolos, compartilhados e consolidados (GOMES, 2004, p. 19).

Tudo isso propicia à Ramatoulaye organizar os seus pensamentos para contar à Aïssatou o que aconteceu. Ao mesmo tempo, empregando a escrita de si, é para si mesmo que Ramatoulaye escreve, fazendo da carta uma espécie de diário.

3.1.1 O limiar entre a escrita de um diário e de uma longa carta

A obra “*Une si longue lettre*” apresenta como escolha narrativa uma maneira diferente de apresentação. Apesar do próprio título já predizer que se tratará de uma carta, escrita de Ramatoulaye para Aïssatou, tem-se uma aproximação também com um diário.

O fato de Ramatoulaye a cada capítulo relatar o que vivencia/vivenciou oferece ao leitor acompanhar um percurso da vida da protagonista, contado somente pelo seu viés (sem a resposta da amiga) e, por isso, essa inferência aproximativa da narrativa com um diário, pois eles:

[...] são também os textos mais íntimos, mais difíceis de serem lidos por outros, mais frágeis. A pessoa pode entregar o diário de um episódio. Pode passar a limpo um período já distante, o que é uma espécie de ato autobiográfico. Certos diários foram concebidos desde o começo como exercícios literários, foram escritos para serem lidos (LEJEUNE, 1997, p. 116).

O diário permite que detalhes da vida apareçam e possibilita àquele que escreve organizar os fatos para transcrevê-los, conforme exprime Liberali:

[...] seria um gênero que ocorre em função de um fim específico. Isso remete ao seu papel como ferramenta para alcançar determinados objetivos. O diário seria, assim, um gênero orientado para a atividade interna, para a organização do comportamento humano e criação de novas relações com o ambiente. E essa atividade interna neste estudo seria a reflexão crítica (LIBERALI, 1999, p. 32).

A carta para Aïssatou é escrita como uma autorreflexão dos eventos ocorridos com Ramatoulaye, o que é manifestado no caderno escolhido por ela para escrever a

longa carta: “No mesmo movimento em que o sujeito se abre ao outro para que este o conheça, ele também se dá a conhecer a si mesmo. A carta tem algo do diário íntimo [...]” (SANTIAGO, 2006, p. 76).

Marcadores temporais usuais no diário são utilizados no ato da escrita da protagonista, delimitando o tempo em que se passa a narrativa e indicam uma maneira de localizar o leitor: “Eu celebrei¹⁷⁰ **ontem**, como se deve, o **quadragésimo** dia da morte de Modou” (BÂ, 1979b, p. 108, grifo nosso)¹⁷¹.

Nesse sentido, pode-se observar a ocorrência de um “gênero híbrido”, que é epistolar, mas, ao mesmo tempo, assemelha-se a um diário, pela sua composição. Essa imbricação de gêneros é necessária para revelar o enredo, o que é observado até nas análises de *Une si longue lettre*: “Por se dividir em seções que às vezes correspondem a quebras temporais, alguns críticos afirmam que *Une si longue lettre* combina as características da forma epistolar com as de um diário” (LARRIER, 1991, p. 747)¹⁷².

A escrita dessa carta/diário é recuperada pelas reminiscências da protagonista, cujo conteúdo se condensa, à medida que a personagem principal rememora os fatos relevantes que serão comentados com a sua amiga. De acordo com Oliveira:

Essas diferenças entre os destinatários implicam diferenças também na função desempenhada pelas correspondências no desenvolvimento da narrativa. Quando se dirige a um amigo, o remetente escreve cartas confidenciais, que não têm impacto no desenvolvimento da trama. Nesse caso, tem-se um romance epistolar estático, já que os correspondentes se limitam a utilizar as missivas para relatar acontecimentos (OLIVEIRA, 2020, p. 42).

A escrita desse tipo de carta, segundo Oliveira (2020), insere o leitor no lugar do destinatário da correspondência: “Esse chamado pelo outro torna o leitor mais próximo, concedendo-lhe um lugar que não teria em outra forma narrativa. [...] As interpelações ao Outro, então, não visam promover uma discussão, mas estabelecer um contato com o leitor” (OLIVEIRA, 2020, p. 43).

Ademais, a escrita epistolar visa preencher algo que, por algum sentido necessita se fazer presente naquele momento. Considerando que “A origem da

¹⁷⁰ A celebração da qual Ramatoulaye se refere, não seria no sentido de comemoração, mas de cumprimento de um rito religioso do fim do Mirasse e do perdão que ela menciona, a seguir a essa fala, que ofereceu a Modou.

¹⁷¹ “J’ai célébré hier, comme il se doit, le quarantième jour de la mort de Modou”.

¹⁷² “Because it is divided into sections that sometimes correspond to temporal breaks, some critics say that *Une si longue lettre* combines the characteristics of the epistolary form with those of a “journal intime”.

correspondência é sempre a ausência” (HAROUCHE-BOUZINAC, 2016, p. 105), Ramatoulaye escreve para suprir a falta que faz a sua amiga fisicamente ali, em todas as dificuldades que passou, mas, sobretudo, em relação à necessidade interna que precisa ser preenchida e revivida para fazer com que protagonista, pelo exercício da escrita de si, recupere a memória, repasse a sua trajetória e se reconstrua.

Embora haja um limiar concernente à composição narrativa - carta x diário - será considerado para esta análise o texto de “*Une si longue lettre*”, como é evidenciado no título - uma carta longa. Essa escolha epistolar de narração auxilia o leitor na compreensão do enredo, a partir de um importante suporte - o da memória. Pela recuperação memorialística de construção de fatos sequenciais¹⁷³, tem-se ciência do que ocorre com Ramatoulaye.

3.2 A (re)construção da memória e a sua relação com o gênero adotado

A escrita da carta propicia à narradora contar sobre si e recuperar diversas memórias que compõem a sua história. As memórias da narrativa ocorrem em decorrência da carta escrita, registro necessário à contextualização do leitor, que necessita conhecer o enredo. Em partes, Aïssatou já tinha um conhecimento prévio sobre a situação de Ramatoulaye, pois ela dá de presente um carro à amiga (possivelmente sabendo da condição financeira difícil da protagonista, deflagrada pelo abandono do marido):

Eu te contei então sem segundas intenções esse penoso aspecto da nossa vida, enquanto o carro de Modou passeava com Dame Belle-Mère aos quatro cantos da cidade e enquanto Binetou percorria as estradas com um Alpha-Roméo as vezes branco, as vezes vermelho. Eu nunca esquecerei a sua reação, minha irmã. Nunca esquecerei a alegria e a surpresa que foram as minhas, quando, convocada na concessionária de Rat, me disseram para escolher um carro que você pagaria integralmente (BÂ, 1979b, p. 102)¹⁷⁴.

¹⁷³ Apesar do tempo não ser cronológico, o leitor consegue, a partir do que é contado, criar uma sequência de fatos ocorridos com Ramatoulaye, que compreendem - de uma forma aqui bem resumida - desde a infância das amigas, até os seus respectivos casamentos, com a separação de Aïssatou, a poligamia de Modou, a morte dele e a vida da protagonista após a morte do marido.

¹⁷⁴ “Je te contai alors sans arrière pensée, cet aspect pénible de notre vie, tandis que la voiture de Modou promenait Dame Belle-mère aux quatre coins de la ville et que Binetou sillonnait les routes avec une Alpha-Roméo tantôt blanche, tantôt rouge. Je n’oublierai jamais ta réaction, toi, ma sœur. Je n’oublierai jamais la joie et la surprise qui furent miennes, lorsque, convoquée chez la concessionnaire de Rat, on me dit de choisir une voiture que tu te chargeais de payer intégralement”.

Pode-se analisar que a carta é escrita para um tripé, ou seja, uma tríade de remetentes. De forma mais evidente, a escrita é direcionada para Aïssatou, mas também se destina ao leitor, que passa a conhecer a história e, sobretudo, à própria Ramatoulaye, quando recupera, pela escrita da carta, as suas memórias. A escrita da carta se justifica ao retomar os eventos do passado, conforme teoriza Bergson:

[...] o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. Inteiro, sem dúvida, ele nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisemos desde nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o pensamento que a ele irá se juntar, forçando a porta da consciência que gostaria de deixá-lo de fora (BERGSON, 2006, p. 48).

É pelas memórias recuperadas pelas cartas que a protagonista consegue reinterpretar tudo o que lhe ocorrera, de maneira que essa organização, na verdade, torne-se uma reconstrução de si mesma, num sentido identitário. De forma não linear, Ramatoulaye (re)constrói, no ato da escrita, a sua vida. Logo, a obra é complexa, em razão dela elencar o que é necessário ser contado para a amiga (excluindo tantos outros fatos que, provavelmente, fizeram parte da sua história), a protagonista se mostra ao leitor por períodos da sua vida, deixando para ele, a partir dessa visão caleidoscópica, a tarefa de montar esse “quebra-cabeça” memorialístico e, finalmente, conhecer quem é Ramatoulaye. De acordo com Maluf, as reminiscências auxiliam nessa construção do indivíduo:

[...] o trabalho de rememoração é um ato de intervenção no caos das imagens guardadas. E é também uma tentativa de organizar um tempo sentido e vivido no passado, e finalmente reencontrado através de uma vontade de lembrar - ou de um fragmento que tem a força de iluminar e reunir outros conteúdos conexos (MALUF, 1995, p. 29).

Ademais, Ramatoulaye parte do conteúdo principal - a morte de Modou - e os acontecimentos precedentes a isso - o abandono sofrido por ela - mas na verdade esse fato desencadeia diversas lembranças, a seguir analisadas, como os aspectos da sua vida matrimonial, como mãe, mulher, amiga e, em especial, na sua transformação após todos os acontecimentos.

Conforme supracitado, as lembranças não seguem um percurso linear de acontecimentos, partindo da sua infância, adolescência até chegar à vida adulta. Ao contrário, Ramatoulaye insere esses elementos aos poucos, como se um assunto desencadeasse o outro, a partir da temática central que abre a narrativa: a morte do marido.

Ao iniciar a história, Ramatoulaye explica que responderá à carta de Aïssatou, relembra a amizade delas (desde a infância até a vida adulta) e conta sobre a morte de Modou. No campo memorialístico, segundo Nelly Richard, as reminiscências propiciam a ressignificação de fatos passados, que no contexto de “*Une si longue lettre*” permitem à personagem principal (re)vivenciá-los e organizá-los:

A memória é um processo aberto de reinterpretação do passado que desfaz e refaz seus nós, para que ensaiem novamente os acontecimentos e as compreensões. A memória remexe o dado estático do passado com novas significações livres, as quais colocam sua lembrança para trabalhar, levando começos e finais a reescrever novas hipóteses e conjecturas, para desmontar com elas o final explicativo das totalidades, excessivamente seguras de si mesmas (RICHARD, 2002, p. 77).

Os conteúdos assim dispostos apresentam ao leitor da narrativa o motivo pelo qual a protagonista escreve a carta (em resposta a uma carta anterior que ele não teve contato): “Aïssatou, Recebi sua carta. A guisa de resposta, abro este caderno [...]” (BÂ, 1979b, p. 11)¹⁷⁵. Nesse instante, a narradora adverte ao leitor que a carta que ela escreverá advém de outra carta anterior - enviada por Aïssatou - não se sabendo se em um passado recente ou distante, pois não se tem acesso ao conteúdo que a protagonista responderá.

Ainda no primeiro capítulo, Ramatoulaye inicia as memórias ao lembrar a amizade das duas, como se justificasse o motivo pelo qual realizou uma espécie de diário sobre a própria vida e tudo o que pretende ali expor. Ramatoulaye, antes de falar sobre a temática que abre a narrativa, ou seja, a morte do marido, discorre sobre a importância da amizade entre as duas. Ao relatar as memórias da infância e as brincadeiras com a sua vizinha e melhor amiga Aïssatou, é como se a protagonista vivenciasse novamente esse período, que perdurou a adolescência, até chegar à fase adulta:

Se os sonhos morrem atravessando os anos e as realidades, conservo intactas as minhas lembranças, sal da minha memória. Invoco-te. O passado renasce com o seu cortejo de emoções. Fecho os olhos. Fluxo e refluxo de sensações: calor e encantamento, as fogueiras; delícia na nossa boca gulosa, a manga verde apimentada, mordida por uma de cada vez. Fecho os olhos. Fluxo e refluxo de imagens; o rosto ocre da sua mãe salpicada de gotinhas de suor, na saída das cozinhas, procissões ruidosas das meninas encharcadas, retornando das fontes. O mesmo percurso nos conduziu da adolescência à

¹⁷⁵ “Assatou, J’ai reçu ton mot. En guise de réponse, j’ouvre ce cahier [...]”.

maturidade em que o passado fecunda o presente (BÂ, 1979b, p. 11 - 12)¹⁷⁶.

No trecho acima, a protagonista faz questão de guardar na memória esses momentos com a amiga. Em meio a tantas turbulências que serão ali relatadas, essas lembranças, da segurança que a amizade delas traz à Ramatoulaye, apaziguam a protagonista. Isso pode ser entendido como uma “tomada de fôlego” de um campo confortável, para entrar em uma temática tenebrosa que será a seguir abordada. Posteriormente, ela encerra esse capítulo com um assunto impactante (a morte de Modou) e aproveita para contar sobre as experiências vividas nesse período de ausência de Aïssatou. Essa é a temática central da obra e é a partir disso que advêm outras tantas memórias de outros fatos que serão abordados: “Modou está morto. Como lhe contar? Não se marca encontro com o destino. Então, passamos por ele. Passei pela prova da ligação que transtornou a minha vida (BÂ, 1979b, p. 12)¹⁷⁷.

Relembrar a morte do marido a faz reviver aquele momento, o que se pode observar, conforme já dito nesta tese, pelo discurso sincopado de quando ela vai até o hospital: “Chame um taxi! Rápido! Mais rápido! A minha garganta seca. No meu peito um peso. Rápido! Mais rápido! Enfim o hospital! O cheiro das supurações e do éter misturados” (BÂ, 1979b, p. 12)¹⁷⁸. Nesse trecho, o leitor quase percebe o desespero de uma mulher que perde o homem amado e quer logo chegar ao hospital. Assim, as suas memórias recriam a cena do seu desespero para o leitor.

É a partir desse evento que Ramatoulaye relembra o velório e o período de *Mirasse* em decorrência da viuvez. O sentimento que se arrasta por vivenciar um período tão difícil é transcrito por alguns capítulos, possibilitando ao leitor sentir o misto de agonia (pela presença das pessoas na sua casa ou pela obrigatoriedade de convivência com Binetou) e tristeza (pela perda de Modou) que ela sente ao contar sobre tal período: “Modou Fall está mesmo morto, Aïssatou. Atestando o desfile ininterrupto de homens e de mulheres que ‘aprenderam’ os gritos e choros que me

¹⁷⁶ “*Si les rêves meurent en traversant les ans et les réalités, je garde intacts mes souvenirs, sel de ma mémoire. Je t’invoque. Le passé renaît avec son cortège d’émotions. Je ferme les yeux. Flux et reflux de sensations: chaleur et éblouissement, les feux de bois; délice dans notre bouche gourmande, l’ale mangue verte pimentée, mordue à tour de rôle. Je ferme les yeux. Flux et reflux d’images; visage ocre de ta mère constellé de gouttelettes de sueur, à la sortie des cuisines; procession jacassante des fillettes trempées, revenant des fontaines. Le même parcours nous a conduites de l’adolescence à la maturité où le passé féconde le présent*”.

¹⁷⁷ “*Modou est mort. Comment te raconter? On ne prend pas de rendez-vous avec le destin. Alors, on subit. J’ai subi le coup de téléphone qui bouleverse ma vie*”.

¹⁷⁸ “*Un taxi héhé! Vite! Plus vite! Ma gorge sèche. Dans ma poitrine une boule immobile. Vite! Plus vite! Enfin l’hôpital! L’odeur des suppurations et de l’éther mêlés!*”.

cercam. Essa situação de extrema tensão aguça o meu sofrimento [...]” (BÂ. 1979, p. 08)¹⁷⁹.

As lembranças espontâneas da morte do marido, do sofrimento pela perda, do conhecimento do estrago financeiro familiar que Modou deixou por abandonar a sua primeira família para sustentar a segunda, tornam-se o cenário criado para o leitor. Sobre a evocação das reminiscências, Bosi explica:

[...] a lembrança pura quando se atualiza na imagem-lembrança, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Daí, também, o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória (BOSI, 1994, p. 49).

Posteriormente, Ramatoulaye questiona o motivo pelo qual Modou a traiu “moralmente” (uma vez que legalmente essa prática é permitida no islamismo) ao escolher se casar com outra mulher e, a partir de então, iniciam-se as rememorações da infância, da escola, até conhecer Modou e casar-se com ele:

Você se lembra daquele trem matinal que nos levou pela primeira vez para Ponty-Ville [...] Ponty-Ville é o campo ainda verde das últimas chuvas, uma Festa da juventude [...] Modou Fall, no instante em que você se inclinou diante de mim para me convidar para dançar, eu soube que você era aquele que eu esperava (BÂ, 1979b, p. 33)¹⁸⁰.

Após relembrar com carinho do homem que amava, Ramatoulaye retrocede ainda mais no tempo e se recorda da escola que ela e Aïssatou estudaram: “Nossa escola, recordemos juntas, parecia verde, rosa, azul, amarela, um verdadeiro arco-íris” (BÂ, 1979b, p. 37)¹⁸¹. O fato dela relembrar do âmbito escolar, da professora e da respectiva influência positiva, trazem novamente à narrativa um tom mais ameno, de leveza na escrita da carta e não mais de rancor e tristeza. É como se ao relatar sobre esse momento a protagonista resgatasse uma Ramatoulaye independente, cuja essência será redescoberta no decorrer do enredo.

Esse percurso é realizado até quando ela rejeita pela primeira vez Daouda e opta por se casar com Modou, a contragosto da família e, por essa razão, é malvista

¹⁷⁹ “Modou Fall est bien mort, Aïssatou. En attestent le défilé ininterrompu d’hommes et de femmes qui ‘ont appris’, les cris et pleurs qui m’entourent. Cette situation d’extrême tension aiguise ma souffrance [...]”.

¹⁸⁰ “Tu te souviens de ce train matinal qui nous emmena pour la première fois à Ponty Ville [...] Ponty Ville, c’est la campagne encore verte de la douche des dernières pluies, une Fête de la jeunesse [...] Modou Fall, à l’instant où tu t’inclinas devant moi pour m’inviter à danser, je sus que tu étais celui que j’attendais”.

¹⁸¹ “Notre école, revoyons-la ensemble, verte, rose, bleue, jaune, véritable arc-en-ciel”.

socialmente: “Nosso casamento se fez sem dote, sem luxo, sob os olhares desaprovadores do meu pai, diante da indignação dolorosa da minha mãe frustrada, sob os sarcasmos das minhas irmãs surpresas, na nossa cidade muda de espanto” (BÂ, 1979b, p. 39)¹⁸².

O seu casamento rejeitado pela família, desencadeia outra memória de Ramatoulaye, ao lembrar quão difícil foi o aceite do casamento da amiga com Mawdo, uma vez que Aïssatou foi rejeitada pela mãe do então marido, pois ela entendia que Aïssatou não fazia jus à classe à qual a sua família pertencia. Ao continuar esse assunto, Ramatoulaye lembra o casamento arranjado que Nabou realizou de sua sobrinha petite Nabou com o seu filho Mawdo e o consequente sofrimento da amiga.

Finalizando esse tema tratado por vários capítulos, Ramatoulaye recapitula e transcreve a carta deixada pela amiga, quando termina o seu casamento dessa maneira. Posteriormente, a protagonista lembra: “E você partiu. Teve a surpreendente coragem de se assumir. Você alugou uma casa e nela se instalou. E, ao invés de olhar para trás, você mirou seu futuro obstinadamente” (BÂ, 1979b, p. 66)¹⁸³. Essa recordação se faz importante para a narrativa, cuja atitude serve como uma inspiração para Ramatoulaye, por também não aceitar o que lhe é imposto socialmente (por exemplo, casar-se com o cunhado).

Ao contar à amiga que o seu drama veio três anos depois, as memórias se alteram novamente e ela retorna ao assunto do casamento do seu marido com Binetou. Ela lembra como sofreu nesse período ao descobrir que ele se casou com outra mulher e, em seguida, quem era ela.

Desse modo, Ramatoulaye recorda esse período e se lembra como a sua vida havia sofrido mudanças. Ela foi obrigada a fazer sozinha coisas que antes eram realizadas pelo marido, como ir pagar as contas.

À princípio, a protagonista rememora o fato de ter conseguido sobreviver a esse período. Apesar das questões culturais concernentes ao olhar de repúdio para as mulheres solitárias serem difíceis para ela, aos poucos, esses eventos se tornam mais

¹⁸² “Notre mariage se fit sans dot, sans faste, sous les regards désapprobateurs de mon père, devant l’indignation douloureuse de ma mère frustrée, sous les sarcasmes de mes sœurs surprises, dans notre ville muette d’étonnement”.

¹⁸³ “Et tu partis. Tu eus le surprenant courage de t’assumer. Tu louas une maison et t’y installas. Et, au lieu de regarder en arrière, tu fixas l’avenir obstinément”.

comuns e o julgamento social passa a não ser mais tão importante, conforme se nota a seguir:

Eu sobrevivía [...] Eu fingia indiferença enquanto a cólera martelava os meus nervos e as minhas lágrimas retidas embaçavam os meus olhos. Eu media, pelos olhares espantados, a insuficiência da liberdade concedida à mulher. As sessões de matinê, no cinema, satisfaziam-me. Davam-me coragem de enfrentar a curiosidade de uns e de outros (BÂ, 1979b, p. 99)¹⁸⁴.

Uma importante memória desse período de tristeza e solidão foi suprimido por uma lembrança de alegria, de quando Aïssatou a presenteou com um carro, para apaziguar o sofrimento pelo qual a amiga e os filhos estavam passando, reforçando, assim, a sua gratidão a ela e relembrando a força da amizade das duas.

Meus filhos deram gritos de alegria, sabendo do fim do calvário deles [...] A amizade tem magnitudes desconhecidas do amor. Ela se fortalece nas dificuldades, enquanto as restrições massacram o amor. Ela resiste ao tempo que cansa e desune os casais. Ela tem elevações desconhecidas pelo amor (BÂ, 1979b, p. 102 - 103)¹⁸⁵.

O trecho acima destaca a importância da amizade entre as duas e o carinho que Aïssatou tem pela amiga ao presenteá-la com um bem material de alto valor financeiro e, assim, auxiliá-la em um momento crucial, em que o carro era necessário para Ramatoulaye e para a família.

Em seguida a essas lembranças, a protagonista relembra que após o quadragésimo dia da morte de Modou, Tamsir, o irmão dele - atendendo a uma questão cultural -, a pediu em casamento e ela, logicamente, o rejeitou. Depois do cunhado, Ramatoulaye rejeita outro pedido de casamento, feito por um antigo amor, Daouda, transcrevendo na longa carta para Aïssatou, uma outra carta enviada para ele com a resposta negativa.

Essas lembranças reforçam a fortificação de Ramatoulaye e a questão da identidade, assuntos esses pertinentes para o tópico a seguir.

¹⁸⁴ “Je survivais [...] Je feignais l’indifférence, alors que la colère martelait mes nerfs et que mes larmes retenues embuaient mes yeux. Je mesurais, aux regards étonnés, la minceur de la liberté; accordée à la femme. Les séances de matinée, au cinéma, me comblaient. Elles me donnaient le courage d’affronter la curiosité des uns et des autres”.

¹⁸⁵ “Mes enfants poussèrent des cris joyeux en apprenant la fin proche de leur calvaire [...] L’amitié a des grandeurs inconnues de l’amour. Elle se fortifie dans les difficultés, alors que les contraintes massacrent l’amour. Elle résiste au temps qui lasse et désunit les couples. Elle a des élévations inconnues de l’amour”.

Por fim, a protagonista se lembra, também dos familiares, de cada filho, tratando-os individualmente, mas como uma família prestativa e unida, apesar do abandono do pai. Quanto às lembranças familiares, Eclea Bosi afirma:

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada [...] os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual (BOSI, 1994, p. 423).

Ramatoulaye se despede da amiga com um tom mais leve ao final da narrativa. Após falar dos seus filhos, ela se entusiasma, pois, no próximo dia, verá a amiga. Essa é, enfim, uma oportunidade para as lembranças escritas serem contadas pessoalmente.

Diante do exposto, depreende-se que as reminiscências provocadas pela escrita da carta são necessárias à compreensão do conteúdo pelo leitor, o que poderia justificar, portanto, a escolha desse modo narrativo de apresentação de “*Une si longue lettre*”.

3.3 A identidade construída a partir da reflexão da memória

A identidade de Ramatoulaye se molda a partir da situação vivida pela personagem e do relato revelado à Aïssatou - e aos leitores -, pelo emprego da memória no ato da escrita. Nessa perspectiva, é como se os dois elementos necessitassem um do outro para existir na narrativa. Desse modo, para Candau:

[...] memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente (CANDAU, 2012, p. 19).

Assim, a memória tem um papel central na obra, pois além de ser necessária à escrita da carta, ela evidencia o percurso identitário de Ramatoulaye.

Quanto à trajetória percorrida, percebe-se que Ramatoulaye parte do sofrimento (da perda do marido e do fato dele ter se casado com outra mulher) no seu percurso memorialístico realizado na escrita da carta. Essas reminiscências transparecem uma Ramatoulaye fragilizada pela dor. Posteriormente, após o

quadragésimo dia da perda de Modou, a protagonista se revela outra Ramatoulaye, agora fortificada, em razão da experiência vivida nesse período.

Logo, há um divisor identitário na narrativa, a ser observado pelo leitor. Para Cuche, a identidade não é estática e se molda ao evento vivenciado: “A identidade se constrói, se desconstrói e se reconstrói segundo as situações. Ela está sem cessar em movimento; cada mudança - social leva-a a se reformular de modo diferente” (CUCHE, 1999, p. 198).

Assim, a identidade de Ramatoulaye poderia ser entendida como plural, pois conforme as mudanças ocorridas na sua vida, a protagonista se refaz, adequando-se a essa nova realidade, ora consentindo, ora contrapondo-se às imposições: “No mundo contemporâneo, fala-se cada vez mais, de identidades plurais, ou, ainda, de identificações, que teriam o caráter provisório porque em constante devir” (FIGUEIREDO, 2010, p. 189).

Nesse sentido, até o capítulo 17, quando a protagonista ainda relembra do marido e das questões subjacentes à traição dele por ter se casado com outra mulher, a personagem principal poderia ser analisada como uma mulher fragilizada pela dor, a exemplo das memórias resgatadas nesse período relatado.

Um exemplo disso, ocorre no velório do marido, quando a sua voz se enfraquece ao preferir, junto ao grupo lá presente, as palavras do Alcorão:

E ouve-se, a reconfortante leitura do Alcorão; palavras divinas, recomendações celestes, impressionantes promessas de castigo ou de deleites, exortação ao bem, alertas contra o mal, exaltação da humildade, da fé. Arrepios me percorrem. As minhas lágrimas escorrem e a minha voz se junta, baixinho aos Améns fervorosos que mobilizam o ardor da multidão, a cada versículo (BÂ, 1979b, p. 19)¹⁸⁶.

No trecho acima, observa-se que em decorrência do sofrimento pela perda do marido, Ramatoulaye sente a sua voz falhar ao tentar realizar a sua oração e assim também se sente em todo o período de velório, em que é obrigada a ter que dividir a casa com Binetou e, ainda, receber tantas pessoas em um momento de tristeza pela perda de Modou.

Outro trecho que essa fragilidade de Ramatoulaye transparece é quando ela tenta entender o motivo pelo qual o marido a abandonou: “Eu me censurava já pela

¹⁸⁶ “Et monte, réconfortante la lecture du Coran; paroles divines, recommandations célestes, impressionnantes promesses de châtiement ou de délices, exhortations au bien, mise en garde contre le mal, exaltation de l’humilité, de la foi. Des frissons me parcourent. Mes larmes coulent et ma voix s’ajoute faiblement aux ‘Amen’ fervents qui mobilisent l’ardeur de la foule, à la chute de chaque verset”.

fraqueza que não tinha impedido a degradação do meu lar. Deveria eu me renegar porque Modou escolhera um outro caminho?” (BÂ, 1979b, p. 94)¹⁸⁷. No trecho, em específico, Ramatoulaye se lamenta pela atitude do marido de deixá-la. Nesse ínterim, ela se questiona sobre a fragilidade de seu lar e até sobre como ela própria deveria agir em decorrência da escolha de Modou, ao ter sido preterida.

Um outro exemplo, inclusive, ocorre quando a protagonista, mesmo rejeitada, tenta manter a postura de não prejudicar o marido na política e para que ele não fosse malvisto pela escolha de deixar a primeira família: “Eu tento eliminar as fraquezas da minha conduta” (BÂ, 1979b, p. 107)¹⁸⁸, confessando após, à amiga, que sofre por ele: “A minha verdade é que, apesar de tudo, eu continuo fiel ao amor da minha juventude. Aïssatou, choro por Modou e não consigo evitar.”¹⁸⁹ Nesse sentido:

O importante na memória, na recordação ou no esquecimento, não é tanto a verdade como o jogo de símbolos e a sua circulação, os desvios, as mentiras, as dificuldades de articulação, os pequenos actos falhados e os lapsos, em suma, a resistência ao reconhecimento. Enquanto forças complexas de representação, a memória, a lembrança e o esquecimento são, por outras palavras, actos sintomáticos. Estes actos só têm sentido em relação a um segredo que não o é revelado verdadeiramente, mas que, no entanto, nos recusamos a confessar. É nisto que eles provêm de uma operação física e de uma crítica do tempo (MBEMBE, 2014, p. 180).

Mesmo sendo difícil a Ramatoulaye reconhecer o quanto sofreu diante das atitudes de Modou, ela todavia o ama. Na verdade, as suas lembranças revelam o que ela tenta ocultar, para si mesma e para os outros.

No capítulo 18, contando para Aïssatou sobre o novo ciclo que encerra o período de *Mirassee* (“Celebrei ontem, como se deve, o quadragésimo dia da morte de Modou. Eu o perdoei.” (BÂ, 1979b, p. 108))¹⁹⁰, inicia-se um novo momento para a protagonista. Ramatoulaye agora aparece como uma mulher transgressora, ao se posicionar contra as questões sociais preestabelecidas e contrapor-se aos valores culturais arraigados, como, por exemplo, a obrigatoriedade do casamento com o cunhado, após a morte do marido.

¹⁸⁷ “*Je me reprochais déjà une faiblesse qui n’avait pas empêché la dégradation de mon foyer. Devais-je me renier parce que Modou avait choisi une autre voie?*”.

¹⁸⁸ “*Essaie de traquer les faiblesses de ma conduite*”.

¹⁸⁹ “*Ma vérité est que malgré tout, je reste fidèle à l’amour de ma jeunesse. Aïssatou, je pleure Modou et n’y peux rien*”.

¹⁹⁰ “*J’ai célébré hier, comme il se doit, le quarantième jour de la mort de Modou. Je lui ai pardonné*”.

- Tamsir, vomite os seus sonhos de conquista. Eles duraram quarenta dias. Eu nunca serei sua mulher.
- O Imã tomou a Deus por testemunha:
- Que palavras profanas e nessas roupas de luto!... (BÂ, 1979b, p. 110 - 111)¹⁹¹.

Essa subversão dos valores morais realizada por Ramatoulaye, faz a protagonista romper, de certa maneira, com uma identidade cultural, em prol de uma individual, que se contrapõe ao que ela, do ponto de vista social e religioso, deveria seguir. Sob a perspectiva do rompimento identitário, Bauman esclarece: “A ideia de ‘identidade’ nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela idéia [...]” (BAUMAN, 2005, p. 26).

Assim, estabelece-se um paralelo diante do assunto previamente mencionado (Ramatoulaye fragilizada x fortificada) ao contrapor, também, a sua identidade individual com a cultural. Woodward sobre essa dicotomia identitária mencionada assevera que:

Existe, assim, um contínuo processo de identificação, no qual buscamos criar alguma compreensão sobre nós próprios por meio de sistemas simbólicos e nos identificar com as formas pelas quais somos vistos por outros [...] continuamos a nos identificar com aquilo que queremos ser, mas aquilo que queremos ser está separado do eu, de forma que o eu está permanentemente dividido no seu próprio interior (WOODWARD, 2000, p. 64).

A identidade que “move” Ramatoulaye, em um primeiro momento, poderia ser entendida como a cultural, reprimindo a protagonista a tomar as decisões que gostaria. Mantendo o viés da relação individual e social, Hall discorre sobre a noção de sujeito sociológico: “A identidade, então, costura (ou, para usar metáfora médica, ‘sutura’) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 2006, p. 12).

Castells (2018, p. 23) afirma: “[...] entendo por identidade o processo de construção de significação em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. Ao relacionar essa assertiva a “*Une si longue lettre*”, é como se Ramatoulaye, na primeira parte da narrativa, pautasse-se na identidade cultural a qual

¹⁹¹ “- Tamsir, vomis tes rêves de conquérant. Ils ont duré quarante jours. Je ne serai jamais ta femme. L’Imam prenait Dieu à témoin: - Quelles paroles profanes et dans des habits de deuil!...”.

fazia parte (quando, por exemplo, aceitaria o fato de Modou ter se casado com outra, mesmo que tal atitude a ferisse de maneira individual).

Em contraposição, na segunda parte, embora Ramatoulaye sentisse os reflexos de subverter o que é culturalmente petrificado, ela o realiza, sobrepondo a sua vontade em detrimento do senso cultural.

Com isso, (re)construindo a si mesma, após esses tumultuados eventos pelos quais passou, Ramatoulaye finaliza a narrativa com uma citação-chave. Justifica-se, assim, o indício da sobreposição identitária individual pela social, que se inicia após esse novo percurso libertador, após o nebuloso *Mirasse* ao qual foi submetida.

O exercício da memória evidencia para a própria Ramatoulaye a sua trajetória. Assim, ela compreende o processo e as suas mudanças, já mencionadas, o que para ela é catártico, conforme defende Marina Maluf sobre as lembranças:

Recrutar o que já passou [...] é uma experiência purificadora [...] pois através da 'mágica da memória pode-se ter a sensação catártica de botar para fora tanta coisa guardada, de exorcizar fantasmas do passado [...] Repassar o vivido em outra época serve como uma purgação [...] (MALUF, 1995, p. 32 - 33).

É na perspectiva acima mencionada por Maluf (1995) que Ramatoulaye analisa a sua escrita, pois pela carta e as suas reminiscências, ela consegue se refazer e sente-se até mais “leve” após todas as situações intensas pela qual se submeteu: “Reflico. Essa expressão da minha alma não te surpreende em nada....” (BÂ, 1979b, p. 163)¹⁹².

Além das reflexões sobre si mesma, ao final da narrativa, ela pensa nos temas tratados - como a igualdade de gênero no relacionamento, por exemplo -, de um modo mais geral. Assim, Ramatoulaye parte de um aspecto particular para outro universal ao tratar de uma temática, cujo assunto se torna bastante analisado e resgatado nas memórias transcritas na longa carta:

As irreversíveis correntes de liberação da mulher ocorrem no mundo, não me deixam indiferente. Essa comoção que viola todos os setores, revela e ilustra nossas capacidades. O meu coração fica em festa cada vez que uma mulher emerge das sombras. Sei que o terreno dos ganhos está se movendo, a sobrevivência das conquistas é que é difícil: as restrições sociais ainda oscilam e o egoísmo masculino resiste. Instrumentos de alguns, isca para outros, respeitadas ou desprezadas, muitas vezes amordaçadas, todas as mulheres têm quase o mesmo destino que as religiões ou leis abusivas cimentaram.

¹⁹² “Je réfléchis. Cette tournure de mon esprit ne te surprend guère...”.

As minhas reflexões me posicionam sobre os problemas da vida. Analiso as decisões que orientam o nosso vir a ser. Amplio a minha opinião entrando na atualidade mundial. Continuo convencida da inevitável e necessária complementaridade entre o homem e a mulher. O amor, por mais imperfeito que seja em seu conteúdo e sua expressão, continua a ser a união natural entre esses dois seres. Amar-se! Se cada um pudesse se aproximar sinceramente do outro! Se tentasse fundir-se no outro! Se assumisse seus êxitos e fracassos! Se exaltasse as suas qualidades em lugar de enumerar os seus defeitos! Se reprimisse as suas más tendências sem forçar! Se entrasse nas referências mais secretas, a fim de prevenir as falhas e apoiar, cuidando das dores emudecidas! É da harmonia do casal que nasce o êxito familiar, como a harmonia de múltiplos instrumentos cria a sinfonia agradável (BÂ, 1979b, p. 163 - 164)¹⁹³.

Diante dessas análises, todas as lembranças constroem para Ramatoulaye uma identidade, não só dela, mas uma identidade coletiva feminina, no contexto da narrativa, que é, por vezes, negligenciada, mas que poderia encontrar para si um lugar.

Destarte, a protagonista de “*Une si longue lettre*” poderia ser compreendida como uma porta-voz de tantas outras vozes silenciadas e, ao mesmo tempo, uma inspiração para a superação da condição feminina narrada, uma vez que a personagem principal subverte os valores socialmente estabelecidos.

¹⁹³ “Les irréversibles courants de libération de la femme qui fouettent le monde, ne me laissent pas indifférente. Cet ébranlement qui viole tous les domaines, révèle et illustre nos capacités. Mon cœur est en fête chaque fois qu’une femme émerge de l’ombre. Je sais mouvant le terrain des acquis, difficile la survie des conquêtes: les contraintes sociales bousculent toujours et l’égoïsme mâle résiste. Instruments des uns, appâts pour d’autres, respectées ou méprisées, souvent muselées, toutes les femmes ont presque le même destin que des religions ou des législations abusives ont cimenté. Mes réflexions me déterminent sur les problèmes de la vie. J’analyse les décisions qui orientent notre devenir. J’élargis mon opinion en pénétrant l’actualité mondiale. Je reste persuadée de l’inévitable et nécessaire complémentarité de l’homme et de la femme. L’amour, si imparfait soit-il dans son contenu et son expression, demeure le joint naturel entre ces deux êtres. S’aimer! Si chaque partenaire pouvait tendre sincèrement vers l’autre! S’il essayait de se fondre dans l’autre! S’il assumait ses réussites et ses échecs! S’il exhaussait ses qualités au lieu de dénombrer ses défauts! S’il réprimait les mauvais penchants sans s’y appesantir! S’il franchissait les repaires les plus secrets pour prévenir les défaillances et soutenir, en pansant, les maux tus! C’est de l’harmonie du couple que naît la réussite familiale, comme l’accord de multiples instruments crée la symphonie agréable”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“É do húmus sujo e nauseante que brota da planta verde e sinto novos brotos emergindo de mim” (BÂ, 1979b, p. 165)¹⁹⁴.

A obra “*Une si longue lettre*”, como o próprio título prediz, é uma longa carta contada por Ramatoulaye para a sua amiga Aïssatou. Nela, a protagonista aborda questões sociais sobre a mulher dentro de um contexto senegalês e islâmico.

A identidade, que foi o eixo temático desta tese, possibilitou, portanto, analisar alguns pontos importantes da obra, a saber: a possibilidade de autoficção na escrita de Mariama Bâ, bem como o estudo da memória e da identidade na narrativa - o que justifica, também, o título dado a este trabalho: “Identidade, memória e autoficção em *Une si longue lettre*, de Mariama Bâ”.

Para tanto, foi realizada a biografia da autora, objetivando apresentar aos estudos brasileiros Mariama Bâ, autora senegalesa tão conhecida no âmbito literário internacional, mas pouco difundida no Brasil, o que foi necessário para a análise dos pontos de contato da obra com a vida de Bâ. Além disso, realizou-se uma contextualização de “*Une si longue lettre*”, sendo abordada a repercussão da obra e efetuada uma breve apresentação dos estudos encontrados sobre ela. Na tentativa de abordagem do enredo e dos pressupostos subjacentes à Bâ, refletidos também em “*Une si longue lettre*”, foi feita uma análise da obra, privilegiando os aspectos da narrativa e adentrando, posteriormente, no papel das personagens femininas. Outrossim, foi analisada a identidade feminina no contexto islâmico e como isso se reflete na obra de Bâ. Foi discutida, também, a literatura de autoria feminina, direcionando o texto para uma literatura africana e de Bâ, nesse aspecto.

Posteriormente, o foco do estudo se direcionou para um dos temas centrais da tese, que é a escrita de si. Para introduzir a temática, foram diferenciados os conceitos de autobiografia, escrita de si e autoficção, no intuito de observar qual seria o termo mais apropriado para abordar os possíveis pontos de contato existentes entre a vida e a obra de Bâ, optando-se por denominar tais aproximações como autoficção, julgado mais apropriado para o contexto da narrativa.

¹⁹⁴ “*C’est de l’humus sale et nauséabond qui jaillit la plante verte et je sens pointer en moi des bourgeons neufs*”.

Esta pesquisa realizou, assim, uma análise comparativa entre os aspectos biográficos de Bâ e da obra *“Les allés d’un destin”*, escritos por Ndiaye, filha da autora, bem como outros textos que mencionassem a vida de Bâ, com a finalidade de verificar os pontos de contato que poderiam existir entre a autora e a sua protagonista. A obra de Ndiaye refuta a relação de proximidade entre a vida da mãe e de Ramatoulaye. Quanto a isso, chega-se a uma conclusão parcial sobre a hipótese deste trabalho. Na hipótese, aventou-se a possibilidade da existência de autoficção e se verificou, nessa análise, indícios da supracitada aproximação entre Bâ e Ramatoulaye, o que, em certa medida, poderia ser classificado como autoficção. Em outras palavras, a tese de autoficção que se buscou averiguar nesta pesquisa não se sustenta por completo, uma vez que não é toda a vida de Mariama Bâ, em todos os eventos ocorridos com ela, que são abordados na sua narrativa, ainda que se tenha relação entre a vida dela e da sua protagonista.

Por fim, realizou-se um percurso de análise da escolha epistolar, que propicia o exercício da memória transcrita na narrativa, para, posteriormente, verificar como se estabelece a questão identitária da personagem principal, Ramatoulaye. No estudo realizado, foi feito um breve apontamento teórico sobre o romance epistolar e uma busca por verificar o motivo da escolha da escrita de uma carta como manobra narrativa de *“Une si longue lettre”*. A carta escrita para a amiga, que poderia ter o objetivo de ultrapassar o espaço e o tempo para relatar alguns eventos com ela ocorridos, poderia ter outros motivos para ser eleito como gênero e estratégia narrativa para a obra. Foi nesse sentido que se apontou a carta como não escrita somente para Aïssatou, mas também para evidenciar ao leitor a sua história e, sobretudo, para si mesma, uma vez que as reminiscências propiciaram à protagonista a reflexão do que ocorreu com ela em um período conturbado da sua vida.

Cabe aqui ressaltar, nesse caso, que só se sabe da história da personagem principal pela perspectiva dela e que as reminiscências podem também ser observadas como uma espécie de ficcionalização do evento que de fato ocorreu. Além disso, o que é contado durante a sua escrita se estabelece conforme a protagonista rememora tais fatos, não sendo de maneira linear, mas descritos de acordo com as suas lembranças. Compete ao leitor, portanto, montar esse “quebra-cabeça” das histórias eleitas por Ramatoulaye para serem contadas, para compreender o que aconteceu com ela de uma forma mais cronológica, considerando tais aspectos ora apontados.

Ainda sobre a questão da escolha epistolar, foi realizada uma avaliação se a longa carta poderia também ser uma espécie de diário. Apesar da semelhança tipológica textual de “*Une si longue lettre*”, pode-se inferir que a narrativa seria mais propriamente uma carta, em razão da obra possuir, nomeadamente, um destinatário (Aïssatou), para o qual Ramatoulaye escreve. Após essas análises sobre o gênero, considerou-se que a escolha epistolar propicia a recuperação de recordações de Ramatoulaye, a partir das descrições do percurso eleito pela narradora para contar sobre a sua vida.

Buscou-se, assim, verificar como a identidade da personagem principal é construída em decorrência das memórias de Ramatoulaye. Para tanto, foi feita uma abordagem de divisão de capítulos da obra, analisada nesta tese como uma espécie de divisor de águas, moldando a identidade da personagem principal - de fragilizada, para fortificada. Posteriormente, foram contrapostas as identidades que são apresentadas na narrativa, relacionando a cultural como a mais evidente na primeira parte da obra e a individual, sobressaindo-se na parte final de “*Une si longue lettre*”. Diante da análise realizada nesta pesquisa, observa-se que “*Une si longue lettre*” parte de um conceito particular, da história de Ramatoulaye, para ficcionalizar algumas questões sociais que necessitam de discussão, como, por exemplo, o papel da mulher no contexto senegalês e islâmico da narrativa e de tantas outras mulheres silenciadas em tantas outras situações.

Faz-se mister ressaltar que os temas aqui pesquisados não esgotam a gama de possibilidades de estudos que poderiam ser realizados sobre “*Une si longue lettre*”. Além dessas três principais temáticas aqui abordadas, poderia ser feito, por exemplo, um estudo mais aprofundado sobre a religião, o papel da mulher nesse contexto sociocultural, as entrevistas dadas por Mariama Bâ e as suas aplicações na sua narrativa “*Une si longue lettre*”, um estudo comparativo entre as duas obras da autora “*Une si longue lettre*” e “*Un chant écarlate*”, dentre diversas outras temáticas passíveis de desenvolvimento e pesquisa.

Com todo o exposto neste trabalho, acredita-se que esta tese amplia os estudos de Mariama Bâ, tanto no sentido de verificação da possibilidade de autoficção da autora, como no que tange às temáticas essenciais para o entendimento da narrativa, em relação à identidade (recuperada também pela memória).

Além disso, o presente estudo visou preencher essa lacuna de uma obra tão cara à sociedade senegalesa e ainda pouco difundida no Brasil, o que seria, além de

um reconhecimento da escrita de Mariama Bâ, um modo de divulgação de uma literatura ainda timidamente conhecida no âmbito brasileiro.

Diante de todo o exposto, pode-se compreender que Mariama Bâ é precursora de uma literatura feminina mais engajada, denunciando pela sua escrita tantas identidades individuais, por vezes oprimidas pelas coletivas, oferecendo, pelo seu texto, uma perspectiva de alteração dessa condição sociocultural estabelecida, a superação de Ramatoulaye, que dá voz e inspira a tantas outras personagens reais do contexto narrado em “*Une si longue lettre*” por Mariama Bâ.

Em outras palavras, a autora analisa, portanto, uma estrutura social patriarcal hegemônica da sociedade por ela apresentada por um viés ficcional, mas que versa sobre a condição feminina ali, muitas vezes, subjugada. Nesse sentido, “*Une si longue lettre*” poderia ser compreendida como uma “arma pacífica”, colocando em xeque questões culturais relevantes discutidas na narrativa de Bâ e difundidas pelo sucesso da obra.

Assim, a epígrafe das considerações finais, sobre emergir dos brotos maléficos uma nova Ramatoulaye, também poderia ser entendida como a esperança de que tantas outras vozes femininas silenciadas, no contexto por Bâ ficcionalizado, pudessem também se libertar das amarras sociais a elas impostas e, quem sabe, alçar um espaço mais respeitoso e igualitário para elas.

REFERÊNCIAS

- ACN. **Senegal**. 2016. Disponível em: <https://acn.org.br/wp-content/uploads/attachments/RLRM-2016-Senegal.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.
- ADAMA, Kangnikoé. **L'image de la femme africaine au travers des auteurs africains**. Guy Menga 'La marmite de Koka M'Bala' et Mariama Bâ 'Une si longue lettre'. [S.L]: Grin, 2015.
- AHMED, Ikhlas Siddig Mohamed. **L'image de la femme dans le roman d'Afrique francophone à travers le thème de la polygamie**. Orientadora: Viviane-Amina Yagi. 2001. 275 f. Tese (Doutorado em Letras) - Université de Khartoum, Cartum - Sudão, 2001.
- ALBERCA, Manuel. ¿Existe la autoficción hispanoamericana? **Cuadernos del CILHA**, ano 7, n. 7-8, p. 5-17, 2006.
- ALCORÃO. Disponível em: <https://alcorao.com.br/an-nissa-as-mulheres/>. Acesso em: 30 nov. 2019
- AMISSINE, Itang Ekpe. **Feminism and translation**: a case study of two translations of Mariama Bâ: une si longue lettre (so long a letter) and un chant écarlate (scarlet song). 2015. Disponível em: https://repository.up.ac.za/bitstream/handle/2263/44257/Amissine_Feminism_2015.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 20 maio 2020.
- ARAÚJO, Pedro Galas. **Trato desfeito**: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira. Orientadora: Regina Dalcastagnè. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus**: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus**: Quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BÂ, Mariama. Africa Asserts its identity. Part II: Transcending cultural Boundaries Through Fiction. **AUSF – American Universities Field Staff**, Hanover, n. 10, p. 1-12, 1981. Entrevistadora: Barbara Harrell-Bond. Disponível em: <http://www.icwa.org/wp-content/uploads/2015/09/BHB-17.pdf>. Acesso em: 30 out. 2019.
- BÂ, Mariama. Succès littéraire de Mariama Bâ pour son livre Une si longue lettre. Entrevistadora: Alioune Touré Dia. **Amina**, Paris, n. 84, p. 12-14, nov. 1979a.
- BÂ, Mariama. **Une si longue lettre**. Dacar: Motifs, 1979b.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BONNICI, Thomas. Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21. **Légua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural**, Feira de Santana, v. 4, n. 3, p. 186-202, 2005.

BORGOMANO, Madeleine. Tempes et espace dans le roman africain: quelques directions de recherche. In: KOUAKOU, Henri Gadou (org). **Revue de littérature et d'esthétique négro-africaines**. Abidjan: Les Nouvelles Éditions Africaines, 1987. p. 5 - 13

BOSI, Éclea. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrans Brasil, 2012.

BRAHIMI, Denise; TREVARTHEN, Anne. **Les femmes dans La littérature africaine**: Portaits. Paris: Karthala. Abidjan: CEDA, 1998.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CASA ÁFRICA. **Mariama Bâ**. Disponível em: <http://www.casafrica.es/po/detalle-who-is-who.jsp%3FPROID=70620.html>. Acesso em: 30 mar. 2020.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e terra, 1999. v. 2

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**: a era da informação. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 9. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Poema e narrativa**. São Paulo: Duas cidades, 1978.

DOUBROVSKY, Serge. **L'autofiction dans le collimateur**. 2013. Disponível em: <http://www.autofiction.org/index.php?post/2013/05/23/Serge-Doubrovsky>. Acesso em: 15 jun. 2020.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. **Devires autobiográficos**: a atualidade da escrita de si. Rio de Janeiro: NAU; PUC-Rio, 2009.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**: de Maomé à Idade das Reformas. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. v. 3

ENGELKING, Tama Lea. **Women, Education, and Polygamy in 'Une si longue lettre' and 'Faat Kiné'**. 2008. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25481549>. Acesso em: 15 abr. 2020.

FALL, Mar. **La question islamique au Sénégal**: Le regain récent de l'islam; la religion contre l'État? 1987. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/24351465?seq=1#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 19 set. 2020.

FIGUEIREDO, Eurídice (org.). Identidade nacional e identidade cultural. *In*: FIGUEIREDO, Eurídice; NORONHA, Jovita Maria Gerheim. **Conceitos de literatura e cultura**. 2. ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2010. p. 189 - 224

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. *In*: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 129 - 160.

FRAEDRICH, Anna. Autoficção: um percurso teórico. **Revista Criação & crítica**, São Paulo, n. 17, p. 30 - 46, dez. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/120842/121520>. Acesso em: 10 jun. 2020.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOMEZ-PEREZ, Muriel. **L'Islamisme à Dakar**: D'un contrôle social total à une culture du pouvoir? 1994. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/40174513?read-now=1&seq=20#page_scan_tab_contents. Acesso em: 19 set. 2020.

GONÇALVES, Débora da Silva Chagas. **Deixem que eu fale por mim**: autoficção na crônica de João Ubaldo Ribeiro. Orientadora: Fernanda Aquino Sylvestre. 2020. 203 f. Doutorado (Estudos Literários) - Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2020.

GOREDEMA, Ruvimbo. **African feminis**: the african woman's struggle for identity. Disponível em: <http://www.africanrhetoric.org/pdf/Yearbook%20Section%204%20Goredema.pdf>. Acesso em: 15 maio 2020.

GUÈYE, Médoune. La question du feminism chez Mariama Bâ et Aminata Sow Fall. **The French Review**, v. 72, n. 2, p. 308 - 319, dez. 1998. Disponível em: www.jstor.org/stable/399037. Acesso em: 03 mai. 2018.

GUÉYE, Ndèye Sokhna. **Mouvements sociaux des femmes au Senegal**. [s.l.]: UNESCO, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227111>. Acesso em: 18 set. 2020.

HAAKER, Malin. **La femme africaine dans Une si longue lettre de Mariama Bâ et Assèze l'Africaine de Calixte Beyala**. 2013. Disponível em: <http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:713134/FULLTEXT01>. Acesso em: 10 out. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. Tradução de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

HOOKS, Bell. **Understanding patriarchy**. [s.d]. Disponível em: <https://vetvoicenational.files.wordpress.com/2018/10/understandingpatriarchy-1.pdf>. Acesso em: 06 set. 2020.

IJERE, Muriel. I. La condition féminine dans Xala de Sembène Ousmane. In: KOUAKOU, Henri Gadou (org). **Revue de littérature et d'esthétique négro-africaines**. Abidjan: Les Nouvelles Éditions Africaines, 1987. p. 36-45

JANKOWSKY, Bernhard. **A carta no romance** - o romance em cartas. 1976. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/19125/12858>. Acesso em: 01 nov. 2020.

KAMARA, Gibril. **The feminist struggle in the Senegalese novel**: Mariama Bâ and Sembene Ousmane. 2001. Disponível em: www.jstor.org/stable/3180961. Acesso em: 15 abr. 2020.

KAPI, Catherine Afua. **Writing as a cultural negotiation**: a study of Mariama Bâ, Marie NDiaye and Ama Ata Aidoo. 2006. Disponível em: https://digitalcommons.lsu.edu/gradschool_dissertations/947. Acesso em: 15 abr. 2020.

KESTELOOT, Lilyan. **Histoire de la littérature négro-africaine**. Paris: Éditions Karthala, 2001.

KINGLER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro**: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea. Orientador: Ítalo Moriconi. 2006. 205 f. Tese (Doutorado em Letras: Literatura Comparada) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2006.

LARRIER, Renée. Correspondance et création littéraire : Mariama Bâ's *Une si longue lettre*. **The French Review**, [s.l.] v. 64, n. 5, p. 747-753, abr. 1991. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/395808>. Acesso em: 03 maio 2018.

LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. In: DOBARRO, Ángel Nogueira (org). **La autobiografía y sus problemas teóricos**. Barcelona: Antropos, 1991. p. 47 - 61

LEJEUNE, Philippe. O guarda-memória. **Estudos históricos**, [s.l.], v. 19, p. 111 - 119, 1997.

LEJEUNE, Philippe. Definir autobiografia. Tradução de Paula Mourão. In: MOURÃO, Paula (org.) **Act 8** - Autobiografia. Auto-representação. Lisboa: Edições Colibri, 2002.

LIBERALI, Fernanda Coelho. **O diário como ferramenta para a reflexão crítica**. Orientadora: Maria Cecília Camargo Magalhães. 1999. 166 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) - Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

LLOSA, Mário Vargas. "É possível pensar o mundo moderno sem romance?" In: MORETTI, Franco (org.). **A Cultura do romance**. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 17 - 32.

MACHADO, Emilia *et al.* **Da África e sobre a África**: textos de lá e de cá. São Paulo: Cortez, 2012.

MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MOI, T. Feminist, female, feminine. In: BELSEY, C.; MOORE, J. (ed.). **The feminist reader**: essays in gender and politics of literary criticism. Houndmills: Macmillan, 1989.

MORTIMER, Mildred P. **Writing from the hearth**: public, domestic, and imaginative space in francophone women's fiction of Africa and the Caribbean. Plymouth: Lexington Books, 2007.

MORTIMER, Mildred. **Enclousure/disclosure in Mariama Bâ's Une si longue letter**. 1990. Disponível em: www.jstor.org/stable/395665. Acesso em: 15 abr. 2020.

N'DIAYE, Marième. A legitimação pelo direito? Os desafios do governo da família num contexto muçulmano: Uma comparação Senegal-Marrocos. **REVISTA NEP-UFPR (Núcleo de Estudos Paranaenses)**, Curitiba, v. 3, n. 4, p. 91-111, dez. 2017.

NDIAYE, Mame Coumba. **Mariama Bâ ou les allées d'un destin**. Dacar: Nouvelles Éditions Africaines, 2007.

NNAEMEKA, Obioma. **The politics of (M)Othering**: Womanhood, identity, and resistance in African literature. London; New York: Routledge, 1997.

NUNES, Benedito. Tempo. In: JOBIM, José Luis (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1995.

OLIVEIRA, Joanita Baú de. **Jogos de carta**: a narrativa epistolar em livros, hipertextos e videojogos. Orientadora: Ermelinda Ferreira. 2020. 243 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

PAULME, Denise. **As civilizações africanas**. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1996.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Unicamp, 2013.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa**: O texto, a ficção e a narração. Tradução de Mario Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RICHARD, Nelly. **Intervenções críticas**: artes, cultura, gênero e política. Tradução de Rômulo Montes Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

ROSSI, Aparecido Donizete. **Segredos do sótão**: Feminismo e escritura na obra de Kate Chopin. Orientador: Alcides Cardoso dos Santos. 2011. 387 f. Tese (Doutorado

em Estudos Literários), Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara - SP, 2011.

RUTHVEN, Malise. Woman and family. *In: Islam: A very short introduction*. New York: Oxford University Press Inc, 2012. p. xv; 100-125

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. *In: Ora (direis) puxar conversa!* Ensaios literários. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 59-95.

SCHIMIDT, Rita Terezinha. Da ginolatria à genologia: sobre a função teórica e a prática feminista. *In: FUNCK, Suzana Borneo (org.) Invocando ideias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Pós-graduação em Inglês/Universidade Federal de Santa Catarina, 1994. p. 23 - 32

SENEGAL. **Code de la famille sénégalais**. 1978. Disponível em: <https://www.refworld.org/pdfid/4da6e78c2.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. *In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57

SOARES, Vera Lúcia. **A escritura dos silêncios**: Assia Djebar e o discurso do colonizado no feminino. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 1998.

SOUZA, Juliana Cristina Terra de. **Da leitura à desleitura**: O revisionismo crítico da tradição em *The mist of Avalon*. Orientador: Aparecido Donizete Rossi. 2019. 190 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara – SP, 2019.

TAGLIACOZZI, Sara. *Elle sera...* Prophetisme artistique et creation feminine dans l'oeuvre de werewere Linking. *In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. (org). A mulher em África: Vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

UNESCO. **Femmes dans l’histoire de l’Afrique**. Disponível em: <https://en.unesco.org/womeninafrica/mariama-ba-0/pedagogical-unit/3>. Acesso em: 22 abr. 2020.

UNESCO. **Mariama Ba and the women’s movement in Senegal**. Disponível em: <https://fr.unesco.org/womeninafrica/mariama-b%C3%A2/biography#:~:text=Biographie,se%20charge%20de%20son%20%C3%A9ducation>. Acesso em: 22 abr. 2020.

VOLET, Jean-Marie. **"Mariama Bâ ou les allées d'un destin", une biographie de Mariama Bâ par Mame Coumba NDIAYE**. 2007. Disponível em: https://aflit.arts.uwa.edu.au/reviewfr_ba09.html. Acesso em: 15 abr. 2020.

VOLET, Jean-Marie. Romancières francophones d’Afrique noire: vingt ans d’activité littéraire à découvrir. **The Franch Review**, v. 65, n. 5, p. 765-773, abr. 1992. Disponível em: www.jstor.org/stable/395316. Acesso em: 15 nov. 2019.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero**: A construção da identidade feminina. Caixias do Sul, RS: Educs, 2006.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. *In*: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org.). **Teoria literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005.